PARA ALÉM DA EXPLICAÇÃO

JENNY RANDLES

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

PARA LÁ DA EXPLICAÇÃO?

As Experiências Paranormais de Pessoas Famosas

JENNY RANDLES, 1985

Índice

Introdução
O Outro Lado das Pessoas Famosas
Estranhos Caprichos do Destino
Maldições!
Memórias de Outra Vida
Figuras Públicas e o Paranormal
A Vida Psíquica dos Líderes Mundiais
A Inspiração dos Escritores
Viagem ao Mistério Musical
Fantasmas e Artistas do Espetáculo
As Vidas Psíquicas de Hollywood
As Estrelas e a Vida Depois da Morte
Vozes Famosas Vindas do Túmulo
Conclusões
Secção de Referência
Bibliografia e Discografia
Definições de Termos
Índice de Pessoas
Índice Geral
Índice de Profissões

À memória do Dr. John Randall

Oh Doutor — Homem imortal
Como pudeste morrer?
Como a chama de uma vela tremeluz e desaparece na escuridão
Como um ator que tristemente abandona o seu papel
Mas eu recordarei
Como poderia esquecer?
Os feitos que realizaste viverão para sempre
Porque o tempo pode passar
E o homem pode passar
Mas o bem — esse sobreviverá sempre

Agradecimentos

Pela ajuda prestada na minha investigação, agradeço a todos os funcionários da revista *Fate*, no Illinois, aos funcionários da Radio City, em Liverpool, e à organização da SPR pelo trabalho que realizaram.

À cidade de Filadélfia, tão sincronística e encantadora (especialmente à sua estação ferroviária).

Um agradecimento especial à ASSAP pelas novas ideias que está a trazer para este campo.

Individualmente, reconheço a ajuda das seguintes pessoas pelas informações fornecidas: Larry Arnold, Joe Keeton, Dick Kleiner, Ken e Ann Phillips, Gaynor e Marion Sunderland, Bill Tenuto, Nigel Watson e Rhys Williams.

E, pelas suas informações e ideias, tenho enorme respeito pelo trabalho de muitos outros, incluindo: Rodney Jones, Dr. Rupert Sheldrake, Dr. Lyall Watson e Ian Watson.

A minha sincera gratidão é igualmente devida aos escritores, artistas e (especialmente) músicos cujos direitos de autor respeito, mas cujas palavras precisam de ser ouvidas. Um agradecimento adicional a Judith Starchild pela sua ajuda e inspiração.

Por fim, a todos aqueles que omiti por acidente — sem esquecer John Lennon (que imagino que ficaria justamente ofendido se eu o deixasse de fora!).

Introdução

Toda a gente gosta de uma boa história. Ela anima qualquer festa e quase garante uma ascensão na escala social. Mais ainda, as pessoas adoram histórias assustadoras sobre fantasmas, coisas que fazem barulho durante a noite, estranhas predições e discos voadores.

Existem muitas dessas anedotas aqui. Espero que proporcionem interesse e prazer, talvez dando-lhe a oportunidade de também contar algumas histórias. Contudo, para além dessa intenção, tenho em mente um propósito bastante mais sério.

O livro foi construído em torno de pessoas famosas, celebridades de várias áreas da vida, algumas do passado e outras contemporâneas. Espero

que isso ofereça uma âncora para os relatos estranhos e fantásticos com que se irá confrontar. É muito fácil ouvir dizer que o Sr. Silva, de uma localidade qualquer, viu uma luz estranha no céu certa noite, ou que a Sra. Pereira, de uma aldeia remota, viu o fantasma da sua falecida Tia Maria. Mas essas coisas significam muito pouco, a menos que sejamos amigos do Sr. Silva ou familiares da Sra. Pereira (ou, nesse caso, a própria Tia Maria falecida!). É demasiado fácil persuadirmo-nos de que… bem, é apenas um livro, estas pessoas não são reais.

Com as histórias que aqui apresento, não dispõe dessa escapatória. Pode tentar desvalorizar a realidade dos acontecimentos, mas não pode ignorar quem os relata. Abraham Lincoln, Tommy Steele, John Lennon, Jules Verne e todos os outros presentes neste livro são pessoas reais. O facto de terem vivido estes alegados encontros torna as histórias ainda mais interessantes e ainda mais «verdadeiras».

Existe outra vantagem em escrever um livro sobre fenómenos estranhos do ponto de vista de pessoas famosas. Eu própria sou investigadora destas questões. Num sentido lato, suponho que isso significa que acredito que estas coisas podem acontecer — o que não é o mesmo que acreditar que aconteceram sempre, apenas porque alguém o afirma. Orgulho-me de ser razoavelmente cética.

As ideias populares acerca da origem de um fantasma ou de um disco voador não têm necessariamente de constituir a explicação mais plausível. Por vezes, encontra-se uma resposta mais terrena ou, ocasionalmente, ainda mais espantosa do que aquilo que esperaríamos. É precisamente isso que torna tão emocionante a procura de anomalias. É preciso desempenhar o papel de detetive, recolher depoimentos, encontrar pistas, juntar as peças de um complexo puzzle e, por fim, chegar a uma conclusão. O que aconteceu realmente às duas da manhã, quando uma massa espectral branca surgiu brevemente junto à cama do Coronel Fulano?

É disso que trata a ASSAP (*Association for the Scientific Study of Anomalous Phenomena* — Associação para o Estudo Científico dos Fenómenos Anómalos)[1]. Gosto do trabalho que realizo com eles, tal como muitos outros. Mas, acima de tudo, percebo que isto não é apenas um jogo.

Muitas pessoas vivem experiências anómalas e acabam assustadas ou confusas, sem qualquer ideia de a quem recorrer. Os vizinhos riem-se. A família sente pena delas. A polícia ouve atentamente e depois arquiva o relatório na sua «pasta dos malucos», que normalmente serve também de caixote do lixo. E os cientistas, ou os muitos autoproclamados especialistas dos meios de comunicação, dir-lhe-ão que aquilo que viu não pode ter acontecido; é uma impossibilidade.

Imagine-se vítima confusa de uma situação dessas. Sei, pelos meus doze anos de investigação, que muitos dos que leem este livro terão sido essas vítimas, tal como alguns o procurarão apenas por entretenimento. O número de pessoas que acredita ter tido um encontro com o paranormal é surpreendentemente elevado. Provavelmente mais de cinquenta por cento da população já enfrentou uma situação que o senso comum simplesmente não consegue explicar.

Eu própria tive algumas pequenas incursões em certos temas que iremos explorar. E nisso não existe nada de estranho. Tendo a pensar que a maioria de nós se confronta diretamente com o paranormal sem sequer se aperceber disso. Ainda assim, esses «especialistas» (que estão em minoria e geralmente nunca enfrentaram o problema em primeira mão) continuarão a dizer-nos que a nossa visão falhou, que adormecemos sem dar conta ou — se forem menos gentis do que a maioria dos seus pares — sugerirão que estávamos embriagados ou somos «propensos à fantasia». Esta última expressão é a forma elegante de nos chamarem loucos!

A verdade honesta é que muitas testemunhas de fenómenos estranhos não se enquadram em nenhuma dessas categorias. São pessoas simples, honestas e fiáveis, que observaram genuinamente algo em circunstâncias credíveis e que toda a sua experiência anterior lhes diz ser impossível.

Quando o impossível acontece, é um choque para o sistema. Passamos a questionar mais do que apenas a nossa sanidade. Podemos até começar a duvidar de que o mundo tal como o conhecemos seja realmente o mundo como ele é.

A nossa sociedade tem dificuldade em lidar com estas estranhas anomalias. Faz grandes esforços para fingir que elas não existem. Contudo, a totalidade da nossa História prova que essa é uma ilusão falsa e perigosa. Estamos a perder coisas extremamente interessantes e talvez até

extremamente importantes. Nunca se faz desaparecer um problema indesejado lançando feitiços mágicos. Os problemas resolvem-se apenas pensando sobre eles. E, para isso, é preciso primeiro reconhecer que existem.

Tentei refletir sobre estes problemas e proponho algumas ideias quanto à sua possível solução, mas não espero que aceite as minhas palavras sem questionar. Sou obrigada a confiar na palavra das testemunhas, porque, por vezes, as teorias que construo dependem totalmente da sua integridade. Assim, deve questionar aquilo que digo e pensar por si próprio. No final, essa é a única via verdadeira para a iluminação. Como escrevi certa vez: «Só tu podes encontrar todas as respostas para as tuas perguntas.»

Milhões de pessoas, sem exagero, viveram experiências semelhantes às que irá ler neste livro. Muitas delas não contaram praticamente a ninguém (talvez mesmo a ninguém) o que aconteceu. Fazem-no por receio do ridículo, de danos no seu estatuto social ou porque acreditam que os profetas televisivos devem ter razão quando afirmam que tais coisas não podem ocorrer.

Este livro pretende ser uma espécie de estímulo mental para esses desafortunados. É um reforço da autoestima e um auxílio moral. Descobrir que as figuras famosas com quem todos partilhamos a vida são humanas e falíveis como nós já é, por si só, reconfortante; mas perceber que também elas enfrentam o desconhecido e têm a coragem de o admitir talvez seja uma lição digna de reflexão.

E será certamente encorajador para quem teve recentemente uma experiência estranha descobrir que estas coisas nem sempre arruínam a vida, não anunciam necessariamente um colapso mental nem sinalizam desastre ou morte. Muitas vezes, podem ser iluminadoras e deram origem a grandes invenções e magníficas obras criativas, ou serviram de aviso para impedir situações perigosas ou desagradáveis.

O paranormal não é algo de que devamos ter medo. Não devemos encará-lo da mesma forma que um aborígene outrora olhava para um avião a sobrevoar os céus — como um fantasma maligno ou aterrador. Pelo contrário, trata-se de uma faceta maravilhosa e fascinante da vida humana.

A única coisa que isto realmente demonstra é que somos criaturas incríveis, dotadas de profundezas inimagináveis por explorar, profundezas maiores do que os oceanos deste mundo ou do espaço — e, ainda assim, tão pouco conhecidas por nós.

Um dia, a humanidade perceberá que, por muito menos dinheiro do que o custo de um único foguetão, poderíamos visitar um universo espantoso que está tão próximo que o tomamos por garantido. Esse universo encontra-se dentro de nós. É o universo do homem.

Leia estas histórias com interesse e divertimento, mas também com reverência, porque as emoções que inspiram podem ser tudo isso ao mesmo tempo.

No entanto, por favor, não se esqueça, ao virar cada página, de que aquilo que o seu ator, comediante ou artista favorito afirma é apenas um exemplo entre milhares de experiências muito semelhantes. É apenas um grão de areia no meio do Sara.

Lembre-se de que estas coisas podem acontecer tanto a pessoas famosas como a pessoas comuns; não importa se se é lixeiro ou duquesa, tipógrafo ou presidente, leiteiro ou milionário. Este é o verdadeiro maravilhamento do nosso grande e misterioso mundo.

Um dia — e pode até ser hoje — poderá ser a pessoa que sonha o futuro antes de ele acontecer ou que desperta para encontrar um estranho visitante junto da cama. Nesse momento, tornar-se-á mais um grão de areia nesse deserto.

Quando isso acontecer, este livro poderá ajudá-lo a enfrentar as consequências com tranquila expectativa, porque terá acabado de atravessar o véu ténue que separa aquilo a que outrora chamava o «mundo real» da terra das ilusões.

Por fim compreenderá o verdadeiro significado das palavras «Nada é impossível». Porque nada o é… bem, quase nada.

1.

O Outro Lado das Pessoas Famosas

«Se tivesse de viver tudo de novo, dedicar-me-ia à investigação psíquica.» — Sigmund Freud.

«Holmes — algo se escondeu por baixo deste cogumelo.»

O detetive baixou-se para inspecionar a substância e ergueu-se de novo, acenando brevemente e soltando uma baforada do cachimbo.

«Watson — deduzo que se tratava de uma pequena criatura, com cerca de dez centímetros de altura, corpo leve e etéreo, usando um vestido delicado e vaporoso, e dotada de asas de perfeição celestial.»

«Está a dizer que…?»

«Sim, sem dúvida… era uma fada.»

Dr. Watson encarou o colega firmemente, mãos na cintura, e balbuciou levemente perante a brisa da madrugada.

«Mas… como pode saber isso, Holmes?»

«Elementar, meu caro Watson. Elementar.»

Esta passagem imaginária e caprichosa da obra do grande escritor Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes, ilustra bem um ponto importante: Conan Doyle, apesar do brilhantismo na ficção, era um homem profundamente interessado em tudo o que dizia respeito ao paranormal. Alguns chamariam a isso abertura de espírito; outros, pura credulidade (até porque sabemos que foi enganado por uma das maiores fraudes do século XX), pois Conan Doyle promoveu ativamente a existência de várias espécies de criaturas de outro mundo (ou elementais, como são conhecidas). Em particular, acreditava em fadas.

Conan Doyle era um homem aventureiro, não muito diferente da sua personagem Professor Challenger. Juntamente com o seu colega escritor Robert Louis Stevenson, aderiu à *Society for Psychical Research* (SPR)[2]. Aliás, os dois trocavam correspondência iniciando as cartas com «Caro Companheiro Caçador de Fantasmas».

Embora Conan Doyle não se considerasse um médium, tinha certamente lampejos intuitivos acerca do futuro, que utilizava eficazmente nos seus escritos. Em 1913 escreveu *Danger*, obra que descrevia com exatidão a ameaça dos submarinos alemães na guerra que se aproximava.

Stevenson também não estava isento de talentos semelhantes. Criou o clássico *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* a partir de um sonho particularmente vívido que teve enquanto procurava uma forma de expressar a moral

subjacente à ideia. Recordava-se perfeitamente do sonho, e os resultados falam por si. (Voltaremos mais adiante a esta interessante capacidade comum entre escritores.)

Acabaria por acontecer que Conan Doyle abandonou totalmente a ficção (para grande desilusão dos seus muitos admiradores). Passou então a dedicar-se a uma espécie de cruzada pessoal, dando palestras e escrevendo sobre aquilo que considerava ser a realidade da vida após a morte. Para ele, esse seria o seu verdadeiro propósito final.

É triste, contudo, que não seja mais recordado por essas louváveis aventuras no mundo paranormal. Em vez disso, a maioria recorda o episódio de 1920, quando escrevia um artigo para a revista *Strand*, posteriormente intitulado «As Fadas Fotografadas».

Na primeira versão do artigo, Conan Doyle apresentava a sua crença nestas criaturas, mas admitia não possuir provas. Depois, por acaso, descobriu algumas fotografias tiradas por duas adolescentes, Elsie Wright e Frances Griffiths, num vale arborizado em Cottingley, West Yorkshire. Essas imagens não mudaram apenas o título do artigo: mudaram-lhe a vida.

As fotografias mostram as raparigas a brincar com fadas e gnomos entre árvores e erva. Foram tiradas cinco fotografias ao todo. Contudo, «convincente» é provavelmente a última palavra que lhes poderíamos aplicar. As fadas parecem recortes de cartão e, numa das imagens, a criatura central é completamente ignorada por Frances, que prefere olhar para a objetiva da máquina fotográfica.

A explicação «oficial» era que as raparigas estavam habituadas a ver fadas — mas uma máquina fotográfica, isso sim, era algo muito mais interessante!

Conan Doyle queria acreditar que as fotografias eram genuínas e ignorou todos os problemas evidentes associados às mesmas. Também não se preocupou quando as raparigas fracassaram miseravelmente em repetir os seus resultados espetaculares durante tentativas posteriores naquele local, apesar de insistirem que o lugar estava sempre cheio de fadas.

Ignorando todos os obstáculos, Conan Doyle declarou as fotografias prova conclusiva e expandiu o artigo para um livro, *The Coming of the Fairies*, que, previsivelmente, vendeu bastante bem.

Infelizmente para Conan Doyle — e para todos os amantes de fadas — estas fotografias, que se tornaram famosas em todo o mundo, eram precisamente as falsificações que uma primeira impressão levava a suspeitar.

Elsie e Frances riram-se silenciosamente de todos nós durante sessenta anos, enquanto as provas contra elas se acumulavam lentamente. Os talentos artísticos de Elsie eram bem conhecidos e o penteado das elementais, típico de 1917, parecia muito mais provável de ter saído do seu lápis do que da terra de Magonia.[3]

Eventualmente, descobriu-se o livro de onde as fadas tinham sido copiadas. Técnicas de aperfeiçoamento informático, desenvolvidas na era espacial, foram igualmente utilizadas por um grupo normalmente dedicado à análise de fotografias de OVNIs.[4]

Os resultados foram devastadores. As fadas eram bidimensionais (nem sequer tridimensionais, quanto mais quadridimensionais!) e havia sinais claros de fabricação. O veredicto cumulativo foi inequívoco: tratava-se de falsificações.

Em 1975, Elsie foi localizada por um repórter televisivo e concedeu a sua primeira entrevista em muitos anos. Confrontada com as provas crescentes, afirmou que as fotografias eram «fotografias de produtos da nossa imaginação». Parece uma explicação razoável, mas, pressionada a clarificar esta frase ambígua, continuou a insistir que as imagens eram reais.

Só vários anos depois Elsie confessou finalmente a fraude, e Frances confirmou a história. No entanto, ambas permaneceram firmes na afirmação de que realmente tinham visto fadas naquele vale — e Frances chegou mesmo (de forma inexplicável) a afirmar que apenas quatro das cinco fotografias eram falsas. Uma delas seria genuína!

A forma como Arthur Conan Doyle, sem dúvida um homem inteligente e imaginativo, se deixou dominar pelas próprias crenças, ignorando os padrões científicos normais de prova (com os quais estava familiarizado devido à sua formação médica), deve servir de aviso a todos os que se deixam enredar no mundo dos fenómenos estranhos.

O facto de os investigadores modernos procurarem ser mais objetivos demonstra-se na forma como os seus esforços combinados acabaram por desmontar gradualmente as frágeis provas.

Certamente isso é preferível à atitude da ciência institucional, bem exemplificada pelos analistas fotográficos da Kodak, convidados a pronunciar-se sobre o estatuto das imagens quando Conan Doyle começou a promovê-las. A Kodak declarou que as imagens obviamente não podiam representar fadas, pela eminentemente científica razão de que não existem fadas para serem fotografadas!

Gosto de pensar que Doyle acolheria de bom grado qualquer tentativa de repor a verdade e admitiria francamente ter feito uma enorme figura ridícula. Caso contrário, Holmes teria certamente ficado muito desapontado com ele.

Arthur Conan Doyle e Robert Louis Stevenson estavam longe de ser as únicas figuras famosas a participar nos primeiros anos da SPR (*Society for Psychical Research*). Na verdade, as listas de membros da Sociedade pareciam frequentemente autênticos «Quem é Quem» da época.

A SPR iniciou actividades em 1882, após uma vaga de sessões espíritas e espiritualismo se espalhar pela Grã-Bretanha. Os pioneiros, incluindo o famoso físico Sir William Barrett e o brilhante estudioso clássico Frederick Myers, estavam determinados a aplicar princípios científicos à investigação destes fenómenos.

Ao longo do século seguinte, estes homens e os seus sucessores atraíram para a causa uma diversidade tão grande de talentos que qualquer pessoa que deseje considerar os estudiosos do paranormal como «excêntricos» terá de rever a sua opinião acerca de inúmeras figuras respeitadas.

Na ciência houve muitos apoiantes, desde físicos como Sir Oliver Lodge e Sir William Crookes, passando por astrónomos como Camille Flammarion, até ao fisiologista Charles Richet, vencedor do Prémio Nobel.

Houve filósofos e psicólogos, como Henri Bergson e William James. Houve até primeiros-ministros, incluindo Lord Balfour, que governou o país entre 1902 e 1906, precisamente numa época em que também desempenhava o cargo de presidente da SPR.

Imagine-se hoje algo semelhante! Margaret Thatcher — caçadora de fantasmas? Parece improvável.

Mas a SPR não pertence apenas ao passado. Ainda hoje mantém diversidade e inclui cientistas ativos e reconhecidos nas áreas da matemática, física, biologia, entre outras.

O seu sucesso ilustra-se melhor pelo facto de algumas universidades possuírem atualmente parapsicólogos nos seus quadros (designação adotada pelos cientistas desta área para obterem maior aceitação entre os colegas).

Aliás, o filósofo Arthur Koestler, também ele adepto da SPR, deixou um milhão de libras no seu testamento e, em 1984, esse dinheiro foi utilizado para criar um departamento de investigação a tempo inteiro na Universidade de Edimburgo, aplicando as diretrizes da SPR.

Um século após a sua fundação, a Sociedade ainda não provou definitivamente as suas teses, mas procura métodos cada vez mais sofisticados para o fazer. As suas experiências científicas acompanharam o crescimento da tecnologia moderna, e a atual geração de investigadores, como Dr. Julian Isaacs e Dr. Carl Sargeant, utiliza computadores e eletrónica para procurar as bases da telepatia (comunicação mente-a-mente) e da psicocinese (movimento de objetos por meios aparentemente não físicos).

Este trabalho é magnífico e vital. Eu própria fui membro da SPR (embora já não o seja) e apoio os seus objetivos fundamentais na medida do possível.

O problema é que a Sociedade se esforça excessivamente por ser científica. Não há nada de particularmente errado nisso, mas tal atitude leva os seus membros a concentrarem-se apenas em áreas relativamente áridas, como as anteriormente mencionadas. Pouco esforço é dedicado às anomalias espontâneas.

Em muitos aspetos, a SPR perdeu o contacto com as necessidades e experiências das pessoas comuns que enfrentam o mundo paranormal,

Foi este modo de pensar que esteve por detrás da criação da ASSAP (Association for the Scientific Study of Anomalous Phenomena — Associação para o Estudo Científico dos Fenómenos Anómalos), formada

como uma espécie de dissidência da SPR[1], em 1981. A ASSAP considera certamente o seu papel e o da sua "organização-mãe" como mutuamente compatíveis, e procura concentrar-se tanto numa maior diversidade de fenómenos (reconhecendo que poderão existir inter-relações úteis a descobrir) como também dedicar a sua atenção a experiências espontâneas (tais como aparições, deslizamentos temporais, premonições, etc.).

Não é exigida formação científica para ser investigador de campo da ASSAP, embora a formação em serviço seja uma característica fundamental, e certos princípios de investigação científica sejam obrigatórios (incluindo um código de ética).

Dois outros nomes a figurarem nos anais da história da SPR são talvez os mais conhecidos "cientistas da mente" do século XX. São homens que moldaram todo o padrão do pensamento atual nesta área: Sigmund Freud e Carl Jung.

Freud, o pioneiro da psicanálise e da interpretação dos sonhos, não era adepto daquilo a que chamava "o oculto". Na verdade, tendia a lamentar aqueles que, segundo argumentava, seguiam "a negra maré de lama do ocultismo". Mas teve uma relação intermitente de fascínio com a telepatia e juntou-se à SPR para aprofundar o estudo do fenómeno. Nunca ficou totalmente convencido pelas provas, mas algumas experiências com os seus pacientes intrigaram-no o suficiente para manter a mente aberta. Por exemplo, registou um caso em que uma paciente alegou que uma cartomante lhe oferecera uma leitura sobre um amigo, afirmando que este morreria nesse Verão por comer marisco envenenado. Na realidade, o homem quase morrera por esse motivo e essa informação encontrava-se, portanto, algures no seu subconsciente no momento da "leitura". Freud interpretou a "previsão" mais provavelmente como uma "mensagem telepática" entre a cartomante e a cliente.

Na verdade, apesar da sua ambivalência em relação ao assunto, Freud estava suficientemente preocupado com a relação entre telepatia e previsão para se interrogar seriamente se algumas discussões e planos que fizera inocentemente acerca da futura morte do pai teriam sido responsáveis pelo facto de, alguns meses depois, o velho homem adoecer gravemente. O pai de Freud tinha oitenta e um anos na altura, pelo que se poderá considerar esta atitude estranha, mas Freud escreveu: "Há certas coisas que nem

sequer devem ser mencionadas em tom de brincadeira, caso contrário tornam-se realidade."

Carl Gustav Jung, nascido na Suíça, tornou-se o mais imaginativo teorizador psicológico do século XX. Ao contrário da vida de Freud, a sua esteve mergulhada em fenómenos estranhos, e ele tornou-se um defensor declarado da telepatia, da precognição e (para surpresa de muita gente) da astrologia.

A família de Jung tinha um historial de acontecimentos peculiares. A sua mãe registava regularmente as próprias precognições, e as muitas "coincidências" que ocorreram durante a sua vida ajudaram a alimentar a apaixonada preocupação do filho. Em 1898 foram registados em casa dois exemplos dramáticos de psicocinese[2], ambos acompanhados por estrondos fortes, semelhantes a tiros de arma. No primeiro caso, Jung e a mãe encontraram uma mesa de nogueira completamente rachada ao meio. No outro, o som pareceu surgir de um aparador, dentro do qual foi descoberta uma faca partida em quatro pedaços. Estes acontecimentos têm muito em comum com aquilo a que hoje chamaríamos "manifestações poltergeist"; ambos são considerados por investigadores sérios como explosões incontroladas da misteriosa energia PK (psicocinética).

Como a mãe estava presente em ambas as ocasiões (e Jung não), parece provável que ela fosse o foco através do qual a energia foi exteriorizada, mas o papel de Jung dificilmente terá sido incidental.

Em 1907 Jung conheceu Freud e tornaram-se amigos íntimos, embora discordassem em muitos aspetos (e mais tarde se tenham incompatibilizado). Em 1909 Jung foi a Viena visitar o colega e discutiram o paranormal. Jung relatou o incidente da faca partida, ao que Freud respondeu apenas: "Disparate!" Antes que Jung pudesse formular uma resposta consciente, o seu subconsciente poderá ter agido por ele. Diz ele que a sua irritação cresceu até uma "sensação curiosa" no diafragma, como se este fosse "feito de ferro e estivesse a ficar em brasa". Ouviu-se então uma estranha e forte "explosão" proveniente da estante de Freud, do outro lado da sala. Jung comentou que provavelmente aconteceria outra vez e, momentos depois, aconteceu mesmo. Freud deixaria de ridicularizar o paranormal. Em vez disso, reagiu da outra forma típica do cientista institucional: preferindo não voltar a falar do assunto.

Jung prosseguiu então o desenvolvimento das suas ideias visionárias acerca dos complexos psicológicos, dos extrovertidos e introvertidos e do inconsciente coletivo. Através disto começou a procurar "arquétipos" dentro da sociedade humana, os quais acreditava serem influências poderosas no pensamento inconsciente (e, consequentemente, no comportamento). Para isso estudou extensivamente mitos, magia e fenómenos psíquicos, testemunhando ocasionalmente acontecimentos que ele próprio considerava genuínos. Teve uma visão estranha acerca da cidade de Liverpool (na qual a via como um reflexo da expressão "pool of life" — "poço da vida") e parece também ter pressentido a horrível intensidade emocional da Primeira Guerra Mundial antes de esta ocorrer — gerando assim uma espécie de premonição dos terrores vindouros. Dois anos antes de morrer, em 1959, publicou inclusivamente um dos livros mais perspicazes sobre OVNIs[3] — tal era a amplitude do seu pensamento.

Jung uniu-se ao famoso físico Dr. Wolfgang Pauli para criar uma elaborada teoria conhecida como "sincronicidade". Através dela procurou explicar que todos os acontecimentos se relacionam entre si através do tempo e do espaço. Considerava a mente como a principal causa daquilo que mais tarde surge como coincidência, e via nisso uma forma de explicar a astrologia, a antiga superstição que acolhera com entusiasmo e tratara como ciência. Pauli, como um dos pais da física subatómica conhecida como "Mecânica Quântica", debatia-se com mistérios desconcertantes que ainda hoje atormentam esta disciplina. Conseguia imaginar a mente (ou, mais apropriadamente, a consciência em geral) como a variável em falta em todas as equações que, de outro modo, simplesmente não resultavam. "Aquilo que nasce ou é feito num determinado momento possui todas as características desse momento no tempo" foi a forma poética como Carl Jung expressou as suas ideias.

Embora isto possa parecer mais um grande homem a render-se ao mistério e à superstição, talvez seja oportuno salientar que a astrologia possui alguma pretensão legítima a ser considerada uma "ciência" — nem que seja pela duração da sua persistência e pelo número de culturas antigas que a "inventaram". Durante grande parte da história da civilização, esteve unida à astronomia e à cosmologia, e todas as figuras famosas desses campos foram também (e muitas vezes principalmente) astrólogos. De Ptolomeu a Tycho Brahe, incluindo um dos mais famosos filhos de Inglaterra, Sir Isaac Newton, todos estudaram e utilizaram esta disciplina

no seu trabalho e continuaram a acreditar na sua eficácia. Fizeram-no não por delírio cego, como a maioria dos cientistas modernos assume, mas porque a tinham testado na prática e a consideravam válida. Estes homens desafiaram as crenças mais básicas da humanidade e substituíram-nas por hipóteses ousadas e inovadoras. Seriam realmente suficientemente tolos para perpetuar um disparate? O próprio Newton resumiu a questão quando lhe perguntaram por que motivo, nos dias do renascimento científico, podia apoiar a falácia da astrologia. "Meu senhor", terá respondido, "eu estudei-a. O senhor não."

Já nos cruzámos com astrologia, previsão, psicocinese e seres elementais nesta viagem introdutória pelos grandes nomes do passado. Mas literalmente todo o tipo de fenómeno estranho foi partilhado pelos famosos, tanto então como agora. Passemos por uma miscelânea de histórias em ordem aproximadamente cronológica (mas sem qualquer outra lógica específica). Pelo caminho apontarei algumas coisas que retomaremos mais detalhadamente adiante neste livro.

Charles Dickens demonstrou o fascínio que os mistérios exercem sobre as nossas mentes. Frequentemente explorava pequenas anedotas de fenómenos estranhos e escrevia histórias à volta delas. Na verdade, era pessoalmente fascinado pelo enigma da combustão humana espontânea e foi uma das primeiras autoridades com vastos conhecimentos sobre o assunto. No seu romance *Bleak House*, permitiu deliberadamente que o vilão apropriadamente chamado Krook morresse dessa forma — baseando o acontecimento em episódios reais.

Ainda hoje ninguém sabe exatamente o que é a combustão humana espontânea. Mas existem atualmente muitos relatos fiáveis, acompanhados de perturbadoras provas fotográficas que sustentam a sua realidade. Tipicamente, a vítima simplesmente entra em combustão sem razão aparente e arde de dentro para fora, muitas vezes com uma chama azulada. Testemunhas oculares que observaram o fenómeno afirmam que a chama não pode ser extinta e que o corpo é rapidamente consumido. Como é necessário um calor incrível para reduzir ossos a cinzas, percebe-se rapidamente a dificuldade do problema. Os investigadores de incêndios descobrem que os danos são sempre localizados — na verdade, é este facto que chama a atenção para o mistério em primeiro lugar. Os restos da vítima (que podem resumir-se a apenas uma perna sobre um monte de cinzas!)

jazem num monte, mas os móveis e carpetes circundantes permanecem praticamente intactos. Claramente, o calor intenso resultante da destruição do corpo deveria provocar muito mais danos do que isso, senão mesmo incendiar a casa inteira.

Larry Arnold, um dos principais investigadores mundiais deste fenómeno, contou-me que chefes de bombeiros e médicos normalmente recusam reconhecer que a combustão espontânea ocorre verdadeiramente. Mas os seus arquivos de testemunhos e fotografias explícitas demonstram sem margem para dúvidas que parece acontecer com maior frequência do que imaginamos. Esta recusa em admitir a existência de um problema aparentemente insolúvel é infelizmente muito comum.

As teorias sobre aquilo que realmente ocorre durante a combustão humana espontânea variam desde a súbita formação de relâmpagos globulares dentro do corpo da pessoa, ou uma alteração dramática no seu equilíbrio químico, até radiação de micro-ondas gerada por mudanças na intensidade do campo eletromagnético da vítima. Seja qual for a verdade acerca deste fenómeno bizarro e felizmente raro, provavelmente teremos de reconhecer, em última análise, que Charles Dickens foi um dos seus primeiros defensores.

Dickens contribuiu ainda com outra pequena história relevante. A sua imagem do fantasma de Marley a aparecer a Scrooge em *A Christmas Carol* é talvez uma das mais dramáticas criações visuais de um escritor. A bola de ferro e a corrente que prendem o fantasma na maioria das representações ilustradas da cena não se baseiam em experiências reais. Nenhum fantasma aparece com tais impedimentos. Trata-se antes de uma espécie de reflexo pictórico de uma crença cultural sobre fantasmas, tão prevalecente agora como no século passado.

O fantasma é considerado por muitos como um espírito morto que, de algum modo, ficou preso ao plano terrestre e incapaz de escapar para as dimensões superiores da vida após a morte. Daí a bola e a corrente, como analogia conveniente desse "aprisionamento". Na verdade, Charles Dickens poderá muito bem ter sido o último a rir-se de todos nós. No Capítulo 12 analisaremos o seu muito estranho "regresso" do "mundo para além da sepultura".

Sam Clemens poderá muito bem ser considerado o Charles Dickens da América, embora lhe seja provavelmente mais familiar pelo pseudónimo Mark Twain. Antes de se tornar romancista, trabalhou com o irmão Henry num barco a vapor que navegava no Mississippi, e foi aí que se confrontou com o inexplicável.

Sam teve uma discussão com o patrão e foi transferido para outro barco, mas Henry permaneceu no original. Enquanto estava em terra durante uma visita, Sam teve então um sonho vívido e terrível, no qual viu o irmão num caixão pousado sobre duas cadeiras. Sobre o peito havia um ramo de flores brancas com uma única rosa vermelha ao centro. O barco de Henry seguiu rio abaixo e o de Sam partiu um pouco depois. Ao chegar ao porto, recebeu a notícia de que o seu antigo vapor explodira, matando 150 pessoas. Henry sobrevivera, mas estava mortalmente ferido. Seis dias mais tarde Sam velava junto ao leito do irmão até este sucumbir. Exausto e mergulhado na dor, adormeceu, apenas para despertar e encontrar a cena exatamente como no sonho. Faltavam apenas as flores, mas uma mulher aproximava-se do corpo e colocava sobre ele um ramo de flores brancas com uma única rosa vermelha ao centro.

Sonhos precognitivos tão vívidos não são de todo raros. O ator David Janssen, protagonista da famosa série televisiva *The Fugitive*, teve um particularmente perturbador. Viu-se a ser transportado num caixão e, quando perguntou no sonho o que acontecera, disseram-lhe que David Janssen sofrera um ataque cardíaco. Ficou suficientemente abalado para procurar aconselhamento junto de uma médium local, e ela disse-lhe que fizesse um exame médico. Infelizmente já era tarde. Dois dias depois, um ataque cardíaco fulminante matou-o realmente.

Encontraremos muitos outros exemplos semelhantes ao longo deste livro, e defendo que todos nós experienciamos sonhos do futuro com alguma regularidade. Digo-o com base na minha própria experiência e experimentação, que, sendo justo dizê-lo claramente, demonstrou inteiramente para minha satisfação a realidade deste tipo particular de anomalia.

Contudo, vale a pena registar outra experiência descrita por Sam Clemens/Mark Twain. Ele observava distraidamente um homem aproximar-se de uma casa próxima quando, subitamente (num abrir e fechar de olhos), esse homem desapareceu. Parece uma história de

fantasmas, mas não é, porque, ao contrário de muitos que poderiam ter vivido algo semelhante e presumido tratar-se de um fantasma, Clemens foi até à casa verificar. Efetivamente, o homem estava lá dentro. Simplesmente não fora visto a entrar. O que realmente acontecera foi que Clemens sofrera um breve "lapso temporal", talvez de apenas alguns segundos ou talvez alguns minutos, durante o qual esteve inconsciente. Quando recuperou a consciência, continuava exatamente onde estava antes, de modo que a única coisa que mudara no mundo exterior fora o aparecimento/desaparecimento do homem, e Sam Clemens não tinha forma de saber que sofrera esse estranho episódio.

Uma experiência tão notável é atualmente banal para os investigadores modernos de OVNIs. Um bom paralelo é o caso do agente policial Alan Godfrey, de West Yorkshire. Conduzia à procura de gado tresmalhado numa madrugada de Novembro de 1980 quando se deparou com um estranho objeto atravessado na estrada. Depois de desenhar o "OVNI", este desapareceu num piscar de olhos, e apenas o facto de Alan parecer estar um pouco mais adiante na estrada do que antes sugeria que algo acontecera do qual não tinha memória. Contudo, foi tentado a ignorar o mistério do lapso temporal até que uma reconstrução cuidadosa indicou que cerca de quinze minutos tinham desaparecido da sua recordação.

No mundo moderno dos OVNIs existe agora uma solução pré-fabricada para esta dificuldade. A testemunha é geralmente submetida a hipnose regressiva, conduzida de volta à recordação do incidente e levada a recuperar (ou criar) uma memória (ou fantasia) do que ocorreu durante o período em branco. Quase sempre envolve abdução por estranhas criaturas alienígenas de natureza notavelmente banal e antropomórfica. E infelizmente ninguém sabe se se trata de memória, fantasia ou uma mistura das duas coisas. Contudo, deveremos supor que Mark Twain foi o primeiro homem da História alguma vez abduzido por extraterrestres? Certamente que não!

A verdade é que o escritor foi diagnosticado com uma condição interessante conhecida como narcolepsia. Os narcolépticos podem dormir por breves períodos durante atividades normais e não se apercebem disso. Acrescento que pelo menos um psicólogo (sem examinar Alan Godfrey) explicou o seu lapso temporal (embora não, claro, o OVNI original) desta forma. Mas Godfrey foi examinado por mais de meia dúzia de psiquiatras e

psicólogos e, para além da evidência secundária de vários "lapsos temporais" anteriores na juventude, não foi encontrado qualquer sinal de narcolepsia.

Certos tipos de ataques epiléticos produzem efeitos semelhantes, tal como o sonambulismo. Um amigo que sofria gravemente deste problema conta que uma noite se levantou da cama a dormir, desceu as escadas, ligou o sistema hi-fi no volume máximo e começou a dançar disco no chão da sala! Foi rapidamente conduzido de volta à cama. Apresso-me a acrescentar que não tem qualquer memória destes acontecimentos, sendo a história relatada pela sua esposa algo embaraçada.

Tudo o que podemos razoavelmente concluir destes casos é que o indivíduo entra num estado diferente de consciência durante o incidente de abdução OVNI/narcolepsia ou epilepsia/sonambulismo. Se a consciência funcionar a qualquer nível durante a experiência, poderá ser a fonte das imagens mais tarde recordadas. Embora aquilo que essas imagens são e porque surgem seja uma questão totalmente diferente, acredito que este seja um exemplo extremo daquilo a que chamo "Experiência Quase-Consciente" (ou Experiência QC, abreviadamente). O produto final não é a experiência consciente quotidiana nem fantasia subconsciente propriamente dita. É algo intermédio.

Falar de OVNIs leva-nos ao contacto com o paranormal relatado pela estrela televisiva Hughie Green, talvez mais conhecido pelo programa de talentos *Opportunity Knocks*. Foi major de aviação da RAF[4] logo após a Segunda Guerra Mundial e, no início de Julho de 1947, conduzia em direção a Filadélfia através do deserto do Novo México quando ouviu relatos muito curiosos no rádio do carro. Diziam que um "disco voador" (o termo OVNI ainda não tinha sido inventado) se despenhara e estava a ser recuperado pelas autoridades. Foram transmitidas várias atualizações, e Hughie ficou muito intrigado devido à sua experiência de voo e ao contacto durante a guerra com os chamados "foo-fighters", como eram designados os OVNIs dessa época. Ao chegar ao destino, o Major de Aviação ficou perplexo ao verificar que nenhum jornal ou estação de rádio mencionava a grande notícia, pelo que perguntou a alguns amigos dos meios de comunicação, que disseram ter ouvido alguns rumores, mas que fora imposto silêncio sobre o incidente.

Por si só, a alegação pouco significa, mas o rumor foi posteriormente investigado por ufólogos como Bill Moore, da organização Citizens Against UFO Secrecy. Isso revelou alegados testemunhos oculares dos acontecimentos que, apoiados por artigos de jornais da época na região de Roswell, Novo México, sugerem efetivamente que um estranho objeto metálico foi recuperado. Um comunicado de imprensa nesse sentido parece ter sido emitido apressadamente e por engano. Depois, os escalões superiores do governo dos Estados Unidos determinaram que deveria ser imposto sigilo sobre o assunto, sendo apresentada à imprensa uma história de cobertura, segundo a qual o objeto seria um balão meteorológico. Entretanto, esse "balão meteorológico" parece ter sido colocado a bordo de um avião de transporte especial com destino a um centro militar de investigação.

Notas

1. *SPR — Society for Psychical Research (Sociedade para a Investigação Psíquica), fundada em Londres em 1882 para estudar cientificamente fenómenos paranormais.*
2. *Psicocinese — alegada capacidade de influenciar objectos físicos através da mente.*
3. *OVNI — Objecto Voador Não Identificado.*
4. *RAF — Royal Air Force, a força aérea do Reino Unido.*

A confirmação oblíqua surge sob a forma de documentos divulgados ao abrigo da Lei da Liberdade de Informação, em 1976. Um memorando datado de 15 de julho de 1947 (alguns dias após estes acontecimentos) é um dos mais notáveis. Tratava-se de uma comunicação interna do FBI que discutia um pedido das autoridades norte-americanas para que o gabinete ajudasse o exército/força aérea em trabalhos de recuperação e investigação sobre «OVNIs», porque, citando, «ficou estabelecido que os discos voadores não são o resultado de quaisquer experiências do Exército (força aérea) ou da marinha…».

Acrescentado a este memorando encontrava-se um comentário fascinante de J. Edgar Hoover, o célebre diretor do FBI, dizendo: «Fá-lo-ia, mas antes de concordarmos devemos insistir em acesso total aos discos

recuperados…»; e acrescenta, de forma extremamente provocadora, que num caso recente (que pode muito bem ter sido o de Roswell), «o Exército (força aérea) apoderou-se deles e não nos deixou fazer sequer um exame superficial».

Mais tarde, o FBI insistiu publicamente que nunca tivera qualquer interesse em relatos de OVNIs, mas este intrigante memorando e numerosos documentos subsequentes provam decisivamente o contrário. Na verdade, esses documentos revelam que o FBI desistiu de trabalhar em casos de OVNIs porque Hoover se cansou de ter de lidar com todos os casos desinteressantes, enquanto as outras autoridades recebiam jurisdição sobre os verdadeiramente importantes!

Em dezembro de 1980, um drama muito semelhante desenrolou-se em Rendlesham Forest, Suffolk, e mais uma vez parece ter sido inventada uma espécie de história de encobrimento. A passagem de três décadas alterou muito pouco.

Encerraria este capítulo com uma história extraordinária contada pelo vivaz cantor e entertainer Tommy Steele. É o tipo de caso capaz de abalar as reservas de qualquer pessoa em relação ao desconhecido.

Aos quinze anos, Tommy fugiu para o mar, mas tinha estado apenas alguns meses na marinha mercante quando ficou gravemente doente. O médico do navio em que servia ficou tão preocupado que o mandou transportar de avião de regresso à Grã-Bretanha, onde, num hospital londrino, lhe foi diagnosticada meningite espinal. O prognóstico era muito reservado. Quando os pais de Tommy chegaram junto da sua cama, acreditava-se que ele não sobreviveria à noite.

Contudo, sobreviveu. Na manhã seguinte ainda respirava, mas permanecia em estado crítico, totalmente paralisado da cintura para baixo e, por conselho médico, os pais deixaram-no sozinho durante algum tempo para continuar a lutar pela respiração. Enquanto Tommy ali jazia, apercebeu-se primeiro do riso de uma criança e depois de uma bola colorida que saltava por cima dos biombos colocados à sua volta. A bola caiu sobre a cama e Tommy, de algum modo, reuniu forças para estender o braço, agarrá-la e atirá-la de volta à criança.

Depois caiu novamente sobre a almofada, exausto. Alguns minutos mais tarde aconteceu outra vez. Desta vez, a bola caiu um pouco mais longe. Mas Tommy sempre adorou crianças (como é evidente em muitos dos seus encantadores filmes — como *Half a Sixpence*), e com um esforço supremo voltou a recuperá-la e a lançá-la à criança que continuava a rir. Durante as horas seguintes isto repetiu-se várias vezes, e Tommy começou lentamente a recuperar as forças. Eventualmente conseguiu dar passos hesitantes para fora da cama, e depois disso a bola deixou de surgir por cima dos biombos.

Pouco depois, o médico e os pais regressaram e ficaram espantados com a melhoria. A febre e a paralisia estavam a desaparecer. Tommy encontrava-se claramente a caminho da recuperação.

O médico abanou a cabeça, incapaz de compreender o que acontecera, mas Tommy limitou-se a explicar que todos deviam agradecer à criança do outro lado da enfermaria. Sem o exercício e o esforço para recuperar a bola, não teria melhorado. Intrigados, removeram os biombos. Não havia rapaz nenhum. Nem jamais houvera. Mas quando Tommy descreveu a bola, os pais olharam um para o outro e recordaram ao filho o seu irmão mais novo, Rodney. Vários anos antes, Rodney morrera tragicamente com apenas três anos de idade. O seu brinquedo favorito era uma bola de borracha exatamente igual àquela que Tommy acabara de ver. Na verdade, Tommy oferecera essa bola a Rodney no seu último Natal.

Teria a mente subconsciente de Tommy Steele, num delírio febril, utilizado estes factos enterrados na memória para construir uma ilusão fantástica que obrigasse o adolescente a curar-se a si próprio? Este é o tipo de explicação que um parapsicólogo moderno provavelmente sugeriria. Mas uma ilusão sustentada desta profundidade seria um feito notável. Claro que a única alternativa é ainda mais extraordinária.

Teria Rodney regressado da morte para salvar a vida do irmão, permitindo-lhe prosseguir e trazer alegria e prazer a milhões de outras crianças nos anos vindouros? Tal ideia possui o tipo de encantamento maravilhoso que o mundo dos fenómenos estranhos realmente encerra. E a necessidade de fazer uma escolha tão intrigante resume o desafio que este livro irá colocar.

2.

Estranhos Jogos do Destino

«Aprendamos a sonhar… e talvez descubramos a verdade.» — Friedrich von Kekulé (químico).

Recordo-me de uma história contada por amigos muito próximos há alguns anos. Eram um jovem casal nada dado a imaginações excessivas e muito firmemente assente na realidade.

Enquanto estavam noivos, a jovem começou a desenvolver sintomas que ambos suspeitavam poder envolver uma gravidez inesperada e indesejada. Foi realizado um teste, mas o resultado revelou-se negativo. Contudo, as circunstâncias conspiravam de tal forma que eles não conseguiam abandonar a convicção.

Por toda a parte surgiam bebés nas suas vidas: mulheres com carrinhos de bebé chocavam contra eles na rua; todas as lojas em que entravam estavam cheias de crianças pequenas a palrar; se visitavam um familiar ou conhecido, aparecia ao mesmo tempo alguém para mostrar o mais recente membro da família. Os meus amigos não conseguiam libertar-se da sensação de que alguém, algures, tentava dizer-lhes alguma coisa. Foram feitos mais testes, mas todos confirmaram absolutamente que não havia gravidez. E só então, quando decidiram aceitar firmemente esse facto, as coincidências estranhas cessaram.

Naturalmente, reconheço que podem ter sido vítimas de atenção seletiva — reparando mais em situações relacionadas com bebés devido às circunstâncias — mas eles estão convencidos do contrário. Ambos sentem que o fenómeno foi real.

Se estiverem corretos, quase pareceria que se abriu uma espécie de ligação intricada entre o casal e o mundo à sua volta. Os seus pensamentos e receios traduziram-se em acontecimentos reais — produzindo uma espécie de conspiração que os manobrava constantemente para o lugar certo no momento certo. Deste modo, foi-lhes transmitido um aviso.

Em julho de 1900, o rei Umberto I de Itália encontrou-se numa situação semelhante. Só que, no seu caso, o desfecho foi muito menos banal.

Jantando certa noite num restaurante, ficou fascinado pelo proprietário, que possuía uma extraordinária semelhança física com o rei. Na verdade, os dois homens partilhavam até o mesmo nome. À medida que o interrogava, as ligações bizarras entre ambos atingiam níveis espantosos. Tinham nascido no mesmo dia, na mesma cidade, e até tinham casado com mulheres de igual nome.

Este é um exemplo do que se conhece como «gémeos do tempo». Astrólogos — e Carl Jung, como recordarão — defendem que tudo o que «nasce» num determinado momento e lugar fica marcado pelas características desse tempo e desse lugar. Do mesmo modo que gémeos biológicos (que naturalmente nascem próximos no tempo e no espaço) frequentemente acabam por levar vidas semelhantes, também os «gémeos do tempo» podem fazê-lo, mesmo sem qualquer relação genética.

Patricia Kern (do Colorado) e Patricia di Biasi (do Oregon) descobriram esta verdade quando um erro informático lhes atribuiu o mesmo número de segurança social. Isso levou as duas a encontrarem-se em 1984. Ambas nasceram Patricia Ann Campbell, com pais chamados Robert. Ambas trabalharam como contabilistas, estudaram cosmética e adoram pintar a óleo. Ambas casaram com militares (com apenas onze dias de diferença, em 1959). Ambas têm filhos de vinte e um e dezanove anos. E, naturalmente, as duas mulheres, totalmente sem parentesco, nasceram ambas em 13 de março de 1941.

Um estado de coisas tão curioso não é raro. Se procurasse suficientemente por outra pessoa nascida geograficamente perto de si no mesmo dia, talvez se surpreendesse com as semelhanças das vossas vidas. O efeito torna-se por vezes percetível mesmo quando o ano de nascimento difere (mas a data coincide). Nem preciso de apontar as comparações entre os famosos atores de filmes de terror Vincent Price e Peter Cushing, que ilustram esta situação.

E assim aconteceu com o rei Umberto e o dono do restaurante. Os dois passaram a partilhar uma relação muito especial — tão especial que o rei

convidou o seu «gémeo» para ser seu convidado numa competição de atletismo a que deveria assistir no dia seguinte. Mas o homem não apareceu. O rei ficou muito desapontado e procurou saber por que razão o novo amigo faltara. Um assistente informou-o de que o homem morrera nessa mesma manhã num incidente com tiros.

Pouco depois de receber esta notícia trágica, um assassino saiu da multidão, apontou uma arma e matou o rei. As vidas dos «gémeos do tempo» tinham corrido paralelas até ao fim.

A astrologia, enquanto tal, não é uma explicação para este fenómeno, pois limita-se a descrever circunstâncias e não possui qualquer teoria geral convincente. É apenas uma faceta do universo no seu estado real e fundamental, que ainda não compreendemos plenamente.

A verdadeira solução para a triste morte do rei Umberto e do seu «gémeo», e para o prolongado encontro dos meus amigos com bebés, reside em algo intangível que funciona como influência coordenadora do cosmos. Carl Jung e Wolfgang Pauli chamaram-lhe «sincronicidade», como talvez recordem. Houve outras teorias e outros nomes, mas poderíamos igualmente chamar-lhe «Deus».

Os «jogos do destino», outra forma de expressar este princípio, afetam frequentemente a vida de pessoas famosas. Consideremos a experiência do ator de Hollywood Robert Stack. Tinha passado por uma carreira cinematográfica excitante mas pouco espetacular, que lhe trouxera algum sucesso, embora não o grande avanço que desejava.

Quando lhe ofereceram o papel do agente anti-gangsters «Elliot Ness» num episódio-piloto televisivo intitulado *The Untouchables*, acabara de sair de um fracasso cinematográfico dispendioso, que estava convencido de que o transformaria numa estrela. Não estava inclinado a aceitar a primeira proposta que lhe surgisse, especialmente quando perguntou em redor e descobriu que a opinião geral de quem percebia desses assuntos era que *The Untouchables* seria certamente um fiasco.

Depois soube que outros dois atores tinham recusado o papel, incluindo o veterano Van Heflin, e que tinha apenas alguns dias para decidir antes do início das filmagens. Por isso recusou.

Mas algo continuava a incomodar Robert Stack. Talvez aquele fosse o papel certo. Talvez devesse aceitá-lo. Tentou consultar uma médium conhecida da sua mulher e cujo conselho respeitava profundamente. Quando finalmente conseguiu contactá-la (e ela lhe sugeriu que aceitasse), o prazo para decidir já terminara e ele, confiando naquela intuição persistente, acabara por concordar em tentar.

The Untouchables tornou-se um sucesso gigantesco, e a longa série televisiva que se seguiu estabeleceu firmemente a fama, fortuna e reputação artística de Robert Stack. Foi a decisão mais importante da sua vida. Mas teria sido destino, coincidência ou algo mais que lhe permitiu saber que o papel de Elliot Ness lhe pertencia?

Donald Sutherland é outro ator de Hollywood que viu a carreira dirigida desta forma estranha. No final da década de 1960 era uma estrela em ascensão muito elogiada pelos críticos, embora pouco conhecida do grande público. Uma visita a uma cartomante mudou tudo isso.

Foi orientado para um filme que seria rodado num cenário desértico e centrado numa villa. Na altura, nenhum projeto semelhante existia. Na verdade, Sutherland preparava-se para iniciar um filme completamente diferente. Mas a quantidade de detalhes fornecidos acerca deste grande filme que faria o seu nome era tão incrível que ele permaneceu atento.

Então o destino interveio. O filme em que deveria participar foi inesperadamente cancelado. Surgiu então a proposta de outro chamado *Joanna* — filmado nos desertos de Tânger. Todos os restantes detalhes coincidiam, exceto a villa, pois a história decorria num barco. Contudo, quando o elenco chegou para as filmagens, uma alteração de última hora dos produtores transferiu a ação do barco para uma casa isolada muito mais adequada — a peça final do estranho puzzle.

O filme foi um grande sucesso, e Donald Sutherland partilhou do reconhecimento alcançado.

Sutherland viria ainda a envolver-se num episódio mais bizarro quando filmou o deliciosamente arrepiante *Don't Look Now*, com Julie Christie.

Don't Look Now baseava-se num conto de fantasmas de Daphne du Maurier e contém algumas das mais estranhas sequências de sonhos e fenómenos psíquicos alguma vez retratadas no cinema. Sutherland e Christie interpretavam os pais de uma criança pequena, afogada em apenas alguns centímetros de água num lago junto da sua casa de campo. A criança regressa para os assombrar, e é daí que nasce a tensão e a atmosfera inquietante do filme.

Mas o estranho não terminou com os elogios recebidos pela obra. Seis anos mais tarde, em março de 1979, Julie Christie deslocou-se de carro até à sua quinta no País de Gales, que possuía igualmente um lago com pouca água. Um jovem casal vivia lá com o filho, que ainda não tinha dois anos.

Julie viu-se obrigada a assistir horrorizada a uma repetição trágica e espantosa do romance de du Maurier. O corpo do rapaz foi encontrado a flutuar no lago, e a mãe entrou na água para o retirar. A cena real foi praticamente uma reprodução exata daquela que domina o filme, em que Donald Sutherland entra na água enquanto Julie Christie observa.

Como pode ocorrer tal coincidência? Será outra coincidência o facto de o tema destes acontecimentos ser precisamente fenómenos psíquicos e uma imagem recorrente de afogamento? É quase como se a própria situação se tivesse repetido e traduzido da ficção para a realidade.

Ficamos a interrogar-nos onde termina o cinema e começa a vida real. Mas para a jovem família atingida pela tragédia isso parece bastante irrelevante.

Todo este assunto é fascinante. Coleciono coincidências, tanto da minha vida como da vida dos outros. Considero-as fenómenos psíquicos arquetípicos, o único aspeto do paranormal com o qual todos nós contactamos ocasionalmente. Patrulham os limites exteriores do nosso universo racional e podem, quando compreendidos, abrir portas para o conhecimento interior.

Por exemplo, em janeiro e fevereiro de 1983 encontrei-me envolvida numa estranha sequência de acontecimentos tão bizarros (embora felizmente não tão trágicos) quanto aqueles em que Donald Sutherland e Julie Christie se viram envolvidos.

Depois de decidir fazer o segundo programa radiofónico de uma série de trinta semanas que assinara para a Radio City, baseado no tema das coincidências entre gémeos, comecei a ver esse tema repetir-se continuamente. Na véspera do meu programa (sem que a rádio soubesse do assunto), a cantora e compositora Barbara Dickson apareceu em antena a falar da sua nova peça *Blood Brothers*, cujo tema eram coincidências nas vidas de gémeos.

Nos correios disseram-me que eu tinha um «gémeo» que acabara de sair da loja. Saí e encontrei uma canção de Barbara Dickson, apropriadamente intitulada «January-February», a tocar numa loja ao lado. E depois fui convidada para participar num programa televisivo chamado *Tell the Truth*, do Channel 4, no qual tinha de ensinar duas raparigas a serem minhas «gémeas», para que um painel de celebridades tentasse decidir qual delas era realmente eu e perguntasse: «Would the real Jenny Randles please stand up?»

Um dos membros do painel era Willy Rushton, escritor humorístico barbudo que era quase um gémeo de Willy Russell, o escritor humorístico barbudo que escrevera o musical *Blood Brothers*, dando início a esta inevitável sucessão de coincidências.

Parece realmente que as nossas vidas estão por vezes intimamente ligadas àquilo a que podemos chamar «destino». Mas teremos algum controlo sobre ele?

Outra das pessoas que conheci nesse programa do Channel 4 foi Claire Rayner, a famosa conselheira sentimental. Possui uma capacidade notável que muitos sem dúvida classificariam como psíquica. No seu caso manifesta-se sob a forma de intuições intensas, extremamente valiosas para o seu trabalho. Consegue avaliar pessoas ou situações apenas olhando para elas. E frequentemente conhece o rumo correto a seguir graças a uma espécie de sentido oculto.

Quando as filmagens terminaram, Claire demonstrou-mo. O salão da London Weekend Television, onde o programa fora gravado, encontrava-se cheio de pessoas a desfrutar de um buffet de encerramento. Algures entre nós estava outro verdadeiro investigador paranormal, que viera como meu

convidado. Instantaneamente ela conseguiu identificá-lo, com uma perspicácia impressionante que parecia quase magia.

Claro que, se quiser começar a citar as leis da probabilidade e reduzir estas experiências humanas a um monte de números sem sentido, está perfeitamente à vontade para o fazer. Muitos cientistas adoram isso, esperando e até acreditando que malabarismos aritméticos consigam fazer desaparecer o problema.

Mas agir assim é perder todo o sentido do que significa estar vivo num mundo que mal compreendemos. É como usar um gravador de vídeo apenas para ver as horas. O relógio digital que normalmente possui permite certamente fazê-lo, e alguém poderia convencer-se de que essa é a sua verdadeira função. Para quê carregar nos botões, inserir uma cassete ou fazer qualquer coisa para aprender a verdadeira função desta maravilha tecnológica?

A resposta é que não precisa de o fazer, se não quiser. Mas veja tudo aquilo de que abdica ao recusá-lo.

Notas:

1. *Flying discs foi traduzido como «discos voadores», expressão corrente na literatura clássica sobre OVNIs.*
2. *Time twins foi traduzido como «gémeos do tempo», preservando o conceito original ligado à astrologia e sincronicidade.*
3. *Agony-aunt refere-se a uma colunista/conselheira sentimental; optou-se por uma adaptação funcional em português europeu.*
4. *Mantiveram-se os títulos originais de filmes, séries e peças teatrais em itálico.*
5. *Beyond Explanation? corresponde ao título da obra original de onde o excerto foi retirado.*

Não são apenas reis italianos, cantores populares escoceses, dramaturgos e autores que se encontram em sintonia com o universo desta forma peculiar. Trata-se de um factor comum na descoberta científica. Por exemplo, em 1846, quando o planeta Neptuno foi descoberto, dois astrónomos, John Adams, na Grã-Bretanha, e Urbain Leverrier, em França, previram, de forma independente e simultânea, onde ele deveria estar. Fizeram-no com base em cálculos duvidosos e matemática questionável. Na verdade, ninguém sabe ao certo como um deles (quanto mais ambos ao mesmo tempo) conseguiu obter a resposta correta fazendo a maior parte das perguntas erradas. Mas isso não importa, porque conseguiram. Depois, John Galle, em Berlim, apontou o seu telescópio exatamente para o local indicado pelos cálculos — e lá estava Neptuno.

O que parece ter acontecido é que o momento se tornou propício à descoberta deste novo planeta. Assim, Adams e Leverrier, como duas mentes em sintonia uma com a outra e, de algum modo, em sintonia com as leis intangíveis da realidade que conspiravam para permitir esta «descoberta», responderam ambos às influências em redor. É certamente fascinante que o simbolismo astrológico deduzido para Neptuno (e não inventado posteriormente, apresso-me a acrescentar) contenha os motivos: místico, ilusório, oculto, obscuro e psíquico. As nuvens de confusão que envolveram a descoberta, a controvérsia acerca de quem deveria receber a honra efetiva, além da forma psíquica e não lógica como foi realizada, parecem extraordinariamente apropriadas. Enquanto os astrólogos sorriem de satisfação, o cientista materialista encolhe os ombros e chama-lhe coincidência.

Este não é, de modo algum, o único caso em que a sincronicidade esteve envolvida em descobertas científicas. Muitas vezes ajuda que a mente escape do «modo normal de realidade» para aquilo a que poderíamos chamar «modo sincronístico da realidade». Sonhar acordado ou os sonhos comuns parecem constituir uma forma de proporcionar esta mudança.

O químico Friedrich von Kekulé não conseguia perceber como os átomos do benzeno se ligavam entre si. Mas, após meses de luta, adormeceu diante de uma lareira e começou a visualizar serpentes enrolando-se e mordendo as próprias caudas. A sua mente tinha deslizado para o mrs (modo de realidade sincronística) e sintonizado a resposta.

Depois, apresentou-lha através de imagens vívidas. A agulha da máquina de costura foi inventada de forma semelhante. E Leonardo da Vinci costumava conceber as suas invenções em sonhos. Na verdade, encontrava-se frequentemente tão à frente do seu tempo desta maneira que não existia método prático de concretizar os seus projetos. Ainda assim, os seus fatos de mergulho, submarinos e helicópteros sobreviveram no papel.

Em 1935, um jovem encontrava-se deitado nuns prados em Cambridge e, numa visão do futuro, enquanto entrava brevemente em mrs, visualizou o primeiro computador verdadeiro do mundo. Durante a guerra, esse homem, um génio matemático chamado Alan Turing, inventou precisamente isso e depois foi para a Universidade de Manchester trabalhar no primeiro modelo prático. Infelizmente, pouco depois, aos quarenta e dois anos, morreu após comer uma maçã envenenada. Três semanas antes, tinha saído pálido e taciturno da cabine de uma cartomante no passeio marítimo de Blackpool. Ninguém sabe porquê.

As pessoas artísticas parecem frequentemente achar mais fácil efetuar esta mudança de modo de realidade. Talvez porque passam grande parte da vida desperta afastadas do modo normal. Certamente, bastantes obras clássicas da literatura têm origem em sonhos, visões ou outros exemplos de mrs. Já vimos como Robert Louis Stevenson fazia isto. De facto, muitas vezes sonhava as suas histórias como aventuras completas. Afirmava que os seus livros «escreviam-se sozinhos».

Enid Blyton contou como escrevia os seus cativantes contos infantis simplesmente relaxando numa cadeira, deixando que Noddy ou Big Ears aparecessem diante dela num sonho acordado e começassem a representar a história. Ficava sentada como observadora destacada e, mais tarde, transcrevia aquilo a que assistira, como se tivesse acabado de regressar do teatro. Em certo sentido, estava a ter alucinações controladas trazidas até si pela realidade sincronística.

Muitas pessoas bem-sucedidas e famosas disseram atribuir os seus êxitos a uma «voz interior», querendo com isso dizer uma forma de intuição. Mais provavelmente, conseguem (possivelmente sem se aperceberem) mudar de engrenagem da realidade normal para o mrs.

Qual é a diferença entre estes dois modos? Na realidade normal, a mente percebe o mundo tal como geralmente pensamos nele. Podemos ver o passado e o presente, mas o futuro ainda está por vir. Nada acontece a menos que algum acontecimento ou processo o provoque. E a mente é apenas um transeunte, derivando através de acontecimentos que não consegue controlar.

A realidade sincronística esbate o tempo, de modo que todos os níveis se tornam percetíveis ao mesmo tempo. A causa e o efeito tornam-se menos fiáveis e podem até colapsar completamente. E a mente é muito mais do que um simples transeunte. Certamente observa (com horizontes muito mais vastos), mas também pode influenciar acontecimentos. O cientista Rex Stanford possui uma expressão desajeitada — «Resposta Instrumental Mediada por Psi» — para aquilo que é, na verdade, uma ideia simples.

A mente, ao perceber uma situação que beneficiará o indivíduo, manipula subconscientemente quer as suas ações quer as ações de outros, ou ambas, conduzindo assim a pessoa para circunstâncias que lhe permitem obter benefício. Para o indivíduo, isto pode parecer coincidência ou seguir o instinto. Na verdade, não é nenhuma das duas coisas. É a ilustração mais básica da capacidade que todos possuímos, em mrs, de facilitar o paranormal. Não gostando de termos complicados, chamo a estas coisas «pré-guiões». A mente inconsciente escreve os acontecimentos antecipadamente e nós, como atores, seguimos esse guião para vivermos a «coincidência».

O verdadeiro ator e estrela de cinema Anthony Hopkins oferece um bom exemplo disto. Tinha assinado contrato para interpretar um papel principal na adaptação cinematográfica do romance *The Girl from Petrovka*, mas não conseguia encontrar um exemplar do livro para o ler. Finalmente, encontrava-se na estação de metro de Leicester Square quando reparou num livro abandonado num banco da plataforma. Era, claro, exatamente o título que procurava, e ficou tão satisfeito que nem se importou com as curiosas notas escritas nas margens. Hopkins foi para o estrangeiro filmar o filme e conheceu então, pela primeira vez, George Feifer, autor da história. Feifer lamentou o facto de ter perdido um precioso exemplar pessoal do seu próprio livro, que continha anotações. Tinha-o

emprestado a um amigo que o perdera em Londres. O livro era precisamente o mesmo que Anthony Hopkins encontrara «por acaso».

Provavelmente, a mente inconsciente de Feifer tinha pré-guiado os acontecimentos para conduzir Hopkins ao lugar certo no momento certo. É até possível que tenha trabalhado em conjunto com a mente de Hopkins, desejosa do regresso do livro. Ambos os homens estavam então ligados, embora fossem desconhecidos separados por centenas de quilómetros, em virtude do filme iminente.

Outra estrela de cinema, o diminuto ator americano Red Buttons, oferece outra pequena história para ilustrar este princípio. Estava num avião com destino a Nova Iorque, mergulhado num livro, esperando que o passageiro ao lado não o reconhecesse nem começasse uma conversa sobre o seu trabalho, do qual procurava escapar.

Por fim, durante o jantar, Red Buttons mudou de ideias e os dois homens começaram a conversar. O passageiro explicou que ia para Paris licitar um grande contrato para a sua empresa de construção. Ao despedirem-se, Red aproveitou a oportunidade para pedir ao homem que telefonasse a um amigo seu em Paris e transmitisse uma mensagem. O homem concordou. Quando chegou a Paris, o empresário da construção telefonou ao amigo de Red, editor de um jornal. Conversaram amigavelmente sobre a visita do homem a França, e o construtor mencionou que sentia ter poucas hipóteses de ganhar o contrato, porque uma empresa francesa rival provavelmente apresentaria uma proposta mais forte. O editor perguntou então se o homem gostaria de conhecer o chefe dos seus rivais franceses, que era seu sogro. O encontro aconteceu e descobriu-se que tanto a empresa americana como a francesa tinham vantagens em unir forças. Foi isso que fizeram e, juntas, garantiram o contrato.

Aqui vemos como um pré-guião relativo a um assunto muito simples conduziu a uma cadeia de circunstâncias que acabou por beneficiar várias pessoas. É assim que a verdadeira sincronicidade pode funcionar.

Parece que os desejos podem tornar-se realidade. Mas somos nós próprios que os tornamos reais, com uma pequena ajuda dos níveis mais profundos da mente enquanto estamos em mrs. Se é artista, ator, cientista

ou simplesmente um ser humano, talvez valha a pena recordar isto. Podemos pré-escrever o amanhã a partir do hoje.

3.

Maldições!

«A realidade é criada pela lei do hábito.» — Dr. Rupert Sheldrake (biólogo).

Temos uma maldição de família. Conheci-a quando era muito novo e, claro, nunca a levei a sério. Ninguém parece conhecer a sua origem, apenas que existe ao longo do último século e tem sido constantemente confirmada. Todos os membros próximos da família da minha mãe estão supostamente condenados a morrer numa terça-feira.

Por que razão uma terça-feira, não sabemos — francamente, parece bastante absurdo, mas quando a minha tia morreu numa terça-feira, a imagem da maldição reforçou-se na minha jovem mente e tenho de admitir que, nas duas décadas desde então, todas as mortes relevantes (quatro ou cinco delas) ocorreram no nosso dia da morte. Isto inclui a minha avó (em 1971) e o meu avô (em 1975), ambos na minha presença imediata, em nossa casa. Em ambas as ocasiões recordo vividamente a recuperação súbita na segunda-feira, com suspiros iniciais de alívio perante esse sinal positivo. Mas depois surgia lentamente outra perceção.

Parece realmente haver uma remissão temporária no último momento, como uma calma psíquica antes da tempestade da morte. E, claro, eu observava com horrível resignação o calendário inalterável à medida que a segunda-feira chegava ao fim. Ninguém mencionava a maldição até tudo terminar e alguém murmurar: «Terça-feira outra vez.»

Esta é uma sensação inquietante, e não tenho lógica alguma para a explicar. Por vezes pensamos que tudo não passa de uma ilusão. Estamos apenas a ignorar as mortes que não ocorrem à terça-feira. Ou talvez seja mero acaso. E depois há a mórbida tentação de imaginar que, ao acreditarmos na maldição (ainda que sem grande convicção), estamos de algum modo a alimentar o seu apetite voraz. Seremos como aborígenes que se condenam à morte através do poder da autossugestão?

Não sou uma pessoa supersticiosa, mas o efeito deste pequeno mistério fervilha sempre sob a superfície da minha vida, e uma ou duas vezes dei por mim tão preocupado com o dia da semana como com qualquer outro factor quando surge uma doença. Tenho de admitir, envergonhadamente, que em Novembro de 1983 cheguei mesmo a remarcar um voo transatlântico quando um erro informático me colocou a viajar numa terça-feira, apesar de isso, noutras circunstâncias, ser perfeitamente aceitável. Pode sorrir perante um comportamento tão fraco de vontade, mas, se sorri, é evidente que nunca teve de enfrentar uma maldição.

Esta síndrome da terça-feira é, na verdade, um azar persistente, mais do que uma maldição. Esta última pressupõe algum acto consciente que decretou que certas coisas não deviam ser feitas, enquanto o primeiro não possui qualquer ponto de partida evidente. Mas, para os presentes efeitos, podemos considerá-los idênticos e manter a terminologia «maldição».

Provavelmente a mais infame é a que rodeia a abertura do túmulo do jovem rei egípcio Tutankhamon.[1] Há muito que existe uma maldição associada aos túmulos egípcios, e este túmulo, contendo fabulosos tesouros de ouro, desafia qualquer homem que se atreva a profaná-lo. Era preciso ser muito corajoso (ou muito tolo) para o fazer. O arqueólogo Lord Carnarvon levou a sua equipa até ao Egipto plenamente consciente desse facto, e chegou mesmo a ser avisado pelo médium Cheiro[2], três meses antes de estar preparado para abrir a câmara interior do túmulo. Mais tarde, diz-se que um quiromante também o aconselhou a não avançar. Mas o destino conduziu Carnarvon cegamente em frente, e ele entrou no túmulo no pior estado de espírito possível, desafiando a maldição com leviandade. (Parece ser precisamente isso o que nunca se deve fazer.

As maldições devem sempre ser tratadas com o devido respeito.) Arthur Weigall, um dos escavadores, disse a Carnarvon que, se continuasse a comportar-se daquela forma, não duraria seis semanas. Na realidade, sobreviveu sete, antes de sucumbir a uma infeção causada por uma picada de mosquito. Mas aqueles eram apenas os primeiros dias da maldição. À medida que os anos passavam, o número de fatalidades aumentava. O próprio Weigall tornou-se a vítima número vinte e um. E, no espaço de sete anos, todos os escavadores, exceto um, tinham morrido (muitos em circunstâncias curiosas ou invulgares).

Os arqueólogos, evidentemente, negam a maldição. Alegam que tudo não passa de coincidência ou de uma fraude inventada pelos saqueadores de túmulos para manter visitantes indesejados afastados. Contudo, uma ou duas pessoas que a descartaram nesses termos pagaram os seus comentários com uma morte prematura.

Estranhamente, parece que as maldições podem estender-se a dramatizações visuais. Em 1979 foi filmado, no local, um telefilme chamado *The Curse of King Tut*, mas, no primeiro dia de filmagens, a estrela Ian McShane despistou um automóvel antigo utilizado numa cena e partiu a perna em dez sítios. Tiveram grande dificuldade em encontrar um ator que o substituísse! McShane afirmou que o carro parecia ser puxado em direção a uma ravina por uma força exterior, e que teve de saltar do veículo segundos antes de este se despenhar e ficar destruído. Em 1983, a companhia televisiva apresentou um enorme pedido de indemnização aos Lloyd's[3] pelo atraso, alegando que este tinha sido causado por «circunstâncias misteriosas». Os Lloyd's tentaram argumentar que os travões do carro estavam avariados, pelo que não poderiam ser responsabilizados, mas o juiz concedeu uma elevada quantia — cujo valor não foi divulgado —, demonstrando claramente mais simpatia pela maldição do que os seguradores.

Mesmo assim, é terrivelmente fácil considerar como parte da maldição qualquer coisa ligeiramente infeliz que aconteça em ligação com o assunto. Quando essa decisão é adotada subconscientemente, tudo parece encaixar como por magia. Quando decidi falar da maldição na minha série da Radio City, em 1983, também eu sofri consequências. Antes de cada programa, costumava gravar um «trailer» para promover o tema da semana seguinte, e o relativo ao rei Tut foi, de longe, o mais problemático. Algo corria mal repetidamente, e tivemos de o refazer várias vezes.

Fazer filmes sobre o paranormal não parece ser particularmente sensato, mesmo nas melhores circunstâncias. É como se o processo criativo e a intensa concentração libertassem poderes psíquicos nos atores. O filme *The Omen*[4] é um exemplo típico. Gregory Peck e o autor David Saltzer viajaram ambos em aviões atingidos por relâmpagos (uma retribuição bastante apropriada, considerando a natureza demoníaca do filme). O realizador foi atropelado por um carro e escapou por pouco a um raio, enquanto o responsável pelos efeitos especiais sofreu um acidente horrível

ao conduzir na Holanda. Sobreviveu e recuperou a consciência olhando para uma placa da cidade de Ommen.

Mais estranhos ainda, porém, foram os acontecimentos que rodearam o ousado plano da Granada TV, em 1969, para filmar uma série baseada no macabro romance de possessão e horror de Alan Garner, *The Owl Service*.[5]

Garner é uma personagem misteriosa que vive numa espécie de caravana instalada num campo em Cheshire.[6] Ganhou reputação de feiticeiro, embora ele próprio o negue. Ainda assim, mergulha profundamente em antigas lendas, e os seus numerosos romances inspirados nessas histórias (como *Red Shift*, sobre uma deslocação temporal, e *The Weirdstone of Brisingamen*, sobre a magia de um dos lugares mais assombrados da Grã-Bretanha, Alderley Edge[7]) conquistaram a admiração tanto de crianças como de adultos. Um tema dominante na sua obra é a ideia de que o tempo não flui como um rio, do passado para o futuro, mas de que uma experiência emocionalmente intensa pode repetir-se ao longo da História sob diferentes formas, cada uma reinterpretando o acontecimento original de maneira contemporânea. Como isto se relaciona com a natureza de uma maldição é fácil de perceber.

Peter Plummer, produtor da série televisiva, relatou a espantosa história da escrita do romance e da sua quase imediata adaptação para televisão. O relato está tão repleto de coincidências extraordinárias que o leitor precisa de consultar as suas próprias palavras no livro *I've Seen a Ghost*[8] para obter uma compreensão adequada.

Essencialmente, a história de Garner gira em torno de uma antiga lenda galesa acerca de um triângulo amoroso fatal, envolvendo uma mulher-fada criada a partir de flores para casar com um guerreiro, estando condenada a não desposar um humano. Após tragédia e homicídio, a mulher-flor transforma-se numa coruja. Garner escreveu a sua história numa casa que descobriu por acaso e que correspondia de forma inquietante ao cenário da lenda. Depois, um conjunto de pratos galeses entrou na sua posse e acabou integrado no romance, pois apresenta um motivo que, visto de uma forma, parece um ramo de flores, e, de outra, uma coruja maléfica. Esta aparência é óbvia — sublinho — e certamente intencional por parte de quem concebeu os pratos (presume-se que inspirado exatamente na mesma lenda que Garner agora modernizava).

A produção da série televisiva ficou repleta de situações envolvendo corujas. Sempre que o destino levava a equipa a um determinado local, surgia ali qualquer coisa relacionada com uma coruja — um aldraba escondida, um ornamento a bater nas portadas à meia-noite, ou uma coruja viva resgatada de um ataque de aves, que acabava por refugiar-se precisamente na divisão utilizada como ponto central do programa! Tais acontecimentos espantosos mal arranham a superfície dos mistérios que rodearam a série. O livro, a série televisiva, a lenda e a vida real pareciam fundir-se num sentido extraordinário, exatamente como as teorias e os escritos de Alan Garner sugerem que poderia acontecer.

A Granada TV também surge ligada à mais recente maldição associada a uma série televisiva — provavelmente a mais famosa série alguma vez produzida pela televisão britânica: a novela sobre a vida numa vulgar cidade do Lancashire, *Coronation Street*.[9]

«The Street» foi transmitida duas vezes por semana durante mais de duas décadas e vista na maioria dos países do mundo. Em geral, seguiu o seu percurso de forma tranquila, com ocasionais mudanças de personagens e pequenos dramas, mas mantendo um núcleo estável de atores que interpretavam as cenas escritas para a interminável saga. Porém, em 1983, as coisas começaram a correr terrivelmente mal.

A princípio, tudo pareceu relativamente inocente, embora certamente comovente. A perda de Violet Carson (que interpretava a mais famosa idosa da série, «Ena Sharples») e a morte posterior de Jack Howarth[10] (que desempenhava o antigo soldado «Albert Tatlock») foram golpes tristes, mas dificilmente inesperados, tendo em conta a idade destes veteranos do programa. Mesmo a saída, devido a graves problemas de saúde, de outra presença regular — a dona do pub «Annie Walker», interpretada pela atriz Doris Speed — poderia ser vista apenas como coincidência. A série dificilmente podia suportar perder estas três figuras num espaço de tempo tão curto, mas a equipa de produção insistiu que o programa devia continuar. Outro actor regular, Peter Adamson, que interpretava o construtor «Len Fairclough», atraiu o desastre sobre si mesmo ao lançar uma inexplicável tirada de críticas contra os colegas em artigos «reveladores» para um jornal nacional. Foi despedido e a sua personagem «morreu». Pouco depois, uma das últimas figuras originais sobreviventes da série, «Elsie Tanner» (a atriz Pat Phoenix), abandonou o

programa e não pôde ser convencida a regressar. Tudo isto já seria mais do que suficiente para um único ano na vida de uma novela televisiva, mas aquilo que já começava a ser apelidado de maldição estava longe de terminar. Barbara Knox (que interpreta a dona da loja «Rita Fairclough») foi atingida por um vírus misterioso e esteve à beira da morte. A muito popular personagem do cantoneiro «Eddie Yates» (interpretada por Geoffrey Hughes) decidiu abandonar a série e dedicar-se ao teatro.

Recordo-me de um dia, pouco antes de os boatos sobre a maldição começarem a consolidar-se, em que me encontrava nos estúdios da Granada para participar num programa sobre precognição. Tinha acontecido tanta coisa à série, e tão rapidamente, que a maior parte dos seus fãs estava simplesmente estupefacta. Antes do programa sobre previsões, falámos com o apresentador sobre os temas a abordar, e uma senhora anunciou que tinha visto *Coronation Street* numa visão recente. Em breve iria ocorrer a morte de uma das personagens principais, disse-nos ela a todos.

Na altura, a maioria dos acontecimentos ligados à série não tinha envolvido mortes reais, e a Granada TV, como seria de esperar, decidiu não utilizar a visão da mulher no programa que estávamos prestes a transmitir. No entanto, no dia seguinte, o ator Peter Dudley (que interpretava a popular personagem *'Bert Tilsley'*) faleceu, na sequência do que foi descrito como uma espécie de «esgotamento». O trágico padrão continuou pelo ano de 1984 afora, mas deu sinais de estar a desvanecer-se. Houve processos judiciais, desastres pessoais e doenças que afetaram as personagens, e Bernard Youens (o ator sobre quem muitos comentadores diziam repousar agora o destino da série) faleceu inesperadamente após uma doença que, anteriormente, já lhe tinha custado a perna.

Praticamente a única personagem original, ou de longa data, que resta agora (enquanto escrevo) é William Roache (que interpreta o jornalista *'Ken Barlow'*), e até ele perdeu tragicamente o seu filho pequeno devido a uma doença no final de 1984. As explorações de Bill no campo do paranormal já eram do meu conhecimento há muito tempo. Ele frequentou um curso para desenvolver os seus conhecimentos astrológicos na mesma altura em que eu estudava a matéria.

Mais tarde, começou a ler uma revista de OVNIs que eu editava e chegou a assistir a uma palestra sobre o assunto que ajudei a organizar em

Manchester. A partir destes primeiros passos, ele avançou para a sondagem de outras áreas do mundo psíquico e interessou-se pela reencarnação e pelos poderes secretos da mente. Em setembro de 1984, já dava palestras públicas sobre estes fenómenos e explicou que era tentador pedir aos produtores que permitissem que algumas das suas crenças se infiltrassem na sua personagem. Embora tenha dito que tinha decidido não o fazer, *'Ken Barlow'* acabou por se envolver na discussão tanto de astrologia como de OVNIs durante os episódios de 1984 da série.

Uma série tão notável de catástrofes, que praticamente dizimou o elenco original, tudo num espaço de tempo tão curto, parece de facto desafiar o acaso. A sucessão de desastres parece, no mínimo, idêntica à atribuída ao caso de Tutankamon, ou ao episódio do *Owl Service* [O Serviço de Coruja]. Como tanto essa série como *Coronation Street* pertenciam à Granada TV, é compreensível que as especulações se centrassem nos seus estúdios em Quay Street, junto ao rio Irwell, em Manchester. Conheço bem estes estúdios, um edifício alto e quadrado com uma torre de transmissão ascendente que se eleva em direção ao céu como uma catedral tecnológica. É um dos pontos de referência mais evidentes de Manchester.

Para além de uns quantos programas de televisão em que estive envolvido a partir dali, durante alguns anos, de 1975 em diante, costumava frequentar reuniões regulares de um pequeno grupo de investigadores numa das salas de planeamento do edifício. Recordo-me de que se falava muito de um fantasma que constava rondar os corredores inferiores, onde a margem do rio passa muito perto e onde se dizia ter existido uma antiga prisão. Além disso, um dos membros entrou no que parece ter sido uma espécie de transe, ficando pálido e com a pulsação reduzida diante de várias testemunhas. Ressalvo, contudo, que não estávamos lá para provocar nem para investigar fenómenos psíquicos (mas sim avistamentos de OVNIs no noroeste), pelo que a informação acima referida pode perfeitamente não estar relacionada.

Pat Phoenix parecia, no entanto, saber de «sensações» estranhas na zona. E levou-as um pouco mais longe. Relacionou os problemas do programa com a mudança temporária para umas cavalariças adjacentes, convertidas em salas de ensaio. «Estou convencida de que devia haver linhas de Ley ali», acrescentou. William Roache, como seria de esperar,

concordou com isto. Afirma tê-las detetado. «Senti subitamente esta energia tremenda a correr por mim», disse ele. Mas acredita que foi capaz de a utilizar positivamente, para impor a sua personagem junto dos guionistas (e, durante o tempo da maldição, passou de um assistente social fraco a um editor de jornal combativo!). Outros, insiste Bill Roache, sentiram a mesma energia, mas o poder funcionou contra eles. Tal como a eletricidade, ou pode dar-te um choque e deixar-te como um destroço queimado, ou pode ser transformada em dinamismo para impulsionar o teu percurso pela vida. Em si mesma é neutra, mas pode ser utilizada para o bem ou para o mal, consoante o meio através do qual passa. Voltaremos a esta ideia mais tarde.

O que são exatamente as linhas de Ley (ou *leys*, como insistem os puristas, dado que uma *ley* é uma linha reta)? Supõe-se que sejam linhas de força invisível que cruzam a terra numa espécie de rede e que são demarcadas e focadas em ação por estruturas antigas nos pontos de interseção. Esses marcadores poderiam ser círculos de pedras, fortificações de terra ou igrejas construídas sobre locais religiosos ainda mais antigos. Até os nomes de locais que terminam em *«ley»* (como Alderley Edge) são considerados significativos. Pensa-se que as linhas sejam produtos naturais da «biosfera» da Terra, mas sentidas de forma mais aguda pelo homem antigo, uma vez que este estava mais «em sintonia» com a natureza. É por isso que ele localizava os seus lugares sagrados ao longo da sua extensão. Para o cientista, elas não existem, logicamente — embora alguns tenham agora dúvidas sobre esta afirmação.

As evidências demonstram que existe algum tipo de poder contido nos círculos de pedras, e um projeto de investigação único (chamado *«Dragon»* [Dragão]), que envolve cientistas, arqueólogos e paranormais, reuniu dados suficientes para apresentar, pelo menos, um argumento provisório a favor da realidade das *«leys»*. Se existir um ponto focal de Ley sob parte dos estúdios da Granada e se isto puder afetar as mentes daqueles que lá passam muito tempo, agora que o programa se mudou para as suas instalações permanentes, pode muito bem ser que os problemas tenham finalmente terminado. Certamente a Granada TV e os milhões de fãs da sua telenovela esperam desesperadamente que sim.

Mas serão as *«leys»* a verdadeira explicação para todas as maldições? Seguramente que não. Mesmo que assim fosse ocasionalmente, de um

modo geral a resposta é insatisfatória. No entanto, se desenvolvermos as ideias que sugerimos pela primeira vez no último capítulo, talvez possamos avançar no sentido de uma espécie de conceito global.

Os desportistas falam frequentemente de algo a que chamam «a Experiência de Pico». O golfista internacional Tony Jacklin explica isto bem. Diz que, por vezes, quando está a jogar, dá por si a afastar-se do mundo quotidiano. Deixa o modo da realidade normal e entra na realidade sincronística. Jacklin descreve-o como um casulo que o rodeia, um poço invisível de poder psíquico do qual se pode abastecer. Uma vez que aceda a isto, consegue ter um desempenho muito acima do seu nível normal. No futebol, diz-se frequentemente que dois jogadores podem estabelecer um entendimento quase telepático um com o primeiro. Kevin Keegan e Terry McDermott, quando jogavam tanto pelo Liverpool como pelo Newcastle United, descobriram este tipo de princípio. Muitas vezes sabiam instintivamente onde o outro ia estar, para poderem passar a bola ou recebê-la. Há quem diga que isto contribuiu muito para o grande sucesso das duas equipas enquanto eles jogaram.

O biólogo Dr. Rupert Sheldrake concebeu experiências que visam explicar este tipo de fenómeno. Argumenta que todos os seres vivos possuem uma espécie de «campo de vida». Assim como um campo magnético invisível é o gerador de formas e padrões formados por limalha de ferro espalhada sobre uma cartolina, também o campo orienta os nossos corpos e faz com que sejamos o que somos. Ele rodeia-nos, tal como o casulo de Jacklin, e é a morada da mente e dos vários fenómenos psíquicos com os quais pareceria relacionar-se. Como é que isto explica o entendimento telepático entre futebolistas? Porque um campo de vida pode interagir com outro, mesmo quando não existe uma ligação óbvia e visível. Tal como dois icebergs se podem erguer acima da superfície do mar e parecer estar bem separados, mas lá em baixo, sob as águas, onde as bases do gelo se estendem, eles tocam-se, também em termos destes campos de vida cada um de nós pode partilhar pensamentos, sentimentos e experiências com outra pessoa que pode estar fisicamente separada, mas psiquicamente próxima.

Mas Sheldrake vai mais longe no seu argumento. Ao nível dos campos de vida, ou «Campo da Espécie» (que é apenas um termo para a junção dos vários campos de qualquer espécie — por exemplo, todos os seres

humanos), a informação é transferível não apenas através do espaço, mas também através do tempo. Lembremo-nos de que, no modo de realidade sincronística, o passado, o presente e o futuro parecem todos entrelaçar-se, e não existe uma linha divisória clara entre a realidade e a ficção, ou entre o dia de hoje e o de amanhã.

A estrela do beisebol americano Roberto Clemente morreu num acidente de avião a 31 de dezembro de 1972, mas o seu companheiro de equipa Manny Sanguillen escapou por um milagre que foi provavelmente arquitetado pelo seu campo de vida, ao detetar informações essencialmente vindas do futuro (ou daquilo que chamaríamos futuro no modo de realidade normal). Manny deveria inicialmente voar no dia 30, mas soube então que o voo tinha sido adiado para o dia seguinte. Quando se preparava para conduzir até ao aeroporto, vinte e quatro horas mais tarde, não conseguiu encontrar as chaves do carro. Depois de procurar por todo o lado, estas acabaram por aparecer num local muito invulgar, onde ele tem a certeza absoluta de não as ter colocado. Agora era demasiado tarde para chegar ao avião, que partiu no seu voo mortal sem ele. De alguma forma, a sua mente esteve consciente dos acontecimentos vindos a verificar-se ao nível do campo de vida e traduziu essa informação em ações (procurar as chaves infrutiferamente, e assim por diante). Foi um plano elaborado para o atrasar o suficiente para evitar que chegasse ao aeroporto a tempo. Por vezes, isto pode manifestar-se de forma muito mais óbvia como um «mau pressentimento» ou uma «premonição». Noutras ocasiões, ao que parece, esta vaga perturbação das funções corporais normais é tudo o que os nossos níveis mais profundos de perceção conseguem alcançar.

Sheldrake acredita que todo o nosso comportamento, bem como a nossa forma física, é criado pelos campos de vida invisíveis que nos rodeiam. Dá ao princípio o nome pomposo de «ressonância mórfica» (o que significa apenas que as formas são criadas pela sobreposição de um campo em cima de outro, e assim sucessivamente, até se criar uma média ou «norma»). Quando uma média, ou norma, resulta de campos de vida que direcionam o comportamento humano, isso produz um caminho que as nossas vidas tendem a seguir, como gotas de chuva que caem num telhado inclinado e que vão desgastando gradualmente um canal nesse telhado, o qual passa a funcionar como um foco para todas as futuras gotas de água que ali caiam. Sempre que a tendência é má, podemos acabar com uma maldição.

Assim como a manipulação bem-sucedida das energias do campo de vida por parte de Kevin Keegan deu sucesso ao seu clube de futebol, o Liverpool, os seus grandes rivais da mesma cidade, o Everton, deparavam-se com desastres cada vez maiores. À medida que perdiam jogos, não conseguiam marcar golos e tombavam nas tabelas da liga, decidiram contratar um novo jogador — uma mulher! Ela não iria participar no sentido convencional da palavra; em vez disso, sendo uma conhecida paranormal local, deveria concentrar as suas energias do campo de vida no Everton FC e tentar trazê-los de volta ao caminho das vitórias. Surpreendentemente, resultou. O reforço desta imagem positiva dentro do campo da espécie começou a infiltrar-se. Tal como uma maldição, mas desta vez funcionando de uma forma útil e não destrutiva, «o Everton vai vencer» tornou-se uma norma. E, sendo uma norma, começou a acontecer. Enquanto escrevo, no final de 1984, o Everton FC ganhou a Taça de Inglaterra (na época seguinte à contratação desta assistência psíquica) e encontra-se na liderança da corrida ao campeonato da Primeira Divisão, uma posição que os seus adeptos nunca sonharam ser possível menos de dois anos antes!

Os Chicago Cubs, uma equipa americana de beisebol, tiveram altos e baixos semelhantes devido à intervenção da maldição de um bode! O estalajadeiro «Billy Goat» Sianis costumava assistir aos jogos com um bode de estimação como mascote, mas quando o levou às finais da *World Series* em 1945 e foi expulso do recinto, lançou a maldição e disse que a equipa nunca mais voltaria a ganhar. Desde então, tiveram uma sequência desastrosa, mas estiveram mais perto do sucesso em 1973, quando Sianis regressou temporariamente com um novo bode. Mas mais tarde foi banido uma vez mais, quando parecia que a maldição estava finalmente quebrada. Pouco depois, a equipa desceu a pique na tabela, e continuam a tentar decidir se devem engolir o orgulho e tolerar um bode nas suas fileiras, ou correr o risco de nunca mais ganhar nada. Poderíamos dizer, nos termos da teoria de Sheldrake, que o bode e o fracasso associado se tornaram uma norma de comportamento no campo da espécie, atuando através dos campos de vida de todos os seus jogadores (fazendo-os jogar pior do que jogariam de outro modo). O resultado é o que parece ser uma maldição.

Sem dúvida que os muitos enguiços e maldições desportivas têm origens semelhantes. O desporto incute grandes paixões nos jogadores e nos adeptos, e parece de facto serem as emoções que estão mais em

contacto com estes campos de vida. Se as agitarmos, podemos aparentemente tornar a vida muito difícil. A única forma de «exorcizar» uma maldição parece ser criar uma crença igualmente poderosa de que ela não funciona nas mentes daqueles através de quem opera porque eles acreditam que ela funciona.

«Crença» é aqui a palavra-chave. Parecería que aquilo em que escolhemos acreditar com força suficiente pode realmente vir a acontecer no mundo real. O que fazemos ao nível do nosso campo de vida traduz-se em acontecimentos bons ou maus. Todos aqueles que dizem que o pensamento positivo pode fazer acontecer milagres parecem de facto saber do que estão a falar.

Explicará isto todos os tipos de maldição? Parece improvável. Provavelmente este efeito, que, como sugerido, é semelhante ao de um aborígene primitivo que se deixa morrer por acreditar que um bruxo determinou que assim teria de ser, pode explicar alguns dos fenómenos históricos de longo alcance. Outra opção é proposta pelo caso do túmulo do Rei Casimiro, aberto em 1973 por ordem do então Cardeal Karol Wojtyla, atual Papa João Paulo II, para ser inspecionado por uma equipa de cientistas[^1]. Um a um, os cientistas e os historiadores que trabalharam no projeto começaram a morrer! Naturalmente, a culpa foi atribuída a uma maldição, ativada pela profanação do túmulo. No entanto, após muita e diligente investigação, o Professor Smyk, um microbiologista, encontrou o verdadeiro culpado. Um minúsculo micróbio virulento, libertado pela abertura do túmulo com quinhentos anos, tinha entrado na corrente sanguínea daqueles que estavam estreitamente associados ao estudo. Todos os que tinham problemas médicos preexistentes viram-nos agravados, e muitos deles morreram. Essa maldição tinha uma existência muito real e uma explicação muito real, e poderíamos ser tentados a pensar que isto é verdade em muitos casos onde objetos estão envolvidos, mas há alturas em que isto estica as coisas até ao limite absoluto.

O ídolo dos adolescentes, estrela de cinema e herói de culto James Dean morreu em 1955, quando o seu carro ficou desfeito. Os acontecimentos bizarros que vieram a abater-se sobre o carro são agora uma lenda tão grande como o próprio Dean. Primeiro, o motor do carro caiu do suporte na oficina para onde tinha sido levado. Partiu ambas as pernas ao mecânico que trabalhava nele. Quando colocado num carro de

corrida, este falhou, e o piloto foi novamente morto. Na mesma corrida, outro piloto morreu. O seu carro tinha levado o eixo de transmissão do veículo amaldiçoado de Dean. Mais tarde, os restos do carro continuaram a deixar um rasto de desastre, incluindo um grande incêndio. A maldição terminou finalmente em 1959, quando o carro estava sozinho em exibição e, literalmente, se desfez em pedaços!

4.

Memórias de Outra Vida

«O que a regressão a vidas passadas é pouco importa, o que conta é que a utilizo para curar pessoas» — Joe Keeton (hipnoterapeuta).

Um dos meus filmes favoritos é protagonizado por Barbara Streisand e baseia-se na peça da Broadway *On a clear day you can see forever* [Num dia claro verás para sempre]. Numa visita recente aos EUA, fiquei acordado a noite toda para o ver pela quinta vez, sensivelmente. A hora tardia realçou o feitiço que, para mim, é verdadeiramente mágico e que ele lança.

O enredo apresenta Streisand a ser hipnotizada para deixar de fumar; ela revela-se uma pessoa tão boa para entrar em transe que desliza espontaneamente para recordações de vidas passadas. Em cada uma delas, ela e o hipnotizador partilharam ligações românticas. Suponho que isto atrai porque o tema da reencarnação também atrai. Para muitos dos que estudaram a perspetiva de que cada um de nós vive muitas vidas, isto parece tocar uma corda oculta e, de alguma forma, parece estar correto. Nunca se consegue explicar como ou porquê. É claro que existe uma enorme diferença entre sentir intuitivamente a «correção» de algo e ser capaz de o provar, mesmo que esse algo ofereça explicações para coisas intrigantes, tais como a razão pela qual as crianças podem nascer com graves deficiências ou porque, como se costuma dizer, «os bons morrem jovens».

Encarar a vida como um processo contínuo, sendo o nosso percurso atual de cerca de setenta anos pouco mais do que a lição de hoje no longo calendário escolar, traz-me uma sensação imediata de reconhecimento, quase uma iluminação mística. Soa como uma grande verdade cósmica. Isso não conta necessariamente para nada, mas eu nunca apostaria contra isso.

Talvez seja apenas o facto de nos oferecer a todos uma defesa contra o nosso maior medo — a morte. Isso seria provavelmente uma resposta tão boa como qualquer outra para a maioria dos cientistas. O filme de Streisand é uma paródia leve, mas firmemente enraizada numa realidade possível. Sob hipnose de regressão, milhares de pessoas recordaram já «vidas passadas» (pois, tal como no filme, uma pessoa pode frequentemente ser levada a descrever várias em diversos pontos recuados no tempo). É claro que isto, por si só, não prova que a reencarnação seja um facto (poderia haver outras explicações), mas oferece um conjunto de experiências surpreendentemente consistente que exige algum tipo de resposta. Infelizmente, mais uma vez, a ciência prefere acreditar que o problema não existe.

Henry Mancini, o famoso músico e compositor, é um dos milhares a ser submetido a regressão. Isto aconteceu pouco depois do fim da Segunda Guerra Mundial, quando ele estava de licença em França. Era jovem e estava disposto a experimentar o que lhe foi sugerido como uma experiência interessante após conhecer um hipnotizador socialmente. Mancini deslizou facilmente para o transe, mas quando foi encorajado a recordar vidas anteriores, a princípio descobriu que nada acontecia. Depois, começaram a entrar pensamentos aleatórios na sua cabeça, e teve «impressões» — uma de ser um soldado há anos, outra de viver como o compositor clássico Verdi. Como o próprio admitiu, era perfeitamente impossível dizer se tais pensamentos tinham realmente brotado da sua memória subconsciente ou se eram meros exemplos de uma imaginação ativa. Certamente ele ficou pouco convencido por eles, e é verdade que ambos soam exatamente ao tipo de coisas que um homem que sonha tornar-se um grande compositor, tendo acabado de sair de uma guerra amarga, imaginaria.

---

[1]: **Nota:**

Em 2026, Karol Wojtyla é historicamente recordado como o Papa São João Paulo II, tendo o seu pontificado decorrido entre 1978 e 2005.

Agora que compreendemos um pouco melhor esse curioso estado de consciência chamado hipnose, pareceria que a imaginação é a melhor

candidata no caso de Mancini. Sob hipnose, o ego (o sentido controlador do «eu») é enfraquecido, o que permite que a pessoa seja subtilmente direcionada por sugestões implícitas do hipnotizador. Também potencia a imaginação e a representação de papéis, embora seja verdade que também facilita a memória. Alguém é sempre forçado a escolher entre todas estas opções (ou possivelmente uma mistura de várias) ao avaliar a origem de quaisquer dados recuperados através da hipnose.

No entanto, após essas primeiras imagens, a memória de Mancini inundou-se por completo. Ele conseguia ver-se no meio de uma paisagem desértica e quente, onde era um simples operário a trabalhar arduamente. Um grande monumento, possivelmente a própria Esfinge, estava em vias de ser construído. O hipnotizador pediu a Mancini para escrever as suas impressões sobre a estrutura gigante e (ainda em transe) ele assim fez. A escrita era em forma de pictogramas, não muito diferente de hieróglifos. Quando voltou a si, não conseguia acreditar que a tinha escrito. Parecia um absurdo para todos os presentes.

Alguns meses mais tarde, após o seu regresso a casa, o seu irmão em França disse-lhe que a escrita tinha sido levada pelo hipnotizador ao museu local. Ali, tinha sido reconhecida como uma forma de egípcio, mas ninguém a conseguia traduzir. Se isto se deveu ao facto de ser uma «gíria» obscura de operário, ou por ser um pseudoegípcio inventado pela mente subconsciente do compositor, é a grande questão que permanece sem resposta. Como referi, sob hipnose a mente é perfeitamente capaz tanto de uma supermemória como de uma capacidade supercriativa. Qual destas produziu os hieróglifos?

Para a maioria das pessoas que não estão familiarizadas com os estudos de vidas passadas, poder-se-ia esperar que muitos dos relatos fossem memórias de uma vida como pessoa famosa (por exemplo, a recordação de Mancini da sua encarnação como Verdi). De facto, o oposto absoluto é verdade. Nas experiências hipnóticas que presenciei pessoalmente, as três pessoas envolvidas recordavam vidas bastante comuns: como um agricultor de Sussex, uma criança bastante doente e acamada e uma pobre «senhora das ruas». Dificilmente o material de fantasias românticas! Esta natureza mundana das vidas passadas é a regra. É muito a exceção professar ter sido uma celebridade do passado.

Uma pessoa que fez exatamente isso foi uma dona de casa do Lancashire, Edna Greenan. No seu sotaque carregado, ela é capaz de adquirir o caráter de Nell Gwynn, a jovem que passou de uma miúda da rua a atriz famosa e depois se tornou amante (e progenitora de um filho ilegítimo) do Rei Carlos II. Oitenta horas de fita gravam sessões nas quais Edna «se torna» Nell. Ela consegue saltar de uma idade para a outra e agir sempre de acordo com a personagem e com a época em questão. Mesmo que ela fosse muito lida sobre Nell Gwynn de modo a conhecer a maior parte dos factos, esta mudança instantânea de tempo continuaria a ser um fenómeno surpreendente — de extremo interesse psicológico (para não dizer humano).

Pense-se na sua aplicação à representação, ao entretenimento e à investigação histórica se pudesse ser canalizada! No entanto, isto é típico de experiências de regressão genuínas. Se a solução se revelar uma forma de dramatização das nossas mentes subconscientes, isso mostra que todos possuímos dentro de nós um talento de representação tão notável que a verdadeira Nell Gwynn pareceria incompetente. No entanto, quase ninguém que é submetido a regressão reivindica talento para a representação, pelo menos nas suas vidas quotidianas. Mesmo aceitando que a hipnose pode estimular isto, será isso suficiente para explicar as maravilhas que vemos?

Eis uma passagem típica em que Nell Gwynn (aliás Edna) está a tentar vender peixe em criança nas ruas:

«Quer arenques frescos, minha senhora?», grita ela. «Sim... eles são frescos. Acabei de decepar a maldita cabeça daquele ali.»

E novamente, quando está a morrer na sua cama, diz: «Achas que é a hora?»

«Hora de quê?», solicita o hipnotizador Joe Keeton.

«Hora de eu recitar o epílogo agora.»

Tais coisas surgem de forma espontânea e repetida, com grande realismo. Não há gaguez ou pausa. E o mesmo se aplica se lhes perguntarem sobre factos históricos importantes ou incidentes menores nas suas vidas. Se um velho padre for solicitado a falar em latim, ele assim faz. Se alguém for questionado sobre a sua idade depois de ter sido previamente

regressado a um determinado ano, não há hesitação e a idade é indicada corretamente.

Mas, por vezes, informações decididamente falsas ou imaginativas são oferecidas com a mesma liberdade. Este facto intrigante é um aspeto do fenómeno básico da hipnose e não é peculiar ao estudo de vidas passadas. Uma pessoa levada de volta aos seus tempos de escola terá uma recordação muito mais apurada e visualizar-se-á como era nesses dias. Dados notáveis (mas comprovadamente exatos) podem ser extraídos mesmo quando totalmente desconhecidos da sua mente consciente. E isto será associado a uma espécie de representação (na qual simulará a sua caligrafia da altura, por exemplo).

A isto juntar-se-ão informações falsas, que ou adivinha ou inventa sem se dar conta. Não se esqueça de que, mesmo há um século, não havia televisão ou rádio e muito menos jornais. Mesmo os factos mais importantes eram transmitidos maioritariamente por boatos e (como seria óbvio para qualquer pessoa que ouça a tagarelice numa esquina hoje em dia) isto poderia facilmente produzir ideias erradas grosseiras, especialmente nas histórias de vidas passadas de pessoas comuns.

É perfeitamente possível que, numa memória de uma vida passada, todos estes fatores estejam envolvidos, pelo que é difícil saber, em qualquer caso, que percentagem da informação utilizada para construir a vida é memória real e que percentagem é adivinhação ou invenção. Obviamente, poderá inclinar-se a acreditar que a percentagem de memória real é sempre nula nos casos de vidas passadas, com o fundamento de que não existem vidas passadas e, portanto, o fenómeno é impossível. Nesse caso, deve ser tudo adivinhação ou invenção. Mas existem alguns argumentos contra isto, e pode ser demonstrado na regressão a tempos anteriores nesta vida que a memória real de um tipo notável pode ser acedida. Portanto, não há nenhuma razão inerente para que o testemunho de vidas passadas não possa conter dados factuais.

Claro que, quando enfrentamos a perspetiva de nos cruzarmos por acaso nesta vida com a pessoa que foi Nell Gwynn noutra, parece bastante conveniente, mas há poucos casos desses e milhares de regressões. Há também um número bastante considerável de pessoas que poderíamos razoavelmente considerar «famosas» ao longo da história do mundo.

Portanto, se olharmos para a questão desta forma, não é assim tão surpreendente que Edna Greenan tenha surgido.

Passemos agora a algumas pessoas famosas nesta vida e vejamos que tipo de memórias produzem sob hipnose. Isso servirá para enfatizar o ponto que acabei de referir e mostrar a diferença entre a «vida» de Mancini como Verdi e as suas impressões mais concretas do operário egípcio. A fama e a fortuna no século vinte não pressupõem a mesma coisa numa memória de uma vida passada.

O cantor Vince Hill foi submetido a hipnose pelas mãos de um dentista de Londres, Leonard Wilder. Nesta experiência, ele recordou uma vida muito vívida que se desenrolou, como ele disse, «como um filme», na qual era um trabalhador agrícola numa aldeia de Sussex, nascido por volta de 1649. Ele acabou por casar com uma rapariga chamada Mary e ter um filho chamado James. Descreve a quinta em forma de L onde passou a viver, a comida que comia, as roupas que vestia, os métodos de cultivo, como Mary o deixou e como, aos quarenta e sete anos, caiu das escadas e morreu. Tudo muito comum e banal. Vince ficou impressionadíssimo com todos os pequenos incidentes, cada um dos quais via claramente, mas que envolviam na sua maioria coisas muito triviais. Para ele, tudo parecia muito real. Para nós, parece apenas humano.

A imitadora Faith Brown foi hipnotizada da mesma forma. No seu subconsciente, ela está impregnada de imagens causadas por «tornar-se» pessoas famosas o tempo todo. Se alguém devesse inventar uma vida passada famosa, seria de esperar que fosse ela. No entanto, ela simplesmente se tornou Frances Jenkins, nascida em 1779, que teve um caso com um juiz casado chamado Gerald. Quando Gerald regressou para a sua esposa e morreu pouco depois, sob circunstâncias ligeiramente misteriosas, isso produziu um desequilíbrio mental em Frances e acusações de homicídio contra ela. À idade de quarenta anos, ela descreve estar trancada num manicómio, declarada louca e alimentada a pão e água sob condições miseráveis.

Diane Solomon, uma estrela da canção americana, foi a terceira participante. As suas memórias eram mais detalhadas. Recordou nada menos do que quatro vidas. Numa, viu-se como uma jovem grega amarrada à sua irmã e a ser açoitada por romanos que tinham atacado e incendiado a sua casa. Numa data não especificada, descreveu uma vida curta como

Martha Grey, que viveu no Mississippi e morreu com dores terríveis devido a tuberculose. «Não foi imaginação. Senti-o realmente — e doeu», disse ela sobre isto. As últimas duas vidas são bastante pacíficas, mas problemáticas por outra razão.

Ela torna-se Jonathon Miller, nascido em 1763 como um colono pioneiro do Oeste, partindo de Des Moines. A sua vida baseia-se em construir uma quinta, ter uma família, negociar melaço com os índios e morrer (com cinquenta e oito anos) em 1821, com uma doença na perna. No entanto, ela também dá detalhes de uma vida como Katrina, uma rapariga de Washington, com pais bastante abastados. Fala de coisas simples — vestidos, festas, idas ao teatro e assim por diante — mas acrescenta que morreu em 1870, tendo nascido em 1817. Se isto não for um erro, produz uma sobreposição bastante incómoda de quatro anos com Jonathon Miller!

Além disso, um historiador que avaliou os casos para o jornal que financiou o projeto explicou que Des Moines não existia no século dezoito, e o conto do pioneiro só faz sentido se for avançado cerca de meio século. Isto apenas agrava a dificuldade. (Tudo isto assumindo que as nossas tradições estão corretas e que a Des Moines de que Miller fala é a mesma que o historiador depreende.)

No entanto, tais «gaffes» são uma característica menor (mas longe de ser insignificante) da regressão a vidas passadas, e o ponto essencial que estas três experiências demonstram é que as vidas recordadas são, novamente, de um nível rotineiro. Se são produzidas como construções imaginativas, dramatizando histórias ou fantasias semi-recuperadas, por que não são muito mais emocionantes ou aventureiras? Imaginar-se-ia especialmente que as personalidades do mundo do espetáculo inventassem vidas interessantes. Além disso, por que é que a morte da pessoa assume grande importância? É uma das coisas constantemente descritas pelo sujeito, embora as histórias históricas se concentrem na vida (não na morte) das suas personagens.

De um modo geral, se for pedido a uma pessoa para se «focar» numa vida passada sob hipnose, surgirá uma cena vívida. Esta é frequentemente a morte da pessoa ou algum trauma (por exemplo, Faith Brown trancada, Diane Solomon a ser açoitada por saqueadores). Seria isso o que poderíamos esperar se existissem memórias reais do passado escondidas

dentro de nós. Tenderíamos a ir primeiro para as ligações emocionais. Depois disso, são maioritariamente trivialidades o que é recordado, que é exatamente a forma como nos lembramos do passado desta vida.

A forma como estas experiências de hipnose parecem duplicar a recordação da vida real pode ser um dos factos de maior evidência a seu favor.

Poderíamos perfeitamente perguntar por que razão as vidas passadas não parecem ser fantasias de realização de desejos (um pouco como devaneios). Por que não nos vemos habitualmente ricos e famosos, ou a viver numa ilha deserta e assim por diante? A recordação de vidas passadas está abastecida com o habitual legado sombrio da miséria humana — na verdade, muitas vezes mais do que hoje. Isto é importante, pois temos ilusões românticas sobre o passado quando, na verdade, a vida era muitas vezes muito dura e cruel. Havia doença, pobreza e privações, e nada que se parecesse com as instalações médicas e sociais que temos hoje para as combater. Enquanto a ficção histórica subestima estes factos, a hipnose de regressão pareceria revelar a verdade nua e crua incrivelmente bem.

Robert Reiff e Martin Scheerer são dois cientistas que estudaram a hipnose antes de esta passar a ser amplamente utilizada para a regressão a vidas passadas. Em 1959, escreveram sobre a «regressão de idade» a tempos mais jovens nesta vida. Disseram que a regressão era facilitada se a pessoa fosse convidada a reviver um dia emocional. Isto apoia o facto de tais acontecimentos serem os mais fáceis para a recordação espontânea em estudos de vidas passadas. Reiff e Scheerer determinaram três tipos de regressão: (a) fantasia de representação de papéis (o uma espécie de encenação); (b) reviver um estado psicológico real; (c) uma mistura de ambos os anteriores. Na sua perspetiva, a maior parte da regressão de idade consistia em misturas variáveis de (c), com diferentes graus de dados reais a alimentar a encenação da representação de papéis.

A regressão a vidas passadas pode ser muito semelhante, mas para demonstrar que a memória real pode emergir da regressão de idade, eles experimentaram para mostrar que os sujeitos levados de volta à infância desenvolvem QI que são os mesmos da vida adulta, mas respondem a testes de psicologia como se fossem crianças da idade correspondente. Um homem que sofria de um padrão cerebral anormal após a idade de dezoito

anos perdeu-o quando regrediu à infância, desde que lhe dissessem para ser mais jovem do que a idade em que a anormalidade começou.

Reiff e Scheerer também realizaram experiências em que regrediram pessoas às idades de quatro, sete e dez anos e pediram a um grupo de controlo para simular o comportamento nessas idades. Os resultados típicos mostraram que, se os sujeitos brincassem na lama e lhes fosse subitamente entregue um chupa-chupa, todos o chupariam, mas o grupo de controlo tendia a limpar primeiro a lama das mãos, enquanto os que tinham regredido iam diretamente para o doce! Houve muitas ilustrações semelhantes de que a regressão é, de alguma forma, um reviver genuíno.

Se os sujeitos fossem solicitados a dizer o dia da semana enquanto reviviam um aniversário passado, conseguiam fazê-lo. Se estivessem a usar uma super aritmética mental para alcançar isto, em vez de um acesso direto aos dados da memória, não deveria ser menos fácil calcular esta informação para as idades de dez, sete ou quatro anos. De facto, a precisão diminuía de 93 por cento (aos dez), passando por 82 por cento (aos sete) até 69 por cento (à idade de quatro anos). Isto sugere certamente uma forma de memória real. As crianças pequenas estariam menos conscientes do dia da semana do que as mais velhas.

Muitos psicólogos modernos têm feito estudos sistemáticos sobre a possibilidade de reencarnação. A Dra. Helen Wambach produziu um conjunto massivo de estatísticas baseadas em duas mil vidas passadas que coligiu. Cada fator parece demonstrar a validade de um fenómeno real. Pessoas brancas recordavam-se de ser de cor e não mostravam sinais de preconceito racial inato. A proporção de sexos, posições na vida e durações de vida eram todas o que historicamente se esperaria.

A Dra. Edith Fiore tem estado particularmente interessada na forma como as fobias podem ser curadas através do uso da terapia de vidas passadas. Ela nota uma ligação entre uma suposta morte violenta ou tragédia numa vida passada e alguma forma de fobia nesta. Por exemplo, uma paciente paranoica com a cor vermelha, que nem sequer conseguia tocar-lhe, sob hipnose «recordou» uma vida anterior na qual, em criança, tinha testemunhado a sua mãe ser esfaqueada até à morte num terrível banho de sangue. Como pergunta a Dra. Fiore, se a memória da vida passada não é real, por que é que o reviver da mesma através da hipnose

geralmente cura a fobia? É como se agisse como uma válvula de segurança, libertando grandes jorros de vapor psíquico.

O comediante e artista Roy Hudd tem uma história que adora contar que poderia perfeitamente enquadrar-se nesta categoria. Hudd tem uma grande paixão pelo antigo *music-hall*, uma forma de espetáculo de variedade à qual se sente muito ligado, mas que é demasiado jovem para ter vivenciado. Muitas vezes apresenta programas de televisão sobre este tema, e até produziu um «especial» sobre a grande estrela vitoriana Dan Leno. Leno era um comediante, muito no molde de Roy Hudd, que se desgastou tanto mental como fisicamente e morreu tragicamente jovem. É amplamente considerado um dos intérpretes mais brilhantes que o século passado produziu.

O grande interesse de Roy Hudd em Dan Leno tem um ponto de partida curioso. Começou com uma longa série de sonhos sobre uma casa. Via-a por dentro e por fora e conseguia recordar muitos detalhes. Uma imagem vívida dizia respeito a múltiplas imagens de si próprio, o que mais tarde veio a perceber ser o efeito de estar rodeado por espelhos. Os sonhos começaram quando Roy era criança e foram muito persistentes ao longo da sua vida de jovem adulto. Embora as emoções associadas a eles nunca tenham sido más, as semelhanças com as fobias que Edith Fiore estuda são bastante evidentes. Muitas destas surgiam ao paciente sob a forma de sonhos recorrentes.

Um dia, Roy Hudd e a sua esposa foram convidados a visitar uns amigos na sua nova casa, numa zona de Londres que ele nunca tinha visto. Procuraram a casa e chegaram à estrada onde acreditavam que ficava. Instantaneamente, Roy reconheceu os arredores. Na verdade, conseguiu direcionar a sua esposa para a casa exata muito antes de conseguirem ver o número.

Ficaram sentados lá fora, a olhar para ela, enquanto o comediante, agora decididamente sério, passou a dar tantos detalhes quantos conseguia recordar dos seus sonhos sobre o aspeto que a casa deveria ter por dentro. Provou-se que estava correto em praticamente todos os detalhes. Até os espelhos batiam certo. A casa tinha, como vê, sido outrora o lar de Dan Leno. (Havia uma placa na parede colocada pelo município para anunciar esse facto.) Leno tinha usado uma sala cheia de espelhos para praticar, de modo a poder observar a sua atuação tal como o público a veria.

Assim que Roy Hudd se apercebeu disso, o impacto dos seus sonhos repetitivos foi enorme. Tinham sido tão frequentes e tão vívidos que ele sabia que isto não era coincidência nem imaginação. Tinha visitado esta mesma casa repetidamente nos seus sonhos, muito antes de alguma vez ter posto os olhos nela. Mas também a tinha visto da forma como era quando Leno a possuía. Esta perceção agiu como a catarse e libertou a válvula de segurança emocional, tal como a hipnose faz com os pacientes de Fiore. Nunca mais teve os sonhos, mas ficou suficientemente motivado para investigar a vida de Dan Leno e produzir o seu especial de TV.

Qual será a explicação para esta história assustadora? Roy Hudd não sabe. Foi-lhe sugerido que talvez Dan Leno o tenha escolhido como protegido e esteja a zelar por ele do «outro lado». Os sonhos seriam as primeiras tentativas de comunicação e um meio de despertar o interesse do artista pelo seu mentor desconhecido. Mas Roy Hudd parece ter uma secreta afeição pela possibilidade de ele próprio ser, na verdade, Leno! Por outras palavras, Roy Hudd teria sido o comediante vitoriano numa vida passada, pelo que os sonhos seriam memórias vestigiais da sua vida e da sua época numa era passada.

Por mais ridículo que isto possa parecer à primeira vista, há algumas coisas que jogam a seu favor. As semelhanças pessoais entre Hudd e Leno, por exemplo. Será o génio algo que se transporta de uma vida para a seguinte? Talvez os prodígios musicais, se colocados sob hipnose, recordassem uma existência anterior como compositores famosos? De facto, o regresso de Verdi como Henry Mancini poderia, nesta base, não ser tão louco como parece!

Joe Keeton é um dos terapeutas mais prolíficos no uso da regressão a vidas passadas para curar pessoas. Ele já me brindou com inúmeras histórias surpreendentes. Para ele, as alegações de regeneração de partes do corpo humano e de cura de doenças aparentemente incuráveis são acontecimentos quase quotidianos. (Quando ele supostamente livrou um cirurgião famoso de um cancro no olho, diz-se que o cirurgião equacionou abandonar o seu trabalho porque, segundo as suas palavras, se sentia como uma fraude.)

Keeton insiste que a maioria das regressões a vidas passadas não é genuína. Ele consegue sempre detetar quando uma pessoa está verdadeiramente a reviver uma experiência anterior. Quanto mais recuam

no tempo, maior é a dificuldade em compreendê-las. Antes do ano 1400, diz ele, as pessoas falam de uma forma tão incompreensível que é impossível manter uma conversa. Como «bebés», limitam-se a gatinhar e a babar-se!

A maioria dos fenómenos testemunhados sob a capa de vidas passadas deve-se, segundo muitos investigadores (incluindo Keeton), à criptomnésia. Trata-se de um processo mental através do qual a mente retém literalmente tudo o que alguma vez lhe foi incutido — cada frase dita, imagem vista, livro lido, programa de televisão assistido e assim por diante.

O nosso eu mental é composto por uma série de caixas que encaixam umas nas outras, um pouco como as bonecas russas que se inserem dentro de outra de tamanho ligeiramente superior. A mente consciente é a boneca mais pequena, contendo todas as nossas memórias e emoções normais. Esta encaixa na subconsciente, que inclui tudo isto e mais os instintos de raiz e dados que utilizamos mas de que não necessitamos de acesso regular (por exemplo, o conhecimento de como andar de bicicleta).

Ao nível mais profundo está a mente inconsciente, que contém tanto as coisas acabadas de descrever como também inclui dados de tipo criptomnésico. Se quisermos aceder a algo, todas as experiências que alguma vez tivemos encontram-se ali à espera de acesso. Podemos dizer que nunca lemos sobre um agricultor na zona rural de Essex ou que nunca nos falaram sobre o grande artista vitoriano Dan Leno, mas esse conhecimento pode perfeitamente estar ali, algures dentro do nosso inconsciente.

É a este nível que ocorre o entrelaçamento de mentes. O inconsciente é, na maioria dos aspetos, o equivalente ao campo de vida. Quando os campos de vida de milhões de pessoas se sobrepõem, temos um campo da espécie ou, como Carl Jung lhe chamou, o «Inconsciente Coletivo». Aqui, ele via a base de todos os mitos e lendas comuns de raça para raça em todo o nosso planeta. Podemos estar separados fisicamente pelos grandes oceanos ou pela largura de continentes, mas, a um nível mental, as nossas mentes inconscientes fundem-se. Como todos pertencemos a uma única espécie, venhamos de onde viermos na Terra, partilhamos uma grande quantidade de coisas neste plano mítico. Em termos de inconsciente coletivo, tudo o que qualquer um de nós já experienciou está

potencialmente disponível. Qual seria, então, o valor de uma reencarnação verdadeira?

Vários investigadores atentos, tais como Ian Wilson, já rastrearam com sucesso muitos casos clássicos de vidas passadas até memórias vestigiais que tinham sido totalmente esquecidas. Nas mentes consciente e subconsciente elas não existiam, mas a criptomnésia, sob o estado especial de hipnose, tornou-as disponíveis a partir do inconsciente.

Naturalmente, se existir um campo da espécie, como propusemos, e se este for independente tanto do espaço como do tempo, como sugerem alguns dos casos que temos estado a analisar noutros capítulos, uma forma de reencarnação poderá ser possível sem que nenhum de nós tenha vivido antes. Poderemos obter acesso a informação diretamente deste gigantesco poço de conhecimento e construir uma fantasia em torno dela. A crença de que fomos uma pessoa morta há muito tempo seria falsa, mas a informação sobre ela poderia ser verdadeira.

Que isto é viável demonstra-se perfeitamente pelo facto de nem todas as memórias de vidas passadas surgirem por via da hipnose. Na verdade, se o caso de Roy Hudd for de reencarnação, isso aplica-se a ele. O Dr. Ian Stevenson, um psiquiatra da Universidade do Estado da Virgínia, viajou pelo mundo a recolher casos de memória espontânea, geralmente em crianças pequenas. Descobriu que, em média, estas começam a falar das suas vidas anteriores aos três anos e um mês de idade e deixam de o fazer (sem qualquer recordação posterior) aos cinco anos e quatro meses. Estranhamente, a criança afirmava frequentemente ter sido um antigo membro da mesma família na qual tinha renascido. Muitas vezes tinha morrido subitamente enquanto era ainda jovem. Num quinto dos casos, os detalhes oferecidos eram verificáveis e provaram estar corretos.

Um dos exemplos mais surpreendentes deste tipo de caso é britânico. Stevenson já manifestou o seu apoio ao mesmo e até Ian Wilson concorda que, se fosse provado ser genuíno, seria muito difícil de refutar. Mas o problema é que depende quase inteiramente da palavra do pai (o único progenitor sobrevivente), dado que as duas crianças envolvidas (ambas agora adultas) não têm quaisquer memórias reais disso. Esse pai tem uma forte predisposição para acreditar na reencarnação e tinha a convicção, antes do facto, de que os acontecimentos que alegadamente sucederam iriam de facto suceder. Obviamente, as suas novas ideias devem ter tido um

efeito sobre os seus filhos, que não teriam qualquer desejo de se rebelar contra os pais. Mas poderá isto explicar este caso estranho?

Este centra-se em Hexham, Northumberland, quando Joanna e Jacqueline Pollock (de onze e seis anos) foram tragicamente mortas, juntamente com um jovem amigo, quando um carro conduzido por uma mulher com intenções de suicídio chocou acidentalmente contra elas enquanto caminhavam entre a sua casa e a igreja local, a 5 de maio de 1957. O pai, John Pollock, interpretou o sucedida como uma retribuição divina pela sua crença na reencarnação. Reando por algum tipo de sinal de perdão, ficou convencido de que a sua esposa teria gémeos em breve e que estes seriam as suas filhas falecidas reencarnadas.

Não havia antecedentes de gémeos em nenhuma das famílias e, quando a sua esposa engravidou, os médicos insistiram que havia apenas um bebé no útero. No entanto, a 4 de outubro de 1958, Florence Pollock deu de facto à luz duas gémeas, Gillian e Jennifer. Jennifer terá alegadamente nascido com uma fina cicatriz na testa, idêntica a uma que Jacqueline tinha feito quando caiu da bicicleta aos dois anos, mas esta cicatriz desapareceu rapidamente. Jennifer ainda tem uma marca de nascença na anca, no mesmo local onde Jacqueline costumava ter, mas isso dificilmente constitui uma prova esmagadora, tendo em conta os laços genéticos.

Quando as gémeas tinham apenas quatro meses, a família mudou-se para uma nova casa a trinta milhas de Hexham. Mas quando elas tinham três anos, John decidiu organizar uma visita de regresso à antiga casa para ver se isso despertava alguma memória nas suas filhas. E despertou. As meninas terão alegadamente reconhecido a casa e até nomearam corretamente bonecas com que as suas antecessoras tinham brincado. Terá John induzido as meninas a isto? Ou poderiam ter obtido tal informação através de telepatia ou até por meios mais normais?

O acontecimento mais dramático que John Pollock alega ocorreu quando as gémeas brincavam na rua e começaram a gritar assim que o motor de um carro arrancou. Ele diz que, quando chegou junto delas, as meninas abraçavam-se uma à outra, chorando: «O carro! O carro! Vem contra nós!» — tudo porque o carro se apresentava diante delas no mesmo ângulo que o de 1957 se deve ter apresentado a Joanna e Jacqueline nos seus momentos finais. Altura em que as meninas completaram seis anos já

se tinham esquecido de tudo isto, o que torna difícil uma avaliação honesta do caso. Mas isto enquadra-se no padrão que Ian Stevenson afirma ter encontrado.

Para o seu livro *Life Before Life* [A Vida Antes da Vida], Peter e Mary Harrison coligiram muitos casos como este. Também eles se enquadram no padrão. Por exemplo, falam de Nicola Peart, de quatro anos, de Keighley, West Yorkshire, que tinha uma recordação vívida da vida como um rapaz que vivia em Haworth (uma aldeia a apenas um par de milhas de distância). Sabia o apelido da família (Benson), o nome do seu (dele) cão (Muff) e muitos outros detalhes. Falava de ter sido morto por um comboio e descrevia médicos no hospital a perguntar como é que «ele» estava, mas sem conseguir andar ou falar. Kathleen Peart, a mãe de Nicola, decidiu levar a filha a Haworth (onde alegadamente esta nunca tinha estado). Nicola não só a direcionou até lá e, depois, para a sua «antiga casa», que correspondia muito bem às suas descrições anteriores, como, quando os registos paroquiais foram verificados, se descobriu evidência de que um rapaz chamado John Benson (nascido a 20 de junho de 1875) poderia ter sido a encarnação anterior da pequena Nicola.

Uma questão importante que muitos destes casos de memória infantil levantam é a razão pela qual as duas vidas estão geograficamente tão próximas uma da outra. Isto e a ligação familiar já referida são muito mais comuns do que a lógica sugere que deveriam ser. Os céticos apontarão sem dúvida que tais factos tornam mais fácil para a criança absorver tanto a informação local como a familiar.

Independentemente da verdade sobre a reencarnação, esta pode, por vezes, apoderar-se da vida atual de uma pessoa. A história muito pungente da prestigiada dramaturga Ada F. Kay demonstra-o. (Ian Wilson fez um estudo especial das suas bizarras alegações, mas até agora não chegou a nenhuma conclusão final.) Ela alega que, antes de começar a escrever peças e livros sobre a história da Escócia, começou a experienciar *flashbacks* mentais muito fortes de uma vida como o Rei Jaime IV da Escócia. Uma das suas primeiras imagens, completa com dor e terror, foi a da sua (dele) morte no campo de batalha em Flodden, quando os ingleses atacaram em 1513. A quantidade de memórias que ela alega ter sobre a sua vida como rei escocês é tão surpreendente que escreveu um livro que abrange um quarto de milhão de palavras com base no que viu. Mas mais perturbadora

é a forma como o lento redespertar para a sua «existência» passada destruiu o seu casamento e a sua vida familiar no século vinte.

Ada (agora conhecida como Ada Stewart) usa roupas que seriam apropriadas para o rei, mas que parecem decididamente estranhas hoje em dia. A sua casa em Edimburgo está repleta de artefactos e objetos memoráveis do século dezasseis. Ela alega inclusive uma semelhança física com o rei. A sua identificação com a personalidade do homem de há 4 séculos e meio atrás é quase total e, para os desprevenidos, muito misteriosa.

Não conhecendo Ada, nem tendo visto o seu trabalho e a mente obviamente dotada que reside por trás dele, pode-se facilmente ser tentado a rir ou a sentir pena desta mulher de cinquenta e sem anos. Mas isso falha o alvo, e Ada não parece ter pena de si própria. Talvez devesse. Conforme a lei em vigor neste momento, ela não pode reivindicar o título ou as terras a que a sua notável árvore genealógica a poderia autorizar.

5.

Figuras Públicas e o Paranormal

«A existência destas máquinas é evidente e eu aceitei-as absolutamente» — Lord Dowding, Marechal do Ar.

Em maio de 1812, John Williams, um estalajadeiro da Cornualha, teve um sonho muito estranho, que ocorreu três noites seguidas. A imagem parecia ser a da Câmara dos Comuns e envolvia o assassinato a tiro de um político proeminente. John Williams não fazia ideia de quem poderia ser, vivendo tão longe de Londres numa época em que as notícias viajavam apenas tão rápido quanto a carruagem mais veloz. Mas quando contou a um familiar que frequentava Londres, Williams ficou chocado ao descobrir que a sua descrição parecia corresponder a Spencer Perceval, então Primeiro-Ministro. Vários dias mais tarde, a notícia chegou à Cornualha de que Spencer Perceval tinha sido assassinado no átrio da Câmara dos Comuns, exatamente como John Williams tinha sonhado.

Seria o sonho uma visão do futuro (uma premonição) ou uma mensagem telepática transmitida através do espaço, mas não do tempo, pelo Primeiro-Ministro moribundo ou pelo presumível assassino? Em tais casos, é frequentemente muito difícil decidir. Na verdade, os céticos

insistirão que foi apenas uma coincidência. Os líderes de Estado estão sempre sujeitos a tentativas de assassinato. Não é nada do outro mundo julgar que se previu uma delas. No entanto, como demonstrarão muitos outros exemplos neste livro, a experiência de Williams/Perceval faz parte de um corpo de provas suficientemente grande para sugerir que, seja qual for a verdade, esta é mais interessante do que o acaso ou a coincidência.

Os primeiros-ministros britânicos têm sido associados ao paranormal noutras ocasiões, e uma passagem aleatória por alguns destes acontecimentos relatados será de interesse.

O primeiro exemplo é um daqueles a que os investigadores nesta área estão perfeitamente habituados. É uma história fantástica, contada como verdadeira por aqueles que a relataram, mas com muito pouco mais que sustente a sua veracidade. Diz respeito a uma família (mãe, pai e o filho adolescente) que se mudou para uma casa antiga e labiríntica por entre as montanhas galesas. Tratava-se, segundo foram informados, da antiga residência de um homem que tinha sido primeiro-ministro durante o século passado. Quando já era velho, ter-se-ia alegadamente enforcado num dos quartos, embora esta história não fosse muito falada e os factos concretos sejam escassos.

Com esse tipo de boas-vindas à sua nova casa, não é de surpreender que coisas estranhas tenham começado alegadamente a acontecer quase de imediato. O som de passos a caminhar no corredor era ouvido repetidamente, todas as portas dos quartos abriam-se sem motivo aparente e, a dada altura, a figura de um velho com barba branca e uniforme militar foi vista a caminhar pelo patamar da escada e a desaparecer num quarto vazio e sem janelas, cuja porta estava trancada. E então a esposa começou a ter pressentimentos terríveis sobre a casa, insistindo que o seu «fantasma» (que se assumia naturalmente ser o antigo primeiro-ministro) estava a tentar avisá-los para saírem. Na sequência de um pesadelo terrível, ela anunciou finalmente que tinha previsto que o seu filho de dezasseis anos seria atropelado e morto, longe de casa, por uma «carruagem ou coche preto». Ainda assim, a família permaneceu na casa.

Duas semanas mais tarde, o pai dirigiu-se à cama de Alan, o filho, após os seus chamamentos a meio da noite. Alan apontou para a parede atrás da sua cama e perguntou o que seria aquele estranho círculo de luzes coloridas. O pai examinou-o, mas este afastou-se. Não havia espelhos para

produzir reflexos parasitas e apenas campos remotos e não iluminados no exterior. O que era aquilo, não faziam ideia, e afirmam não estar cientes de que tais «círculos de luz» são um tipo comum de fenómeno, frequentemente relatado em quartos assombrados. Tendo a luz desaparecido, Alan perguntou pelo estranho homem barbudo que tinha visto passar pela porta antes de desaparecer. O pai disse-lhe que provavelmente estava apenas a sonhar. Mas Alan tinha estado a ocupar o quarto onde a tragédia ocorrera.

No dia seguinte, a alguma distância de casa, Alan foi colhido por um automóvel ligeiro preto numa estrada rural. Foi projetado a cinquenta metros para um campo, onde faleceu. No seu bolso foi encontrada uma fotografia desbotada de um velho barbudo, que outrora fora primeiro-ministro britânico. Ninguém sabia como tinha ido ali parar.

Alguém se sente tentado a dizer que se acredita nisto, acreditará em quase tudo, e a mim assemelha-se a uma tentativa de inventar uma história de terror. Mas tanto a família como a casa existem, e o caso foi relatado à ASSAP, aparentemente de boa-fé.

Num plano muito mais sólido encontra-se o facto de a primeira declaração oficial alguma vez emitida sobre OVNIs ter vindo do futuro Primeiro-Ministro, mas então Primeiro Lorde do Almirantado, Winston Churchill, corria o ano de 27 de novembro de 1912. Esta surgiu na sequência de alguns acontecimentos estranhos verificados um mês antes em Sheerness, Kent, quando um misterioso objeto ruidoso passou por cima e os habitantes da aldeia acenderam fachos assumindo que uma forma de aeronave não identificada estaria prestes a aterrar. Nada chegou a descer, e Churchill foi forçado a iniciar um estilo que se tornaria popular muito mais tarde, ao insistir que, embora o governo britânico tivesse conhecimento do relato, não tinha qualquer explicação a oferecer — mas que não havia motivo para preocupação.

Contudo, as pessoas preocuparam-se com os encontros (dos quais o evento de Sheerness foi apenas um) com o que passou a ser conhecido como o «dirigível mistério». Ao longo dos primeiros meses de 1913, verificou-se uma autêntica vaga de avistamentos, por vezes bastante impressionantes. A crença popular não era, como seria de esperar, a de que homenzinhos verdes estivessem a invadir a «Velha Albion», mas sim a de que as aeronaves fossem de origem alemã numa missão de espionagem

sobre as costas da Grã-Bretanha como prelúdio para um desembarque iminente. A tensão que antecedeu a Primeira Guerra Mundial ajuda a enquadrar a situação. No entanto, é extremamente improvável que dirigíveis alemães tenham sobrevoado a Grã-Bretanha, e o seu desempenho ao longo dos anos seguintes (quando se presume que qualquer aparelho seria melhor do que estes protótipos de 1913) também apoia essa visão negativa.

Muitos investigadores pensam que o pânico criou muitos erros de perceção e excesso de imaginação — mais ou menos o mesmo que os céticos argumentam hoje em dia quando, em vez disso, são relatadas «naves espaciais mistério». Mas seja qual for a verdade, o lugar de Sir Winston Churchill está assegurado na história do paranormal.

Os talentos psíquicos de Churchill foram indubitavelmente instrumentais para ajudar os aliados a vencer a Segunda Guerra Mundial, embora ele próprio provavelmente não considerasse o que fez como «psíquico», porque, num certo sentido, utilizou apenas a sua intuição. Por outras palavras, ele era uma daquelas pessoas capazes de deslizar facilmente para o modo de realidade sincronística.

Como já vimos, o facto de ser tanto um artista como um escritor (e, portanto, naturalmente criativo) ajuda a explicar por que razão assim era. Tais indivíduos parecem não estar enraizados no conceito de que o mundo exterior, imutável e inalterável, rege o que fazemos; eles habitualmente inventam, criam, alteram e adaptam dentro das suas mentes para impor as suas regras ao mundo exterior. Parece ser esta diferença na relação simbiótica entre a mente e a matéria, o eu e a realidade, que torna alguém um cético (ou um negador psíquico, ou um cientista tradicional) ou um crente (ou um paranormal ativo, ou um artista imaginativo). Na astrologia, é a diferença entre o frio e calculista Saturno (ou o seu signo de Capricórnio) e o sensível e impressionável Neptuno (ou o seu signo de Peixes). Existem cambiantes de permeio, como é evidente, mas a verdade mantém-se válida.

Durante a Segunda Guerra Mundial, numa noite em que Churchill jantava no número 10 de Downing Street, dirigiu-se inexplicavelmente à cozinha e disse aos seus funcionários para saírem e irem para o abrigo. Decorria um raide aéreo alemão, mas isso era normal na altura, e a prática corrente era «continuar a lutar», que foi exatamente o que Churchill fez. No

entanto, os funcionários obedeceram às suas ordens e, momentos depois, uma bomba detonou na parte de trás da casa, demolindo praticamente a cozinha. A sua capacidade de alternar os modos de realidade e de ver para além das fronteiras normais do tempo salvou provavelmente várias vidas. Quem sabe quantas outras vidas as decisões de Churchill em tempo de guerra protegeram?

Pretendo regressar ao problema do tempo e das premonições mais tarde, mas por agora deve notar-se como este parece relacionar-se com esta capacidade de passar de um modo para o outro, prescrever acontecimentos e, assim, gerar «coincidências» fortuitas.

Regressemos ao enigma dos OVNIs. Escrevi vários livros sobre este assunto e não tenciono repetir nenhum deles discutindo o que é este fenómeno. Basta dizer que coisas estranhas são vistas por pessoas fiáveis e algo está — ou, mais provavelmente, algumas coisas estão — a acontecer «lá em cima», o que as autoridades conhecem perfeitamente e não têm a menor pista de como lidar. Existe até um Grupo de Estudo Parlamentar de OVNIs de Todos os Partidos, com sede em Westminster, ao qual tive a honra de me dirigir em dezembro de 1980. Este grupo inclui muitos nomes ilustres, tais como o Conde de Clancarty e Lord Hill-Norton (um sucessor de Churchill como Almirante da Frota). Embora seja retratado de forma um pouco injusta em termos ligeiramente jocosos por certas facetas da imprensa britânica, a verdade é que estes homens (e algumas mulheres) estão profundamente interessados na realidade dos OVNIs e parecem empenhados em forçar os governos do mundo a quebrar aquilo que interpretam como um «encobrimento».

Hill-Norton acredita numa conspiração deste tipo, embora quando ocupava o cargo de Chefe do Estado-Maior no Ministério da Defesa não tenha sido associado a ela — o que parece estranho. Ele sente que há uma batalha para chegar primeiro aos segredos tecnológicos do fenómeno. Nisto é apoiado por alguns nomes muito poderosos (como o presidente da Comissão de Defesa de todos os partidos, Sir Patrick Wall, um político conservador de longa data). Tais pessoas conferem obviamente credibilidade à controvérsia dos OVNIs. Mas não consigo deixar de ponderar um cenário estranho.

E se este misterioso escalão superior do poder (que mantém este encobrimento) se deparasse com a perspetiva de explicar a Hill-Norton por

que razão lhe tinha ocultado informações? Por exemplo, um OVNI poderia ter surgido à frente de um dos seus navios de guerra, para ser prontamente alvejado, apenas para demonstrar uma superioridade tal que constituísse uma ameaça tanto para os homens como para o seu dispendioso material naval? Como poderia justificar-se uma limitação tão insensata do conhecimento?

Se existe uma estratégia de «necessidade de saber», certamente o chefe da Marinha ou o Chefe do Estado-Maior no Ministério da Defesa precisam de saber? Para mim, é ao mesmo tempo encorajador e, no entanto, problemático ver tais pessoas a apoiar ativamente o movimento dos OVNIs. Contudo, é difícil conciliar os indícios de um encobrimento com a seletividade aparentemente notável de quem administra essa mesma conspiração.

Em França, em 1974, o chefe do Ministério da Defesa, Robert Galley, emitiu uma declaração pública dizendo que acreditava em OVNIs e que queria uma investigação em grande escala (que foi posteriormente financiada e ainda funciona em 1985). Mas como é que o Ministro da Defesa não tinha conhecimento do «conhecimento oculto» sobre este desagradável problema de defesa? E olhe-se novamente para a citação de Lord Dowding no início deste capítulo. Com efeito, Dowding também acreditava, mas também ele afirmava ter sido excluído do encobrimento!

Há até uma história corrente nos EUA de que a CIA arquitetou um golpe de Estado num país estrangeiro para preservar o segredo. O Primeiro-Ministro do Estado de Grenada, Sir Eric Gairy, tinha-se tornado um autêntico fanático por OVNIs, chegando ao ponto de os colocar nos selos postais da sua nação! Ele pressionou e acabou por vencer um debate sobre OVNIs nas Nações Unidas. Isto não resultou em grande coisa, principalmente porque, assim que começou, o seu principal defensor, Gairy, foi deposto.

Parece que passou tanto tempo na América a promover a sua causa dos OVNIs que se esqueceu da vida no seu país (onde não era propriamente popular). Com a perda de autoridade a nível interno, perdeu também toda a influência na ONU. Claro que corre o boato de que as potências interessadas em manter o silêncio sobre a situação dos OVNIs viram em Sir Eric uma grande ameaça, pelo que ajudaram à sua destituição do cargo.

De regresso à Grã-Bretanha, até a realeza tem interesse pelos OVNIs. O Conde Mountbatten, último Vice-Rei da Índia e tio do Príncipe Philip (marido da Rainha), parece ter dado o mote. Há alegações persistentes nos círculos dos OVNIs de que um deles aterrou na sua propriedade e que entidades conversaram com um membro do seu pessoal. Existem algumas provas disso. E eu tenho inclusive a minha própria história de Mountbatten para contar. Numa conversa com um antigo Lord Mayor de Londres, há uns anos, falaram-me de uma conversa que ele tivera com Mountbatten. O essencial desta conversa era que os britânicos tinham capturado uma nave espacial, que se encontrava segura e sob guarda numa base aérea do sul de Gales. A razão pela qual, desde então, desperdiçámos milhões em loucuras como o Concorde e o *Advanced Passenger Train* [Comboio de Passageiros Avançado] nunca me foi esclarecida, uma vez que deveríamos agora deslocar-nos entre Londres e Edimburgo nuns escassos segundos, cortesia do nosso disco voador Mark Two. Mas não importa, a cativante história permanece.

Certamente, Lord Mountbatten tornou-se um grande fã do mistério dos OVNIs, lendo a sua revista mais conhecida, a *FSR* (*Flying Saucer Review*), antes da sua morte prematura, causada por uma bomba do IRA. Ele transmitiu o seu vivo interesse: o Príncipe Philip lê a revista e interessa-se pelas atividades do grupo da Câmara dos Lores. Mais uma vez, tenho de me perguntar por que razão o Príncipe Philip não se limita a folhear esses relatórios supersecretos a que certamente deve ter acesso. Ou devemos assumir que este encobrimento verdadeiramente surpreendente exclui não apenas os chefes de defesa e os líderes militares, mas também a Rainha e o Príncipe? Se assim for, quem são os misteriosos manipuladores desta conspiração?

Filho de peixe sabe nadar, como se costuma dizer, e parece que o Príncipe Charles continuou este interesse por todas as coisas estranhas. Não tenho conhecimento de que este se estenda aos OVNIs, mas o seu apoio a formas alternativas de medicina é hoje bem conhecido. E há histórias (que parecem ter algum fundamento) de que ele sente a presença do seu familiar assassinado, tendo feito algumas tentativas para entrar em contacto com Lord Mountbatten «além do véu».

Os OVNIs desempenharam outrora um papel no fim trágico de um dos maiores estadistas das Nações Unidas, o Secretário-Geral Dag

Hammarskjöld, que morreu num acidente de avião, ainda misterioso, sobre a Rodésia, a 18 de setembro de 1961. Testemunhas no solo relataram que um objeto estranho, semelhante a uma pequena aeronave sem luzes, tinha aparecido ao lado do avião antes de este explodir em pleno ar. Uma delas disse que estava a «emitir luzes sobre a aeronave maior. Era como o feixe de uma lanterna a piscar». Houve um sobrevivente do desastre, o segurança americano Harry Julian, embora tenha morrido pouco depois devido aos ferimentos. Ele disse a uma enfermeira que, pouco antes da explosão, tinha visto uma «faísca» estranha no céu, ao lado da aeronave.

Em julho de 1984, foram feitas alegações bastante semelhantes sobre o incêndio de muitos milhões de libras que destruiu parte da histórica Catedral de York. Aqui, viram-se «faíscas» e «feixes» a atingir o telhado, alegadamente provenientes de um OVNI empoleirado no ar. No entanto, uma investigação minuciosa revelou que uma forma de fenómeno atmosférico raro era provavelmente a culpada. Do mesmo modo, no desastre aéreo da Rodésia: um raio globular, ou algum perigo elétrico mais estranho, pode ter-se manifestado ao lado do avião e inflamado os depósitos de combustível.

Os OVNIs existem claramente de uma forma ou de outra, mas que dizer dos animais misteriosos que caminham sem ser detetados por este planeta? Há quem sinta que eles também existem e que podem ter explicações semelhantes. Se interpretássemos estas naves espaciais alienígenas como sonhos com origem não numa mente única, ou no campo de vida de uma pessoa, mas no campo de vida de toda a espécie humana, poderiam o monstro de Loch Ness ou o Yeti ter esse ponto de partida? Ou, numa vertente ainda mais estranha, poderiam ser sonhos do campo da espécie dos peixes e dos macacos, por oposição à raça humana? Há algo de bastante delicioso em imaginar o Nessie a nadar no seu lago frio e escuro como uma espécie de pesadelo coletivo de todos os milhões de peixes do mundo. Para eles, seria certamente um deus de qualquer descrição, assumindo o papel que os super-homens do espaço têm para nós, *homo sapiens*.

Independentemente de isto ser verdade ou não, estes monstros são vistos por humanos. A busca da besta de Loch Ness está agora bem documentada, embora tenham decorrido apenas cinco décadas desde que ocorreram os primeiros avistamentos. Atualmente, tem inclusive um nome

oficial, cunhado pelo famoso naturalista e filho do explorador polar, Sir Peter Scott. Chamou-lhe *Nessiterras Rhombopteryx*, que significa «monstro de Loch Ness com a barbatana em forma de losango». Isto baseou-se nalgumas fotografias subaquáticas que pretendem mostrar a enorme criatura, mas que alguns investigadores acreditam ser imagens de um monstro afundado outrora utilizado num filme! Também foi apontado que, com uma infeliz ironia para Scott, o nome por si escolhido é um anagrama de «*monster hoax by Sir Peter S*» [embuste do monstro por Sir Peter S].

Apesar de tudo, há muitos anos que persistem histórias de grandes animais desconhecidos tanto em lagos como em mares. Junto a outro lago escocês, Lord Malmesbury registou nos seus diários dois avistamentos do que designou por «Cavalo do Lago» em 1857. Referiu que os habitantes locais eram muito supersticiosos em relação a esta estranha criatura, mas parece ter aceitado a sua realidade.

Era tal a popularidade destas lendas que o grande empresário de circo Phineas T. Barnum ofereceu uma recompensa de 50 000 dólares (muito dinheiro em 1873) pela captura de uma serpente marinha. Sem dúvida que teria recuperado todo o seu dinheiro muito rapidamente, mas, infelizmente, nunca teve oportunidade.

Tal como os OVNIs, estes monstros parecem surgir e desaparecer do nosso planeta com uma facilidade indevida. Em muitos aspetos, agem como fantasmas ou, na verdade, como sonhos — o que pode ser exatamente o que são. Mas, por vezes, é deixado para trás algum grau de prova física. Em 1978, Lord e Lady Hunt fizeram uma visita ao Nepal e ficaram surpreendidos ao acordar uma manhã e descobrir pegadas gigantescas de animais na neve em redor das suas tendas. Os nativos sabiam o que eram — a pegada do Yeti, ou Abominável Homem das Neves, uma grande criatura peluda que se diz rondar as zonas montanhosas de vários continentes. Parece um animal real, tendo pelo branco em terras nevadas, coloração castanha/preta nos EUA (onde é conhecido como «*Bigfoot*» [Pé Grande]) e uma pigmentação mais cinzenta/castanha nas terras rochosas da Europa.

Mas será alguma destas coisas real? Ou serão apenas quase-reais? Elas parecem, de facto, seguir a tendência das nossas crenças culturais. O OVNI que destrói uma igreja em 1984 não teria sido isso em 1784, ou 1584. O que será em 2184?

Esta mesma crença cultural oferece-nos uma bela história para terminar. In 1982, o rancheiro do Wyoming, Pat McGuire, decidiu candidatar-se a Governador do Estado, como membro do Partido Democrata. Esta decisão foi motivada por uma frota de extraterrestres que aterrou no seu rancho e se tornou quase tão comum como o gado (sem que ele alguma vez tenha conseguido obter qualquer prova disso, naturalmente). Estes visitantes alienígenas mostraram-lhe como cavar um poço milagroso em solo estéril e, depois, empurraram-no para a sua histórica missão política. Com a orientação deles, travou a sua campanha, fazendo promessas como a de que, a menos que tanto os EUA como a URSS deixassem o Líbano entregue a si próprio, os extraterrestres teriam de os expulsar, independentemente das consequências destrutivas! O apoio dos seus colegas de partido não foi propriamente esmagador. Um deles ofereceu as seguintes palavras a uma comunicação social deliciada: «Por que é que ele tem de ser Democrata?»

Quando chegaram as eleições primárias, McGuire conseguiu obter mais de dez por cento dos votos, o que foi possivelmente uma surpresa, mas ainda assim perdeu por uma enorme margem para o governador residente. Quando questionados sobre uma explicação, os comentadores políticos atribuíram a maior parte da culpa ao «estilo de campanha invulgar» do rancheiro. Ninguém prevê o que acontecerá se ele se candidatar novamente!

6.

A Vida Psíquica dos Líderes Mundiais

«Quem morreu na Casa Branca?... O Presidente... foi morto por um assassino» — sonho visionário de Abraham Lincoln.

Não é muito saudável ser Presidente dos Estados Unidos. É claro que essa afirmação poderia ser feita sobre qualquer líder mundial, mas é especialmente verdadeira para aquele cujo destino o coloca na vanguarda da política americana. Existe inclusive o que equivale a um enguiço sob a forma de um ciclo de vinte anos que supostamente garante que qualquer presidente eleito para o cargo em 1920, 1940, 1960 (e vinte anos para trás e para a frente no futuro) não sobreviverá ao seu mandato (ou mandatos). Em vez disso, morrerá como Presidente. Um enguiço destes pareceria uma loucura. Não existe uma fonte ou explicação óbvia para o mesmo. A menos

que se aceite que é agora um «hábito» tão enraizado ou uma «norma» de comportamento que age como uma maldição na sociedade americana. Ainda assim, parece funcionar!

Os astrólogos têm uma teoria de que se trata de algo relacionado com um ciclo de oposição nos céus entre os dois planetas Júpiter e Saturno (sendo Júpiter o arquétipo planetário para governantes e líderes, e Saturno o arauto da morte e do fim). Muito antes de o Presidente Ronald Reagan entrar na corrida de 1980, o seu falecimento foi previsto. Outros astrólogos, mais cautelosos, apontaram que Saturno (o verdadeiro planeta vilão) se encontrava numa posição muito mais forte do que o habitual, o que, de acordo com as suas regras, deveria moderar a sua malvadez. No entanto, poucos recuaram na sua profecia de desgraça. O resultado foi uma tentativa de homicídio três meses após a tomada de posse de Reagan, mas, apesar da sua idade, sobreviveu aos ferimentos de bala. Enquanto escrevo isto, ele ganhou o seu segundo mandato, em novembro de 1984. E o enguiço tem agora mais quatro anos para se manifestar. Qual será o preço da sua sobrevivência a tudo isto?

Com loucos e a velhice, dois inimigos imprevisíveis, não se pode invejar estes meses projetados. No fundo, tenho uma secreta suspeita de que Jimmy Carter talvez não esteja assim tão arrependido por ter perdido em 1980!

Uma das primeiras vítimas do enguiço foi Abraham Lincoln, eleito o décimo sexto Presidente dos EUA em 1860. Lincoln era, logicamente, um líder popular, notável como humanitário e pela sua luta contra a escravatura. De todos os homens que ocuparam a Casa Branca, deve certamente figurar como um dos maiores. A 14 de abril de 1865, tinha acabado de iniciar o seu segundo mandato quando foi assassinado por um ator, John Wilkes Booth, enquanto se encontrava sentado num teatro.

Esta tragédia esteve impregnada de premonições, como se o facto de ser um dos maiores traumas emocionais no campo da espécie permitisse uma espécie de conhecimento prévio do acontecimento por infiltração. Poderíamos argumentar que, em termos de ressonância mórfica, um efeito tão maciço nos nossos campos de vida cria uma perturbação tão grande que pode ser detetada antecipadamente com muito maior facilidade por pessoas que se encontram temporariamente no modo de realidade sincronística.

Nas suas memórias, Julia Grant, esposa do general americano e mais tarde Presidente Ulysses S. Grant, recorda como acordou na manhã do dia 14 com um terrível pressentimento de tragédia. Tinha um desejo compulsivo de tirar o marido de Washington, mas este tinha uma reunião agendada com Lincoln e, por isso, estava muito relutante em partir. No entanto, Julia Grant tornou-se muito insistente e, finalmente, o marido decidiu que já não lhe podia recusar o pedido. Embora tivesse sido convidado para ir ao teatro com Lincoln nessa noite, desculpou-se e abandonou a cidade. No caminho para a estação, terão inclusive passado por Booth a caminho do seu encontro mortal. Foi mais tarde revelado que o General Grant constava da lista de mortes de Booth. Não fosse o poderoso pressentimento de Julia, a história poderia registar a perda de dois grandes homens nesse dia fatídico.

Julia Grant era uma conhecida paranormal (outra forma de dizer que conseguia entrar no modo de realidade sincronística com bastante facilidade). O próprio Lincoln agia frequentemente por impulso (intuição), tal como Churchill anos mais tarde. O Presidente tinha inclusive visões do futuro. Reconheceríamos estas visões como sinais de que ele também conseguia alternar de modo com uma facilidade superior à habitual.

Tendo em conta a capacidade de Lincoln e a existência postulada de um efeito tão poderoso no campo da espécie, não deveria ser de estranhar saber que o Presidente recebeu uma premonição do drama de que estava prestes a ser protagonista. Ele relatou a sua visão (que teve por volta de 1 de abril) três dias antes da tragédia. Foi registada por um dos seus conselheiros e amigos íntimos, o advogado Ward Lamon. «Parecia haver um silêncio mortal em redor de mim», explicou Lincoln. «Depois ouvi soluços abafados, como se várias pessoas estivessem a chorar.» Continuou descrevendo como percorreu a Casa Branca em busca da origem daquela miséria e deparou com uma cena terrível que continha «um cadáver envolto em vestes fúnebres». Fez perguntas às vozes invisíveis e disseram-lhe que o corpo era o do Presidente, morto às mãos de um assassino.

Uma questão interessante que aqui se coloca é se Lincoln teria apenas obtido informação do futuro a partir do campo da espécie e construído uma espécie de reconstrução imaginativa em torno destes dados brutos para a sua visão, ou se terá antevisto uma cena real na Casa Branca (e o seu sonho não é inconsistente com essa possibilidade). Esta última opção pareceria

pressupor que algum elemento de Lincoln sobreviveu à morte. De outro modo, como poderia ele saber de algo que teve lugar mais tarde do que o momento em que deixou de existir?

Uma forma simples de encarar este fenómeno, que aprecio como ilustração (embora não seja necessariamente uma analogia perfeita), diz respeito àquilo a que chamo o efeito da «onda de proa». Quando um navio se move, empurra a água à frente e atrás; as ondulações que indicam esta passagem espalham-se em duas direções diferentes. Se imaginarmos um «acontecimento» (como uma espécie de cristalização de algo vindo do campo da espécie) e o tempo como uma espécie de energia dentro da qual isto se manifesta, podemos vislumbrar «ondulações» em redor deste acontecimento a cortar o tempo. As ondulações que se propagam para trás a partir de um acontecimento são facilmente reconhecidas. O acontecimento cria um efeito (maior ou menor) dentro da consciência da espécie. Assim, estas ondulações para trás refletem os «efeitos secundários», por assim dizer. Não é ilógico esperar um equilíbrio e vislumbrar ondulações de onda de proa a moverem-se para a frente no tempo. Tais ondulações estariam adiantadas em relação ao acontecimento (tal como as ondulações na água estão adiantadas em relação ao barco, anunciando a sua chegada a quem estiver a observar).

Os efeitos secundários no campo da espécie seriam maioritariamente sentidos por via de alterações no estado emocional dos seres humanos (por exemplo, sentimo-nos tristes e mórbidos após uma morte). As ondulações de onda de proa podem muito bem ser emocionais também, de modo que as pessoas que conseguem deslizar para o modo de realidade sincronística irão detetá-las e dramatizá-las visualmente (provavelmente em termos simbólicos, tal como fazemos nos nossos sonhos).

Claro que isto sugere que os acontecimentos emocionais serão muito mais fáceis de detetar. Assim, os grandes episódios trágicos dentro do campo da espécie serão antevistos muito mais frequentemente do que os pequenos episódios felizes. Estudos sobre tais incidentes emotivos (por exemplo, o desabamento de uma lixeira de carvão sobre uma escola cheia de crianças em Aberfan, no País de Gales, em 1966, ou o naufrágio do superlotado paquete de luxo *Titanic*) pareceriam apoiar essa ideia. Da mesma forma, a morte de Lincoln permitiu provavelmente que muito mais pessoas detetassem o acontecimento antecipadamente do que permitiria a

morte de um homem idoso comum que falecesse devido aos efeitos combinados da senilidade na mesma data. Temos dois exemplos (Julia Grant e o próprio Lincoln), mas provavelmente terão existido outros. E, como se verá, o mesmo processo repetiu-se no presente século, quando outro grande Presidente morreu subitamente.

Esta segunda morte foi a de John F. Kennedy, eleito dezanove presidentes mais tarde, em 1960. Existem muitas semelhanças entre Kennedy e Lincoln, suficientes para que alguns (com bastante mais fantasia do que evidências) proponham que se trata do mesmo «espírito» reencarnado. Certamente ambos foram grandes lutadores pelos direitos civis, extremamente amados, pacificadores e considerados por muitos no mundo como potenciais salvadores (algo que não é propriamente o que se costuma encontrar nos presidentes dos EUA!). O facto de terem sido conduzidos ao cargo com precisamente cem anos de diferença é uma «coincidência» interessante (e significou, como é óbvio, que Kennedy já estava indigitado como mais uma vítima do enguiço dos vinte anos). No entanto, as ligações entre Kennedy e Lincoln não terminam aqui. São decididamente misteriosas.

Lincoln e Kennedy morreram ambos numa sexta-feira, sendo baleados na parte de trás da cabeça enquanto se encontravam sentados ao lado das suas esposas. Os seus assassinos são ambos amplamente conhecidos por um nome composto por três partes (John Wilkes Booth e Lee Harvey Oswald). Estes homens nasceram com cem anos de diferença e nenhum deles chegou a ir a julgamento, sendo ambos assassinados antes que isso pudesse acontecer. Booth baleou Lincoln num teatro e fugiu para um armazém. Oswald baleou Kennedy a partir de um armazém e escapou para um teatro. Kennedy tinha uma secretária chamada Lincoln. Lincoln tinha uma chamada Kennedy. Lincoln encontrava-se no *Ford Theatre* quando foi baleado. Kennedy viajava num carro Ford (sendo o modelo um *Lincoln*!). Finalmente, foram sucedidos por presidentes nascidos com cem anos de diferença (1808 e 1908). Ambos eram sulistas e ambos se apelidavam Johnson.

As nossas mentes perdem simplesmente o controlo perante a força de uma panóplia tão estupefaciente de circunstâncias. Poderá tudo isto ser mero acaso? Tendo em conta as outras ligações paranormais entre as

mortes de Kennedy e Lincoln, eu certamente não contaria com isso. A resposta deve residir algures no campo da consciência da espécie.

Tal como aconteceu com Lincoln, Kennedy teve uma premonição pessoal. Disse tanto à sua esposa como a um assessor (como Lincoln fizera): «Se alguém me quiser dar um tiro de uma janela com uma espingarda, ninguém o pode impedir. Por isso, para quê preocuparmo-nos com isso?» Isto pode parecer uma especulação bastante compreensível, ainda que tenha vindo a revelar-se exatamente correta. No entanto, tendo em conta o facto de estas palavras terem sido proferidas escassas horas antes de Oswald disparar os seus tiros assassinos, parece mais uma previsão do que uma suposição.

A morte do Presidente Kennedy perturbou enormemente o campo da espécie, como demonstra a abundância de alegadas premonições. O número é exponenciado em parte porque esta morte ocorreu na era da televisão, quando as pessoas sentiam que o conheciam, e em parte devido à rapidez com que a notícia do assassinato chegou aos lares das pessoas, mesmo a milhares de milhas de distância de Dallas, onde ele morreu. Os efeitos secundários desta ondulação foram sentidos de forma muito mais profunda e duradoura do que qualquer outro acontecimento isolado na década (provavelmente no século). Por reciprocidade, anteciparíamos que a onda de proa seria igualmente dramática. E foi.

Existem inúmeras alegações de premonições sobre Kennedy. Um exemplo anteriormente não publicado provém de Ann Phillips, uma dona de casa britânica. Na noite anterior ao assassinato de Kennedy, ela teve um sonho no qual «viu» o Presidente dos EUA a conduzir um carro quando, subitamente, surgiram três buracos na sua cabeça. Sangue e massa encefálica escorriam dos ferimentos, numa imagem supostamente sangrenta. Havia um silêncio absoluto associado às imagens, mas uma tristeza terrível e um peso emocional. Isto, mais uma vez, seria aceitável tendo em conta o que referi sobre as ondulações serem maioritariamente emocionais.

Ann chegou a discutir o sonho com alguns colegas de trabalho na sexta-feira, mas ninguém a levou a sério. E não lhes identificou especificamente a vítima, uma vez que isso não era claro para ela a partir do que «viu». Era noite na Grã-Bretanha quando os terríveis acontecimentos ocorreram em Dallas. Ao regressar ao trabalho após o fim

de semana, Ann foi acusada de ser uma bruxa. Ela não o é. Consegue apenas alternar de modo de realidade com muita facilidade, o que provavelmente tem muito a ver com o facto de ter visto dois OVNIs muito invulgares (tendo fotografado ambos!) mesmo do lado de fora da janela do seu quarto.

Provavelmente, a mais famosa de todas as previsões sobre Kennedy provém da profetisa mais célebre da América, Jeanne Dixon. Se escreverem a Jeanne, como eu fiz, receberão de volta orações e mensagens que demonstram quão profundamente religiosa ela é. A sua capacidade de prever acontecimentos futuros é considerada por ela como um dom de Deus e, para seu crédito, utiliza-o de forma sensata. Mas ela é, inevitavelmente, uma estrela mediática.

Já em novembro de 1944, foi chamada à Casa Branca pelo debilitado Presidente Roosevelt (que foi eleito no ano de enguiço de 1940, escusado será dizer!). Ele queria saber quanto tempo lhe restava para o seu grande plano de iniciar o movimento das Nações Unidas e trazer uma paz honrosa e duradoura ao mundo quando o horror da guerra terminasse. Tão direta como sempre, Jeanne diz que lhe disse: «Seis meses ou menos.» Ele morreu de uma hemorragia cerebral em abril de 1945, escassos dias antes de a guerra na Europa terminar e de as suas amadas Nações Unidas se porem em marcha.

A fama de Jeanne Dixon foi criada por esta história, embora ela só a tenha contado após a morte de Roosevelt. Mas foram as suas visões previamente publicitadas sobre Kennedy que lhe valeram o estatuto global. Ela conta que, em 1952, teve uma «revelação divina» (as suas palavras para a classe mais poderosa de visões que tem) na qual viu a imagem de Kennedy no exterior da Casa Branca com os algarismos 1 9 6 0 e uma nuvem escura que manchou e depois choveu sobre os gabinetes presidenciais. Soube então que o homem eleito para o cargo em 1960 iria morrer. Não que esta fosse uma profecia particularmente notável, tendo em conta o enguiço.

Jeanne diz que tem dois tipos de experiência bastante diferentes. As suas visões comuns não são tão nítidas e mostram acontecimentos que podem ser evitados. As revelações divinas, por outro lado, são acontecimentos do plano mestre aperfeiçoados por Deus, e os seus efeitos na consciência da espécie são de tal ordem que não podem ser prevenidos.

O homicídio de Kennedy foi um destes. Sinto-me tentado a perguntar se isto não será apenas uma desculpa para cobrir a falibilidade de Jeanne Dixon, pois lembramo-nos dos seus sucessos e esquecemo-nos dos seus fracassos, embora tenham existido muitos! Ela via o caídos em desgraça Richard Nixon como um «grande Presidente» e também previu que ele ganharia uma eleição que acabou por perder. Viu a bandeira da Casa Branca a meia haste em 1983. E previu que, em 1981, um terrorista usaria uma bomba nuclear roubada para fazer chantagem. Tais erros palmares conferem uma confiança preciosa e diminuta nas suas previsões vindouras (uma mulher Presidente dos EUA antes de 1990, paz na Irlanda do Norte em 1988 e a utilização comercial de icebergs em 1985, quando seriam rebocados por navios a partir do Polo Norte!).

No entanto, parece de facto que Jeanne Dixon (como a maioria dos paranormais a quem são exigidas previsões por encomenda) cai presa de enganos acidentais. Quando a mente alterna o modo de realidade e deteta emoções a partir de uma ondulação de onda de proa, fá-lo de forma não natural. Poderá haver um número limitado de acontecimentos que podem ser vistos com antecedência suficiente para que valha a pena publicá-los. A maioria relacionar-se-ia com acontecimentos num futuro muito próximo, os quais são quase inúteis para um paranormal profissional. Mas também pode dar-se o caso de aqueles que se aprofundam no mundo da realidade sincronística repetidamente terem dificuldade em notar a diferença entre os seus produtos e os resultados mais mundanos da imaginação. Ambos estão revestidos de simbolismo, uma vez que é assim que a mente no modo de realidade sincronística opera. Como diriam os astrólogos, o planeta Neptuno (que é responsável por tais coisas) rege tanto as verdadeiras visões psíquicas como a fantasia imaginativa.

Muitas das «visões» de Jeanne Dixon refletem provavelmente as suas próprias crenças e aspirações interiores. Só ocasionalmente é que ela deteta verdadeiramente essas ondulações no campo da espécie antes de um grande acontecimento. As previsões sobre Kennedy parecem ser uma dessas ocasiões. Ela escreveu sobre como um Democrata de olhos azuis ganharia as eleições de 1960 (muito antes de Kennedy parecer propenso a candidatar-se) e, à medida que o dia da sua morte se aproximava, as suas visões começaram a «sintonizar-se com precisão». As ondulações emocionais eram agora mais fortes e mais concentradas (como acontece na água quando se está mais perto do barco).

Assim, a estruturação do homicídio que se avizinhava estava agora mais nitidamente definida. Ela tentou de facto avisar o Presidente, muito embora «soubesse» que nada podia fazer a esse respeito. Essa aparente contradição é, no entanto, o que poderíamos esperar de alguém totalmente convencido pelas suas visões e desesperado por fazer algo para evitar a catástrofe que anteviu. As suas chamadas telefónicas, cartas e murmúrios morosos a amigos não a levaram a lado nenhum e provavelmente nunca chegaram a Kennedy, embora se saiba que um dos seus assessores tentou impedi-lo de ir a Dallas naquele dia de novembro.

Tal como descobrimos em relação aos Primeiros-Ministros britânicos, o mesmo sucede com os Presidentes americanos: o mistério dos OVNIs tornou-se uma autêntica espinha atravessada na garganta.

Gerald Ford, antes de ascender a um alto cargo e enquanto se encontrava no Senado, determinou-se a forçar a questão em 1966 após uma vaga de avistamentos no Michigan. Centenas de pessoas tinham observado luzes estranhas e dançarinas, e gerou-se um banzé considerável. As coisas mal foram ajudadas quando um conselheiro governamental anunciou (numa conferência de imprensa organizada às pressas) que as luzes se deviam provavelmente a «gás dos pântanos». Os meios de comunicação social banquetearam-se! O mais provável é que esta explicação fosse provavelmente válida em certos casos, mas nunca foi seriamente apresentada como uma conclusão geral. Não que a população local se importasse com isso. Eles queriam sangue e Ford defendeu a sua causa. Ele acabou por forçar uma comissão, na qual a estrela mediática Carl Sagan esteve em deliberação e sugeriu um projeto de investigação financiado, integrado por várias universidades. No final, uma universidade assumiu o trabalho e concluiu que os OVNIs eram uma farsa, apesar de não ter conseguido encontrar respostas para um em cada três dos casos selecionados e estudados.

Oficialmente, Gerald Ford parece ter ficado satisfeito. Pelo menos quando se tornou Presidente não se ouviu um pio da sua parte sobre «discos voadores». Mas outro político encontrava tempo para se interessar, por entre amendoins. Jimmy Carter tinha acabado de ver um OVNI! Na verdade, a luz tremeluzente que tanto intrigou o antigo oficial da marinha era quase de certeza apenas um corpo astronómico a cintilar através da atmosfera terrestre, mas foi suficientemente estranha para o lançar numa

minicruzada sobre la realidade do fenómeno. Ele ecoou as palavras de Ford, por essa altura já esquecidas, e disse ao povo americano que este tinha o direito de saber a verdade sobre este grande mistério. De facto, fez disso um ponto focal da sua campanha quando entrou na corrida para Presidente em 1976.

Carter venceu as eleições, e poder-se-á perguntar o que aconteceu à sua promessa. As promessas políticas nem sempre são cumpridas, como é óbvio, mas na verdade Carter cumpriu esta — até certo ponto. Isto é, pediu à NASA para lançar um inquérito sobre o fenómeno. Tenho uma cópia de uma carta (deixada ver por um oficial no ativo da Força Aérea Americana) que mostra a reação interna da NASA. Um coronel da USAF aconselhava-os, em setembro de 1977, que esperava sinceramente que a NASA recusasse o pedido de Carter. Algumas semanas mais tarde, foi exatamente isso que fizeram — correndo o risco de potenciais repercussões no orçamento espacial, que já se encontrava severamente espremido. Parece-me que não se recusa um pedido vindo diretamente do Presidente para utilizar dinheiro que este está a oferecer para realizar um projeto de investigação. Especialmente quando esse pedido diz respeito a uma promessa eleitoral e provém de um Presidente que acredita ter visto ele próprio um OVNI. Pelo menos não a menos que algum outro fator intervenha.

Tenho a informação de que esse outro fator foi uma sessão de esclarecimento privada que Carter recebeu do pessoal dos serviços de informação. Esta ter-lhe-á supostamente apresentado a dinamite política que é o fenómeno dos OVNIs. A fonte desta informação, um assessor da Casa Branca, diz que Carter teve de ser travado para não pressionar pelo acesso público à informação. Assim, foi-lhe explicado (e provado) que os OVNIs eram naves alienígenas pilotadas até aqui por uma raça que mais ou menos controla o planeta.

Tinham sido responsáveis pelo nosso progresso cultural, religioso e científico. Eram eles que tomavam as decisões para o futuro. Nós éramos meros peões nas suas tomadas de decisão. Até os presidentes dos EUA eram meras marionetas. Quão verdadeiro é tudo isto, não sei, mas Carter também deixou de falar sobre OVNIs. Quando a NASA disse não, ele aceitou a recusa e abandonou calmamente todo o assunto.

O que terá sido mostrado a Jimmy Carter para mudar de opinião de forma tão dramática? Talvez tenha sido a mesma coisa com que, duas décadas antes, outro Presidente, Dwight Eisenhower, se diz ter confrontado.

A história de Eisenhower é uma lenda nos círculos dos OVNIs, mas tem algumas provas a seu favor. Uma semana após regressar de férias, em fevereiro de 1940[^1], Eisenhower desapareceu subitamente para gozar outra, em Palm Springs, na Califórnia, que por acaso fica a um par de horas de carro da Base Aérea de Muroc (atualmente o Centro de Investigação de Voo na Base Aérea de Edwards). Há muito que se dizia que esta albergava os restos de um OVNI despenhado e capturado em 1947, juntamente com vários dos alienígenas mortos! As histórias sobre isto são surpreendentemente consistentes. Depois, durante várias horas, a 20 de fevereiro, Eisenhower desapareceu da sua viagem a Palm Springs.

A imprensa, que acompanha todos os seus movimentos, apercebeu-se da importância disto e circularam todo o tipo de boatos, incluindo um que sugeria que ele tinha morrido! Mais tarde, foi convocada uma conferência de imprensa improvisada na qual foi oferecida uma história bastante fraca sobre um «tratamento dentário de urgência». No entanto, a família do dentista alegadamente envolvido parece bastante relutante em confirmar o que deveria ser um momento de orgulho nas suas vidas — se fosse verdade!

A par deste pequeno mistério, existem relatos de várias fontes na base que insistem que o Presidente lhes fez uma visita secreta nesse dia. Ter-lhe-á sido alegadamente mostrado o OVNI e os alienígenas, possivelmente porque ele (tal como Carter) tentava contar a verdade ao público.

Obviamente que isto soa a fantástico e virtualmente inacreditável, mas existem atualmente muitas declarações, coligidas por investigadores americanos, incluindo declarações sob juramento, que confirmam este incidente, a queda original, a autópsia e outros trabalhos realizados nos alienígenas e no seu OVNI. Parece difícil de acreditar que sejam todas infundadas. Pode ser difícil de engolir, mas de acordo com Beverly Gleason, esposa da famosa estrela da TV americana Jackie Gleason, tudo é verdade, porque ela recorda uma noite em 1973 em que o marido chegou a casa tarde e se desmoronou numa cadeira, com o rosto pálido. «Vi os corpos de alguns alienígenas do espaço exterior», afirmou ele. Gleason era

um bom amigo do então Presidente Richard Nixon e sabia-se que tinha um profundo interesse por OVNIs.

Supõe-se que Nixon tenha organizado pessoalmente a visita à Base Aérea onde se encontravam os quatro seres. Segundo Beverly, tinham apenas pouco mais de sessenta centímetros de altura, com cabeças calvas e orelhas invulgares. Esta descrição sumária é muito semelhante à oferecida por todos os outros que se diz terem-nos visto. O próprio Jackie Gleason recusou-se a confirmar ou a desmentir a história.

Serão todas estas alegações meras fabricações? Se não forem, a prova da realidade alienígena existe. E, no entanto, está a ser ocultada por uma das operações de segurança mais rigorosas alguma vez montadas. Isso só pode estar a acontecer se existir uma razão muito boa e, provavelmente, bastante perturbadora.

Eduardo VIII, o Rei que abdicou do trono por amor a uma senhora americana divorciada (entrando assim no exílio), teve uma das vidas reais mais movimentadas dos últimos séculos. Se o efeito da onda de proa ocorre, é precisamente o tipo de coisa que o faria entrar em ação. O amor, a turbulência, o sacrifício e a tristeza são grandes emoções que devem ter deixado a sua marca no campo da espécie. Poderíamos esperar muitas deteções das ondulações que conduziriam a aparentes previsões da cadeia de acontecimentos. De facto, existem tais relatos.

Nota:

[^1]: Trata-se provavelmente de um lapso cronológico no original (onde consta February 1940). Dwight D. Eisenhower foi Presidente dos EUA entre 1953 e 1961, situando-se este célebre episódio histórico de Palm Springs no ano de 1954.

O grande profeta francês do século XVI, Michel de Nostredame (ou Nostradamus, como é mais conhecido), parece ter descrito a perda do trono do rei Edward VIII com as seguintes palavras, retiradas de dois versos separados: «O jovem nasceu para governar a Grã-Bretanha, que lhe foi oferecida pelo pai moribundo. Quando estiver morto há muito tempo, este assunto será discutido. E ao seu filho será exigido o governo. Por não

desejar consentir no divórcio, que depois será considerado indigno. O rei das ilhas será expulso à força. E, no seu lugar, será colocado alguém sem sinal de realeza.» Isto parece extraordinariamente apropriado, incluindo a referência a George VI, que teve de assumir a tarefa que o irmão fora forçado a abandonar. Nunca esperara tornar-se rei e não tinha verdadeiro desejo pelo cargo.

Muito mais próximo da época da crise constitucional precipitada por estes acontecimentos, dois astrólogos, um de cada lado do Atlântico, fizeram previsões intrigantes. Evangeline Adams, em Nova Iorque, disse a Wallis Simpson, a mulher que custaria a Eduardo a sua coroa, que numa «grave crise emocional» ela iria «exercer um poder considerável. Esse poder estará relacionado com um homem».

Entretanto, em Londres, Cheiro previa o futuro do então Príncipe de Gales e antevia mudanças que «afetariam profundamente o trono de Inglaterra». Chamou ao futuro rei «inquieto», disse que teria dificuldade em estabilizar a vida e sugeriu que poderia muito bem «cair vítima de um devastador caso amoroso».

Tudo isto parece constituir uma forte prova a favor da realidade das ondulações antecipatórias[1] no campo da espécie, que podem avisar-nos de grandes acontecimentos capazes de agitar a nossa consciência, especialmente de forma emocional.

Partindo do princípio de que isto é verdade, deveríamos conseguir encontrar provas de qualquer grande acontecimento que agora se aproxime de nós. Quais seriam, por exemplo, as consequências de uma terceira guerra mundial? As ondulações emocionais daí resultantes poderiam ser justamente imaginadas como horríveis. E, se observarmos as previsões de muitos médiuns e videntes conhecidos por alguns êxitos (e, felizmente, também alguns fracassos!), o tema da guerra nuclear/biológica em escala catastrófica surge de forma muito dominante. Não me alongarei na avaliação das montanhas de dados existentes. Mas sinto que devo oferecer alguns «pontos altos».

Um arcebispo irlandês do século XII, Saint Malachy, produziu uma lista de lemas para mais de uma centena de papas que, segundo ele, ainda viriam. Alegadamente recebera-os através de visões. Ao longo dos séculos, muitos desses lemas parecem ter sido exatos, deixando-nos perplexos sobre

como um homem, oito séculos antes, poderia conceber tais frases para descrever homens ainda por nascer.

Recentemente, por exemplo, houve Paul VI, cujo lema era «Flor das flores» — o seu brasão continha uma flor-de-lis; seguiu-se John Paul I, o papa que alguns afirmam ter sido assassinado, com o lema «Da meia-lua» — morreu após apenas trinta e três dias de pontificado, isto é, entre meias-luas. John Paul II sucedeu-lhe em 1978. O seu lema é «Do labor do sol» — *De labore solis*, em latim. Ninguém conseguiu ainda avaliá-lo corretamente. Mas é interessante que o papa fosse polaco (o primeiro oriundo de um país comunista) e que se tenha associado ao movimento «Solidariedade», entre os trabalhadores daquela nação, simbolizando a liberalização. Já me acusaram de forçar um pouco o latim ao relacionar *solis* («sol») com «Solidariedade», o que é justo, mas a implicação laboral é suficientemente clara.

Quanto tempo reinará João Paulo II ainda está por ver, mas depois dele surge um papa cujo lema é «Glória da oliveira» (o que pode significar o ramo de oliveira — isto é, pacificação). Contudo, o mais ominoso é que, depois dele, resta apenas mais um papa na lista de Malaquias! Trata-se de «Pedro de Roma», e Malaquias escreveu sobre ele um texto muito mais extenso. Disse que seria o papa que guiaria o seu povo através de «grandes tribulações», quando rebentasse a guerra apocalíptica final. Esta destruiria Roma e arruinaria a Igreja. Ele é o último da lista porque não haverá mais papas depois dele! Estimativas razoáveis colocariam este drama para o final deste século. Mas, evidentemente, poderá acontecer mais cedo — sobretudo se o alegado assassino papal previsto por Jeane Dixon tiver êxito nas suas ambições.

No século XV, um rapaz camponês de Cheshire fez previsões terríveis acerca do futuro e falou da próxima vez em que as costas de Inglaterra seriam invadidas (algo ainda por acontecer). Tal invasão seria conduzida por uma nação «com neve nos capacetes» e que «trará peste, fome e assassínio».

Cem anos mais tarde, o grande profeta francês Michel de Nostredame escreveu as suas enigmáticas «Centúrias» — dez conjuntos de versos destinados, segundo ele, a fornecer a lista dos acontecimentos futuros do planeta Terra. Os seus apoiantes reivindicam êxitos espetaculares, embora isso dependa muitas vezes da liberalidade com que se interpretem as suas

palavras vagas. Por vezes fornece datas e, relativamente às duas décadas seguintes, parece falar de guerra nuclear e bacteriológica destruindo cidades inteiras e matando milhões — embora a Terra sobreviva (o que talvez agrade ao leitor). As datas que apresenta parecem situar o início desses problemas (quando um «oriental» decidir «levantar-se do seu assento») a partir de meados/finais dos anos oitenta, com as verdadeiras batalhas no início dos anos noventa e a guerra a culminar em 1999 (data que ele indica de forma bastante específica).

Depois temos as profecias de Fátima, em Portugal, transmitidas em 1917 a algumas crianças camponesas por uma figura visionária que elas presumiram ser a Virgem Maria. Tratam-se de aparentes previsões do fim da Primeira Guerra Mundial, da ascensão do comunismo russo, do início da Segunda Guerra Mundial, e assim por diante. Uma misteriosa «terceira profecia» foi também comunicada, mas permaneceu durante muitos anos na posse do Papado sem nunca ter sido divulgada publicamente. Versões não oficiais afirmam que ela fala da destruição do Papado no final deste século, após uma terceira guerra na qual «fogo e fumo cairão do céu, as águas dos oceanos transformar-se-ão em vapores» e «milhões e milhões de homens perecerão».

O padrão é evidente em tudo isto e (naturalmente) todos esperamos que não passe de alarmismo apocalíptico. Mas poderemos ter a certeza? Apesar de toda a nossa retórica e das negociações sobre limitação de armamento, o conhecimento de como construir mísseis nucleares e armas biológicas jamais desaparecerá. E nunca existiu um meio de destruição inventado pelo homem que este não acabasse, um dia, por encontrar motivo para utilizar. Além disso, a Terra tem o hábito de produzir ocasionalmente algum louco que, mais cedo ou mais tarde, acabará numa posição em que poderá recorrer a estes horrores.

Se tal acontecesse, seria algo de inimaginavelmente poderoso. O sofrimento emocional de milhões de pessoas teria de deixar profundas cicatrizes no campo da espécie. Pressupondo que as premonições são reais (e devo admiti-lo pela minha própria experiência), a escolha é bastante simples. Ou não haverá grande guerra e, por conseguinte, não existirão ondulações de longo alcance, ou haverá uma guerra e essas ondulações já serão visíveis. Poder-se-ia interpretar estas antigas profecias como as primeiras e débeis deteções, feitas por indivíduos extraordinariamente

dotados, capazes de mudar de modo de realidade[2]. Se assim for, deveríamos observar cada vez mais sinais, no mundo que nos rodeia, de preocupação, reflexos ficcionais e premonições acerca de um holocausto nuclear. Receio que seja precisamente isso que estamos a assistir.

Há uma longa distância entre Abraham Lincoln e a quase destruição da Terra, mas ambos estão ligados pelo efeito de onda antecipatória. O estudo desse fenómeno conduz-nos a águas que ameaçam afundar-nos sob possibilidades impensáveis. Temos uma curiosa confiança no futuro, gostando de acreditar-nos imortais. Mas nenhum de nós o é. Contudo, o futuro está lá fora à nossa espera. Talvez, até neste exato momento, esteja já a enviar-nos as suas ondulações de aviso acerca dos horrores vindouros. Somos tolos se as ignorarmos.

7.

Inspiração dos Escritores

«Quando pego na minha pena… sou tanto um médium como Daniel Dunglas Home… Quando escrevo uma peça, não prevejo nem tenciono uma única página dela… A peça escreve-se a si própria.» — George Bernard Shaw.

Era uma vez um extraordinário contador de histórias chamado Edgar Allan Poe. Quando se sentava para criar um conto, esvaziava a mente e deixava-a encher-se até transbordar de ideias — por vezes estranhas e maravilhosas, por vezes bastante sombrias.

Um dia decidiu escrever uma história sobre um naufrágio e a terrível situação dos seus sobreviventes. À deriva num bote aberto encontrava-se um pequeno grupo de homens desesperados e um rapaz de cabine. Mergulhando nesse reservatório de imagens subconscientes algures na sua mente, Poe retirou o nome Parker. Parecia-lhe um excelente nome para o

pobre rapaz que seria simultaneamente herói e vítima dessa lamentação macabra.

Tão desesperadamente necessitados de alimento estariam os marinheiros que acabariam forçados a matar e depois comer o rapaz. Depois de concluir o conto, Poe recostou-se satisfeito. E pouco depois já escrevia outro. A história da terrível morte do rapaz de cabine permaneceu esquecida nas estantes durante muitos anos. Então, subitamente, tudo aconteceu de verdade! Houve um naufrágio real. Um dos sobreviventes era um rapaz de cabine chamado Parker e, quando os alimentos se esgotaram, ele foi escolhido como sacrifício para manter os restantes homens vivos.

Edgar Allan Poe criara muitas obras-primas ficcionais, mas nunca antes criara a realidade futura. O romance em questão era The Narrative of Arthur Gordon Pym, publicado em 1833.

Esta anedota já seria suficientemente estranha se fosse única. Mas está longe disso. Na verdade, eu próprio vivi experiências bastante semelhantes. O mesmo aconteceu com muitos escritores, bem como com pessoas criativas e artísticas cujas mentes tendem a entrar em modo de realidade sincronística[3] com maior frequência do que a maioria.

A cantora Peggy Lee afirma que, por vezes, ela e a sua banda parecem unir as mentes e tornar-se uma única entidade. Se omite uma secção de uma canção, levada pela euforia emocional, os restantes músicos fazem o mesmo. Não existe qualquer ligação consciente entre eles. Ao nível do campo da espécie, estão a reunir os seus recursos e a agir como um só. É assim que a telepatia parece ocorrer. As mentes entram em ressonância ao nível do campo da espécie.

Certa vez, durante um concerto, Peggy viu-se subitamente a pensar num avião. Não conseguia afastar a imagem da cabeça e isso quase arruinou a sua atuação. Só quando regressou ao camarim soube que um querido amigo seguira a bordo de um avião que acabara de efetuar uma aterragem de emergência após um acidente. Felizmente ninguém ficou gravemente ferido, mas o trauma do amigo parecera ter-se transferido para a mente dela, presumivelmente porque se encontrava em modo de realidade sincronística naquele momento.

Com efeito, quando alguém se dedica a algum tipo de atividade inspiradora, isso parece facilitar essa alteração de estado. Os escritores, ao

tentarem compor, frequentemente «deixam-se ir» e acabam por conseguir aceder às ondulações antecipatórias de um acontecimento futuro. Desta forma podem captar informações sobre algo destinado a acontecer, pensando porém tratar-se apenas de uma criação imaginativa da sua mente. Se transformarem isso num romance ou conto, como fez Edgar Allan Poe, então, quando a situação vier efetivamente a ocorrer, o romance parecerá inquietantemente estranho.

Chamo a este processo paralelismo psíquico[4], e ele é muito comum. Por algum meio psíquico, o escritor cria uma ficção que mais tarde se revela paralela à realidade.

A deteção de ondulações antecipatórias poderá ser a verdadeira explicação na maioria dos casos. Mas quando um romance ou história é particularmente poderoso, poderá também agitar o campo da espécie e atuar de forma semelhante a uma maldição. Enquanto hábito comportamental, isso poderá então ser responsável por transformar ficção em facto. De facto, no paralelismo psíquico, ambos os processos poderão operar simultaneamente.

Fiquei encantado ao descobrir que o escritor de ficção científica Ian Watson considera o seu único romance sobre OVNIs, Miracle Visitors, algo de especial, porque, enquanto o escrevia, começaram subitamente a ocorrer avistamentos reais de OVNIs em toda a zona onde vivia! (Poderia citar vários outros exemplos encontrados nas crónicas de escritores famosos, mas suspeito de que isto é ainda mais comum do que tudo o que foi referido sugere, embora os escritores normalmente evitem mencioná-lo — o que se compreende facilmente: não têm como saber que é assim que o universo funciona.)

O romance de Watson centra-se na intrigante ideia de que os OVNIs são como um sonho nascido do campo da espécie. A sua história deriva dos arquétipos de Carl Jung e das especulações de um ufólogo francês, Bertrand Méheust, que primeiro identificou indícios de paralelismo psíquico entre a realidade dos OVNIs e a ficção científica.

Penso que podemos sintetizar uma espécie de teoria a partir de todas estas especulações e experiências. As mentes criativas são capazes de ver adiante e detetar ondulações antecipatórias de acontecimentos futuros. Possivelmente, com base nisso, conseguem também prescrever

comportamentos de forma a manipular aparentes «coincidências». Se a sua criação for suficientemente poderosa, poderá ela própria iniciar um novo campo comportamental que acabará por afetar a norma. Como diz Rupert Sheldrake, pela lei do hábito a ideia acabará por cristalizar-se como facto.

Aqueles que desempenham o papel de artistas do nosso mundo têm de aceitar a sua responsabilidade, pois o artista não se limita a retratar o que existe: num sentido muito real, faz com que isso exista. As pessoas criativas são as arquitetas da realidade.

Talvez tenhamos agora encontrado a explicação para o fenómeno OVNI (ou pelo menos para aquela parte que não está relacionada com tipos de energia natural, como os UAPs[5]). Isso explicaria igualmente por que razão o fenómeno mudou ao longo da História. E poderá ainda explicar todos os «mitos» paranormais (como o monstro do Loch Ness, o Bigfoot, os grandes felinos fantasma, etc.). São criações do campo da espécie, trazidas à existência pelo hábito. Acreditamos nelas o suficiente para que o mito se torne realidade e a ficção se transforme em facto.

Em termos ufológicos, para onde desapareceram os misteriosos dirigíveis de 1913? O que aconteceu aos «foo fighters»[6] (estranhas bolas luminosas que perseguiam aviões durante a Segunda Guerra Mundial)? Porque surgiram subitamente discos voadores em 1947? Porque é que a mais recente «invenção» do fenómeno OVNI consiste em abduções por alienígenas (com memórias reprimidas até serem recuperadas sob hipnose)? Tais coisas não existiam antes da década de 1960.

O investigador Rodney Jones cunhou a expressão «Rastreio Cultural» para este fenómeno. É absolutamente correto afirmar que os OVNIs acompanham a nossa cultura e tecnologia, mas nunca a precedem. No meu livro anterior, Alien Contact, discuto a forma como o planeta natal dos alienígenas atravessou o universo em conformidade com a evolução da nossa consciência acerca do local mais provável de residência de verdadeiros extraterrestres.

Se examinarmos os interiores descritos dos OVNIs encontrados há duas ou três décadas, não veremos um único laser, holograma ou visor eletrónico. Todos seguem o modelo dos episódios de Star Trek filmados vinte anos antes, nos quais o equipamento da extraordinária «Nave Estelar Enterprise» consistia em pesados contadores numéricos a clicar

incessantemente e computadores que então pareciam compactos mas que hoje se assemelham a gigantes monolíticos. Se os OVNIs do fenómeno que observamos fossem verdadeiras naves espaciais, não deveriam conter tecnologia que levasse bastante mais de algumas décadas a tornar-se obsoleta pela nossa ciência primitiva? Tudo isto sugere fortemente que a aparência de um OVNI é condicionada pela nossa capacidade de imaginar a aparência de um OVNI.

O fenómeno OVNI poderá constituir um dos melhores exemplos que possuímos, em plena ação, de uma resposta aberrante no campo comportamental. Em Junho de 1947, quando o primeiro OVNI moderno foi visto (e pouco importa o que realmente fosse), os meios de comunicação difundiram-no tão rapidamente e o fenómeno tornou-se tão importante para a sociedade que muitas pessoas começaram a procurar «discos voadores» no céu. Muitas encontraram-nos.

Porque este novo campo comportamental rapidamente se tornou dominante, transformou-se num hábito. Passou então a ser fácil ver OVNIs, porque isso se convertera numa norma. Suspeito de que, num sentido peculiar, o efeito combinado de toda esta crença e observação os trouxe efetivamente à existência.

No meu primeiro livro sobre OVNIs, escrito com Peter Warrington, sugeri que alguns OVNIs eram um fenómeno psíquico «conjurado» através da psicocinese[7]. Nunca abandonei a convicção de que os OVNIs são essencialmente uma experiência subjetiva (em oposição a uma observação objetiva). Agora temos uma forma de ultrapassar quaisquer truques mágicos embaraçosos. Os OVNIs continuarão a existir enquanto houver pessoas suficientes que desejem que existam. Isto deverá relacionar-se de algum modo com o facto de os OVNIs terem diminuído consideravelmente desde o filme de Hollywood de Steven Spielberg sobre o tema. Parece ter esbatido a distinção entre sonho e realidade. Também retirou a muitas pessoas a necessidade de ver OVNIs no céu, agora que já os viram no ecrã do cinema. Possivelmente iniciou a morte do fenómeno OVNI.

Os OVNIs regressarão sob uma nova forma? Provavelmente. Porque teremos sempre necessidade de algum tipo de mistério, funcionando como uma espécie de mandala[8] sobre a qual a sociedade possa concentrar-se. Assim que um fenómeno atinge popularidade suficiente para passar de

campo comportamental aberrante a norma, essa experiência transforma-se num hábito enraizado no campo da espécie.

Podemos observar isto no caso da dobra de metal. Antes da chegada do mágico-psíquico israelita Uri Geller, aparentemente ninguém conseguia dobrar barras de ferro e talheres com o poder da mente. Contudo, assim que ele demonstrou a sua capacidade perante uma audiência suficientemente vasta, o fenómeno tornou-se subitamente banal. A fama de Geller criou um novo hábito no campo da espécie, e passou então a ser relativamente fácil para as pessoas dobrar metal. Isto aplicar-se-ia quer Geller fosse um verdadeiro médium talentoso quer um impostor absoluto. Foi a crença nele que causou a mudança, não a sua autenticidade.

Notas

1. Ondulações antecipatórias (bow-wave ripples) — metáfora usada pelo autor para descrever supostas repercussões psíquicas de acontecimentos futuros que "retrocederiam" no tempo.

2. Modo de realidade — conceito especulativo utilizado pelo autor para indicar estados alterados de consciência.

3. Realidade sincronística — referência à ideia junguiana de sincronicidade, isto é, coincidências significativas sem relação causal aparente.

4. Paralelismo psíquico — expressão usada pelo autor para designar ficções que mais tarde parecem coincidir com acontecimentos reais.

5. UAPs — sigla inglesa para Unidentified Aerial Phenomena («Fenómenos Aéreos Não Identificados»).

6. Foo fighters — nome dado por pilotos da Segunda Guerra Mundial a luzes misteriosas observadas durante voos militares.

7. Psicocinese — alegada capacidade de mover ou alterar objetos físicos apenas com o poder da mente.

8. Mandala — símbolo ritual e espiritual, comum em tradições orientais, usado como foco de meditação ou concentração.

Naturalmente, deve compreender que, quando digo que é «fácil» ver um OVNI ou dobrar metal, não quero literalmente dizer que toda a gente o consegue fazer, mas sugiro que, para as pessoas capazes de deslizar para o modo de realidade sincronística, isso se torna uma forma «em voga» de expressar a sua nova gama de capacidades. Tudo isto sustenta a ideia de que algum novo fenómeno surgirá, ganhará ampla divulgação e depois, como gosta de dizer um humorista britânico, «amanhã estarão todos a fazê-lo».

Passemos agora a explorar um pouco mais profundamente a fronteira entre ficção e facto, previsão e criação. Um exemplo clássico é a saga do Titanic.

Em 1898, o escritor Morgan Robertson escreveu mais um dos seus romances marítimos. Este, *The Wreck of the Titan* [1], contava como o alegadamente insubmergível paquete de luxo Titan afundava no Atlântico Norte após colidir com um icebergue, e como a insuficiente quantidade de botes salva-vidas conduzia a uma terrível perda de vidas humanas. Catorze anos depois, a ficção tornou-se um facto notável quando o insubmergível Titanic se afundou precisamente nessas circunstâncias.

Passemos agora para 1935, quando um terceiro navio, o *Titanian*, escapou por pouco ao mesmo destino ao ser atingido por um icebergue na mesma zona do Atlântico. Um tripulante nascido exatamente no dia em que o Titanic se afundara teve uma premonição de desastre e ajudou a avisar o navegador a tempo.

Poderá pensar que isto é ação suficiente para qualquer aberração no campo da espécie, mas o desastre do Titanic tornou-se um hábito tal, graças a livros, filmes e afins, que provavelmente veremos o seu tema repetir-se nos anos vindouros. Bob Rickard, editor de uma deliciosa coleção de mistérios chamada *Fortean Times* [2], já nos deu um exemplo. Em Bedfordshire, em 1975, enquanto uma família via na televisão um filme sobre o afundamento do Titanic, um enorme bloco de gelo caiu de um céu limpo e atravessou o telhado da casa. Perguntamo-nos qual será a próxima partida tirada da manga do brincalhão cósmico.

Esse brilhante pioneiro da fantasia científica, Jules Verne, era extremamente dotado para criar realidade. Assim, não é difícil perceber

porque é que os seus romances se tornaram tão populares. Tal como Ian Watson escreveria sobre OVNIs, e os OVNIs depois o perseguiriam, também Verne escreveu sobre misteriosas aeronaves, e elas começaram a aparecer. As suas histórias *Da Terra à Lua* e a continuação *À Volta da Lua* contam-se entre os exemplos mais extraordinários de paralelismo psíquico. Antecedem as missões Apollo em cem anos, e contudo existe nelas muito que espelha a realidade.

O local de lançamento situava-se na Florida, muito perto de Cabo Canaveral; os seus cálculos de mecânica espacial (órbitas, velocidades, tempos de voo, etc.) revelaram-se espantosamente exatos. Porém, o mais estranho de tudo é a forma como estes romances parecem ter prescrito antecipadamente a quase-catástrofe sofrida pela Apollo 13 em 1970. Na história de Verne, uma explosão de oxigénio impede a nave espacial *Columbiad* de aterrar na Lua, pelo que ela tem de utilizar uma notável tática de «efeito de funda» para regressar à Terra. Cai no mar, e a sua afortunada tripulação é resgatada por um navio no Pacífico.

Quando a NASA escolheu o nome *Columbia* para o seu terceiro módulo lunar, estava a desafiar a providência. Quando o voo 13 partiu às 13h13 CST, isso deve ter parecido um presságio. Depois, dois dias mais tarde (a 13 de Abril, naturalmente), uma explosão num tanque de oxigénio impediu a aterragem, e o mundo reteve a respiração enquanto a tripulação utilizava uma tática de «efeito de funda» para contornar a Lua e regressar à Terra, sendo resgatada por um navio vindo do Pacífico. Foi exatamente isto que Jules Verne já tinha escrito. Talvez seja mais afortunado do que jamais saberemos o facto de ele gostar de finais felizes.

Até agora examinámos muitos exemplos de pessoas criativas a mudar de modos de realidade. Mas o que fazemos quando isto acontece?

Parece que, para entrar em SRM [3], é necessário alterar o estado de consciência. Para este efeito, devemos considerar um espectro da realidade.

Num extremo do espectro encontra-se a experiência quotidiana, desperta e objetiva (modo de realidade normal). No outro está o tipo de experiência subjetiva por que passamos enquanto dormimos. Este é o modo de realidade sincronística. Mas existem tipos de realidade de todos os matizes intermédios, que se fundem de um extremo ao outro e contêm

maiores ou menores graus de ambos os modos de realidade. Uma dessas coisas é o sonho lúcido, em que o sonhador sabe que está a sonhar e consegue de algum modo controlar a paisagem subjetiva do sonho. Pelo princípio de que o espectro deve estar equilibrado, poderíamos prever uma imagem especular disto: uma espécie de «sonho lúcido desperto». Isto ocorre numa situação considerada objetiva, em que a pessoa sabe que está acordada e consegue de algum modo controlar a paisagem do mundo real. Pode fazer acontecer milagres: dar vida a extraterrestres, imprimir pegadas de Yeti na neve, permitir que o monstro do Loch Ness seja fotografado. Esta é a Experiência Quase-Consciente.

Algumas ilustrações deste fenómeno ajudarão. Pamela Mason, atriz e ex-esposa da estrela de cinema James Mason, saía com um homem após o divórcio. Tiveram uma discussão e ele foi-se embora, aparentemente sem intenção de regressar. Passadas algumas horas, ela desejava desesperadamente voltar a falar com ele, mas não fazia ideia de onde ele poderia estar. Adormecendo lentamente enquanto pensava na questão, descobriu subitamente que estava a sonhar e simultaneamente consciente. O conhecimento do paradeiro do amante entrou-lhe na mente, e ela soube onde ele estava. Na manhã seguinte telefonou-lhe para uma estalagem com um nome muito invulgar, cuja existência desconhecia antes da sua Experiência Quase-Consciente. Ele estava lá.

Outro caso é relatado pelo actor De Forest Kelley, que interpreta «Dr. McCoy» na série *Star Trek*, e que frequentemente obtém informações através dos sonhos. Num deles viu William Shatner (que interpreta o herói dos filmes, «Capitão James T. Kirk») a segurar uma claquete com certos números e um símbolo de dólar. Kelley supôs tratar-se do salário de Shatner, um segredo cuidadosamente guardado dos outros membros do elenco para evitar ciúmes. No dia seguinte contou-o a Leonard Nimoy (que interpreta o extraterrestre «Sr. Spock»). Nimoy conhecia o salário de Shatner, e os números sonhados por Kelley estavam quase exatamente corretos.

Uso a abreviatura «Experiência QC» como forma prática de me referir a este tipo de fenómeno. Trata-se essencialmente de uma expressão descritiva para a gama de diferentes acontecimentos paranormais que podem ocorrer quando uma pessoa está temporariamente no modo de

realidade sincronística — acontecimentos que, aos olhos comuns, são «impossíveis» e que incluem a deteção de ondulações precursoras do futuro, a perceção de alterações no campo da espécie causadas por acontecimentos emotivos que afetam a nós ou aos nossos entes queridos, e a prescrição antecipada da forma como lidamos com a realidade, de tal modo que as «coincidências» são forçadas a existir.

Na citação que encabeça este capítulo vimos como George Bernard Shaw tendia a sofrer uma Experiência QC. Sentava-se tranquilamente e deixava a informação fluir do subconsciente ou do próprio campo da espécie. Dados cuja posse ele nem suspeitava, nem compreendia ter ao seu alcance, eram então moldados nas suas peças. Estas praticamente se escreviam sozinhas. Já vimos esta mesma coisa descrita por outros escritores, como Robert Louis Stevenson. É frequentemente mencionada por autores ou poetas que parecem intrigados com o mistério da inspiração. Na Antiguidade acreditava-se mesmo que «musas», ou pequenos espíritos, eram responsáveis pela transmissão deste material. Quando George Eliot ou George Sand se confrontaram com isto, tentaram descobrir soluções mais racionais. Existe uma solução racional, mas terá de ser vista em termos vagamente paranormais até compreendermos verdadeiramente as diferentes camadas de realidade que estruturam o nosso universo.

O maravilhoso poeta William Wordsworth resumiu-o bem quando falou daquele «terrível poder que se elevava do abismo da mente, como um vapor insondável que tudo envolve». Ele conhecia a magia da inspiração proveniente do campo da espécie.

Richard Bach, piloto e autor de um dos contos modernos mais amados do século XX (*Jonathan Livingston Seagull* [4]), foi mais longe e conseguiu utilizá-lo de forma notável. Reconheceu que estava a receber informação de uma fonte. Não acreditava que fosse ele próprio, nem o campo da espécie, nem inventou uma musa, mas acreditava que vinha de algo exterior. Esta parece ser uma forma comum de a mente lidar com o influxo de impressões e informações estranhas. Transpõe-nas para uma agência externa para negar responsabilidade. Frequentemente, a natureza exata dessa fonte externa é em grande parte alucinatória. Uri Geller considerava a sua fonte um gigantesco computador no espaço exterior! Em todos estes casos, a verdadeira fonte é a nascente da consciência (ou o

campo da espécie, ou em termos de OVNIs talvez até uma espécie de consciência universal), mas revestimo-la de astronautas, mortos ou supercomputadores.

Para Richard Bach, a inspiração começou por ser apenas uma «voz de aviso», não muito diferente da descrita em relação a Winston Churchill. Salvou-o de desastre numa situação aérea em frações de segundo, pelo menos numa ocasião. Mais tarde passou a considerar o fluxo de informação como uma mensagem de uma gaivota a voar sobre ele (embora não fosse exatamente tão simples assim!). Certamente conseguiu criar uma descrição extraordinariamente vívida da vida de uma gaivota, contada do ponto de vista da sua consciência. Bach disse do seu livro «não ficcional», como insiste em chamar-lhe: «Eu sou o escritor, não o autor. Não inventei nada daquela história. Não criei nenhuma das ações que aconteceram. Mas fui eu que as escrevi.» Julgo que agora já consegue perceber o que ele quer dizer.

Ernest Hemingway, o grande romancista, tinha as suas mudanças sob a forma de uma EFC (Experiência Fora do Corpo), algo por que Richard Bach também passou ocasionalmente. Trata-se de um fenómeno fascinante por direito próprio e envolve uma pessoa descobrir-se subitamente a flutuar «fora» do corpo, podendo até observá-lo abaixo de si. A partir deste novo ponto de observação sente-se livre de todas as limitações normais do modo de realidade normal e consegue vaguear pelo tempo e pelo espaço no sentido típico do SRM. Muitas vezes tais acontecimentos ocorrem espontaneamente durante doenças ou acidentes, e existem casos suficientes registados para indicar que, por vezes, se obtém informação que não estaria disponível para a mente (quando localizada «dentro» do corpo) no lugar onde ela se encontra fisicamente situada.

O zoólogo Lyall Watson, por exemplo, num acidente de autocarro «viu», durante a sua EFC, um rapaz preso nos destroços. Mais tarde, quando regressou ao corpo e foi retirado dos escombros, descobriu que o rapaz estava precisamente onde o tinha visto, embora não pudesse saber disso a partir da posição em que o seu corpo se encontrava.

Eu próprio tive uma EFC pouco dramática, pelo que posso falar da estranheza da experiência em primeira mão. Fiquei aterrorizado e regressei rapidamente à realidade normal «dentro» do meu corpo, o que

provavelmente explica porque esta foi a única experiência desse tipo que tive.

A psicóloga de Bristol, Dra. Su Blackmore, acredita que a EFC, embora fascinante (ela própria passou por muitas), é basicamente imaginária. Isso importa pouco, uma vez que o estado é claramente uma Experiência QC e permite acesso à informação por meios não convencionais. A imagem de flutuação e exteriorização do corpo pode ser outro truque da mente para lidar com a mudança para o novo modo de realidade.

Como distinguir que tipo de experiência deve ser denominada QC? Existem pistas? Existem, sim. Reuni-as sob a designação geral «Factor Oz». Incluem declarações da testemunha semelhantes às seguintes: «Ficou estranhamente silencioso — todos os sons desapareceram»; «Parecia estar a flutuar metade neste mundo e metade fora dele»; «O tempo pareceu abrandar e parar». A testemunha sente como se fosse retirada deste mundo e transportada para outro, onde a magia pode acontecer. O termo «Factor Oz» vem da forma como Dorothy e Toto são transportados por um tornado para a terra fantástica de Oz, no conto clássico.

Esteja atento ao Factor Oz. Isto significa que alguém passou por uma Experiência QC, durante a qual terá transitado para o modo de realidade sincronística — onde quase tudo pode ter acontecido!

Uma excelente ilustração do tema deste capítulo é a incrível simbiose entre *The Chronicles of Thomas Covenant*, recentemente e fenomenalmente bem-sucedido, de Stephen Donaldson, e os acontecimentos da vida real alegados no estranho livro *The Green Stone* [5].

As crónicas de Covenant são narradas numa série de seis romances muito extensos escritos por Donaldson, um jovem autor até então inédito. Descrevem como um americano moderno, Thomas Covenant, e uma médica, Linden Avery, são transportados para um mundo alternativo onde possuem poderes psíquicos e conseguem realizar feitos mágicos. Esse mundo é povoado por estranhas criaturas míticas e, depois de reunirem uma equipa delas, partem numa demanda que envolve descobrir uma pedra verde e uma pequena espada, para travarem uma batalha cataclísmica contra uma força do mal. Os livros foram publicados entre 1977 e 1983 e

venderam enormemente, liderando listas de ambos os lados do Atlântico. O seu efeito sobre o campo da espécie não é, portanto, difícil de discernir. E, para terem tido tal sucesso, devem ter ressoado com uma necessidade da nossa sociedade, seguindo o princípio de «o tempo está maduro» que anteriormente descrevi, tal como no caso da descoberta de Neptuno.

Contemporaneamente a isto (e certamente eu e muitos outros conhecíamos estes acontecimentos cedo o suficiente para estarmos convencidos de que não são invenções baseadas nos romances de Donaldson), um grupo de pessoas reais e comuns começou a reunir-se na Grã-Bretanha para seguir uma demanda e descobriu possuir poderes psíquicos quando atuavam em conjunto. Partiram em busca de uma pedra verde, que encontraram após descobrirem primeiro uma pequena espada enterrada dentro de uma ponte em ruínas. Usando esses poderes, tiveram de travar uma batalha cataclísmica contra uma força do mal.

O paralelismo psíquico entre a «ficção» e o «facto» (tal como narrado no livro *The Green Stone*, pelos membros da demanda Martin Keatman e Graham Phillips) é espantoso. Não posso fazer mais do que sugeri-lo aqui. A alegada «história verdadeira» é tão inacreditável que poucas pessoas acreditarão nela quando lerem o livro. Mas tive a sorte de trabalhar com todas as pessoas envolvidas enquanto escrevia o meu livro *Alien Contact*, uma espécie de «prequela» da saga da pedra. Não participei na demanda de modo algum, mas vi o suficiente para ter a certeza de que não se trata apenas de mentiras ou ilusões. De alguma forma e em algum sentido, aconteceu.

Podemos interpretar isto como a enorme popularidade das histórias de Covenant a criar de algum modo uma norma comportamental, a partir de elementos míticos entrelaçados que já deveriam ter alguma pré-existência no campo da espécie. Depois, um grupo de pessoas deslizou para o SRM e, em conjunto (segundo o princípio de que o todo é maior do que a soma das partes), formou algum tipo de ligação harmoniosa. Como estavam numa Experiência QC, a realidade que representaram era apenas quase-real. Mas, tal como com os discos voadores ou o monstro do Loch Ness, ou qualquer outra consequência do estado QC, o resultado é tantalizante. É evasivo e subjetivo, mas tingido de tonalidades reais. A espada e a pedra encontradas são como os vestígios físicos deixados por um OVNI. São tudo aquilo que

se solidifica na nossa realidade absoluta a partir da experiência quase-real vivida pelos membros da demanda.

Pode ser que, com a maioria destes fenómenos, seja preciso estar presente para os compreender. Ou seja preciso estar presente para que eles sejam reais.

8.

Digressão Misteriosa Musical

«Uma estrela cai — Um telefonema — Tudo se liga: Sincronicidade» — da canção «Synchronicity», de Sting, dos *The Police*.

Pelo que descobrimos no capítulo anterior, não deveria constituir verdadeira surpresa que os músicos sejam importantes tanto para o paralelismo psíquico como para a modelação da realidade. Exercem influência de massas sobre as pessoas (especialmente os jovens, cujas mentes são mais fáceis de desestabilizar porque estão menos fixas em hábitos). A rádio repete as mesmas músicas vezes sem conta, e os ouvintes executam uma espécie de dança tribal metafórica, sincronizando-se com o ritmo. É a coisa mais próxima da lavagem cerebral alguma vez inventada!

Não que eu esteja a condenar a música moderna. Espero que os leitores mais jovens não interpretem isso nas minhas palavras. Eu próprio uso frequentemente a música como auxílio à concentração ou à criatividade, mas mantenho vigilância cuidadosa sobre os seus efeitos

subtis e também sobre a forma como reflete a filosofia corrente, usando o mesmo tipo de «rastreamento cultural» que encontrámos em relação ao fenómeno OVNI.

Uma das minhas histórias favoritas envolve o grupo de heavy metal Iron Maiden. A famosa canção «The Number of the Beast» [6] tem como refrão o número 666 repetido muitas vezes. Esta é a antiga e bíblica soma atribuída ao Anticristo. (Sempre me intrigou o facto de o grande incêndio que destruiu grande parte de Londres, então centro do mundo, ter ocorrido em 1666, e de usarmos 999 como número de emergência britânico quando 111 seria mais rápido de marcar. Esta é provavelmente a origem daquelas previsões de holocausto para o ano de 1999.)

O grupo teve um dia difícil em estúdio ao gravar essa faixa, devido a pequenos problemas que surgiam constantemente. Depois, no caminho para casa, o produtor sofreu um grave acidente de automóvel. Sobreviveu, mas quando recebeu a fatura da oficina ficou espantado ao descobrir que totalizava exatamente £666,66!

Uma parte considerável dos músicos modernos «criativos» (com isto quero dizer aqueles cujas letras têm um significado algo mais profundo do que «Yeah, Yeah, Yeah») produziu regularmente canções cujos temas se centram no paranormal, na forma como se obtém informação de significado cósmico através do SRM e em avisos sobre o futuro do planeta Terra. Quase se poderia compor uma banda sonora musical para as ideias deste livro se as reuníssemos todas!

Jeff Lynne, dos ELO (*Electric Light Orchestra*), parece saber perfeitamente do que estou a falar quando me refiro ao campo da espécie como fonte de inspiração, ficção e quase-realidade. Nas suas canções (provavelmente compostas enquanto está em SRM), fala frequentemente de coisas que surgem «do nada». Por exemplo, em «Secret Messages» (1983), chama-lhe «uma corrente móvel de informação que flutua ao vento. Os segredos nunca acabam. E agora chamam, cantam, tocam, dançam». No mesmo álbum, cuja faixa-título é precisamente esta, parece explicar como a Experiência QC pode cristalizar a partir desse contacto. Em «Time after Time» pede-nos para «ouvirmos as sereias do mundo» porque, como diz,

«não há esconderijo possível» das «visões no ar» que «vêm de toda a parte».

Notas

[1] The Wreck of the Titan — *Romance de Morgan Robertson, frequentemente citado como exemplo de alegada premonição do desastre do Titanic.*

[2] Fortean Times — *Revista britânica dedicada a fenómenos insólitos, paranormalidade e acontecimentos inexplicáveis.*

[3] SRM — Sigla de Synchronistic Reality Mode *(«Modo de Realidade Sincronística»).*

[4] Jonathan Livingston Seagull — *Livro de Richard Bach, publicado em 1970; em português é geralmente traduzido como* Fernão Capelo Gaivota.

[5] The Green Stone — *Livro de Martin Keatman e Graham Phillips sobre uma alegada busca esotérica e paranormal.*

[6] «The Number of the Beast» — Canção do álbum homónimo dos Iron Maiden, lançado em 1982.

Existe até um ramo da música conhecido como “Rock Cósmico”, em que as letras são deliberadamente escolhidas para expressar ideias profundas. Os Moody Blues foram um dos fundadores. Em 1981, Justin Hayward sugeria em *The Voice* que devíamos “fazer uma promessa, assumir um voto e confiar nos nossos sentimentos. Agora é fácil. Compreender a voz interior e sentir as mudanças já a começar.” Aqui, ele diz-nos como obter acesso a esses arquétipos junguianos[1] ou ao campo de espécie de Sheldrake[2], sintonizando-nos com a “voz” — a mesma “voz” que permitiu a Churchill salvar a sua equipa da bomba que caiu junto à sua cozinha, ou a Abraham Lincoln visualizar o seu próprio destino.

Kate Bush é outra cantora que possui opiniões e experiências relacionadas com o paranormal. Chegou mesmo a ser presidente de um grupo dedicado aos OVNI. Num álbum de 1978 aconselha-nos: “Não caias em nenhuma varinha mágica”, porque “Nós, humanos, temos tudo —

realizamos milagres." E em *Kite* descreve a sensação de desfrutar da realidade QC[3] graças a uma OOBE[4]: "Não tenho membros, sou como uma pena ao vento." Kate Bush escreveu também aquilo que pode muito bem ser o hino de qualquer investigador de anomalias, na sua canção *Strange Phenomena*. Esta fala da forma como a realidade sincrónica pode produzir prescrições e coincidências: "Pegas num jornal, lês um nome. Vais para a rua, ele aparece outra vez, e outra vez."

Como mostra a citação no início deste capítulo, um dos grupos mais bem-sucedidos do mundo, os Police, sente fascínio pelo mesmo fenómeno. Não consigo resistir a descrever uma aventura verdadeiramente espantosa que vivi em ligação com a música deles, enquanto estava no meio da minha série radiofónica, em Abril de 1983.

Eu tinha decidido dedicar o programa da semana seguinte da Radio City ao tema da coincidência e da SRM[5], chamando-lhe *Synchronicity*, embora tivesse de explicar esse conceito aos ouvintes. No dia anterior ao anúncio do programa seguinte, no final da emissão dessa semana, recebi uma "chamada telefónica" bastante estranha acerca de uma "queda de estrelas" sobre Merseyside. (Veja-se a letra de Sting na p. 94!) O que aprendi com o meu aterrorizado interlocutor foi que um estranho objeto tinha sido visto a descer do céu às quatro da manhã desse dia (sendo agora cerca de seis horas depois). Ele estava claramente perturbado, por isso decidi não insistir ao telefone, mas algumas horas mais tarde ouvi nas notícias da Radio City que dois jovens rapazes tinham sido mortos nesse mesmo distrito de Merseyside durante a noite anterior. Tinham abandonado as suas motorizadas sem motivo aparente e atravessado a pé uma linha férrea próxima, onde foram atingidos por um comboio postal em andamento.

A minha curiosidade foi despertada por esta tragédia e, quando fui para a estação de rádio no dia seguinte, consultei o arquivo do teletipo noticioso sobre o incidente. Fiquei surpreendido ao descobrir que o acidente ocorrera não apenas no mesmo local, mas também exatamente à mesma hora do avistamento de OVNI que me tinha sido comunicado por telefone. Agora tinha uma decisão invulgar a tomar. Deveria telefonar à polícia e contar-lhes o que sabia, implicando assim, de certo modo, tanto a mim como à inocente testemunha do OVNI na triste morte daqueles

rapazes? Isso implicaria também enfrentar o ridículo por sequer ousar sugerir qualquer tipo de ligação com "discos voadores".

Outra complicação era o facto de eu ter acabado de sair de meio dia "a ajudar a polícia nas suas investigações", como se costuma dizer, depois de um ladrão ter decidido abandonar um carro de fuga envolvido num assalto à mão armada mesmo diante da minha porta de casa, a meio da noite! Isso tornava-me ainda mais relutante em voltar à polícia. Contudo, a realidade já começava a conspirar para me dizer o que devia fazer. Ou, provavelmente, eu próprio estava a prescrever a realidade, porque, num nível mais profundo, a minha mente já sabia o que queria fazer.

Eu estava no estúdio com o apresentador Brian Ford, tendo terminado o programa e anunciado que, na semana seguinte, iria falar aos ouvintes sobre sincronicidade. Por acaso observei a Brian que discutir a sincronicidade perante dezenas de milhares de ouvintes provavelmente empurraria o fenómeno para a ação. Agora procurava o seu conselho acerca do episódio ocorrido nas últimas vinte e quatro horas. Enquanto conversávamos, durante uma pausa em que tocava um disco, conseguíamos ver através do painel de vidro a área de receção da estação de rádio, que permitia aos visitantes observar o DJ a trabalhar enquanto os programas iam para o ar em direto. Entraram então dois polícias de uniforme completo! Brian e eu sorrimos um para o outro e eu disse: "Vês o que quero dizer?" Tinham vindo entrevistar outro DJ acerca de multas não pagas, mas para mim aquilo parecia bastante mais significativo!

Se ainda tinha dúvidas acerca do que me estava a ser "dito" para fazer, elas desapareceram quando saí do estúdio e atravessei Liverpool para apanhar o autocarro. Pelo caminho parei para comprar um disco e, com a compra, ofereceram-me uma revista gratuita com críticas e pré-visualizações dos lançamentos do mês seguinte. No topo da lista, como descobri ao ler a revista no autocarro para casa, estava o novo álbum dos Police, que iria chamar-se *Synchronicity*! (Mais tarde, quando chegou ao topo das tabelas em Maio e Junho de 1983, li a letra da faixa-título e percebi como era pertinente para o meu estranho contacto com este fenómeno.)

Agora já não tinha escolha. Telefonei à polícia quando cheguei a casa. Sem lhes contar estas sincronicidades, limitei-me a transmitir aquilo que sabia. Ninguém pareceu achar aquilo ridículo. Algumas semanas depois

(por "coincidência", claro), fui apanhado à boleia por um carro enquanto caminhava por Wallasey em direção a Liverpool para fazer outro programa de rádio. Quem me deu boleia foi um polícia à paisana que me reconheceu e que ouvia o meu programa durante as patrulhas. Ficámos à conversa e veio a revelar-se que ele estava envolvido no misterioso caso da morte dos rapazes, acrescentando que a teoria de eles terem sido assustados por um OVNI, abandonando as motas e fugindo para a frente do comboio, era tão plausível como qualquer outra que tivessem considerado!

Sem dúvida achará tudo isto bastante difícil de acreditar. Eu próprio tenho dificuldade em aceitá-lo. Mas, como dizem os Police na sua canção: "Se agires como pensas, o elo perdido é a sincronicidade."

O disco que comprei no dia em que descobri o futuro álbum *Synchronicity* era de Al Stewart. Ele é outro cantor e compositor que fala muito de fenómenos estranhos. Produziu um álbum inteiro em torno do tema do "Tempo" e uma longa faixa sobre as profecias de Nostradamus, entre muitas outras coisas dignas de nota.

Num álbum de 1984 existe uma faixa, escrita por ele próprio e Peter White, intitulada *Rumours of War*, que coincide de forma notável com os pontos que apresentei no capítulo anterior. Como talvez recorde, sugeri que pessoas suficientemente sensíveis deveriam conseguir detetar ondulações de proa[6] provenientes de acontecimentos destinados a afetar fortemente o campo da espécie. Um desses acontecimentos seria uma futura guerra horrível e, como vimos, há sinais (nas preocupações crescentes, nos relatos ficcionais e nos movimentos populacionais) de que uma deteção subliminar precoce poderá já estar a ocorrer. *Rumours of War* fala precisamente disso e o facto de ter sido lançada depois de eu ter redigido estes capítulos constitui um bom exemplo de paralelismo psíquico ou do padrão "o tempo está maduro" que já encontrámos antes.

No seu estilo poético habitual, Stewart e White dizem: "Consigo ver que és daqueles que carregam uma bomba-relógio na mente. Ninguém sabe quando vais puxar o pino." E estou convencido de que existem hoje muitas pessoas neste planeta que guardam esses terríveis avisos dentro da cabeça como uma bomba-relógio prestes a explodir. Como acrescenta a canção: "Há almas em chamas de dia e de noite — à esquerda e à direita — no negro e no branco. Vê-se arder nos olhos dos ricos e dos pobres — rumores de guerra." O facto de isto se referir a uma verdadeira premonição

paranormal (e não apenas ao medo) é demonstrado por versos como: "Dizes-me apenas para olhar à minha volta... Os sinais e os planetas estão a alinhar-se como antes." O meu palpite é que veremos muitas mais canções deste género nos próximos anos, à medida que esta ondulação de proa se tornar cada vez mais forte.

Espero que prestemos atenção aos avisos antes que seja tarde demais. O tempo é desesperadamente curto, caso contrário não teríamos tantas evidências.

Muitas pessoas têm outra forma de encontrar refúgio temporário na realidade sincrónica. Utilizam um antigo oráculo chinês conhecido como *I Ching*. Trata-se basicamente de uma lista de sessenta e quatro "leituras", cada uma bastante detalhada (e contendo subleituras). As palavras são bastante vagas (não muito diferentes das previsões de Nostradamus) e nelas se pode ver muita coisa. Para aceder ao oráculo basta lançar três moedas seis vezes e, conforme a combinação de caras e coroas que o "acaso" determinar, é recomendada uma leitura específica. Lê-se então essa passagem como resposta à pergunta que se tinha em mente ao lançar as moedas.

Claro que isto é absurdo. Um conjunto de moedas e um texto obscuro escrito por um antigo sábio chinês há séculos dificilmente poderia interpretar o seu futuro ou responder às suas perguntas (por mais sérias que sejam). Ainda assim, apesar disso tudo, parece funcionar! Mas é preciso sinceridade e contemplar a pergunta num estado de meditação enquanto se lançam as moedas. O *I Ching* é apenas um auxílio para entrar em SRM, algo que algumas pessoas conseguem usar com facilidade. E provavelmente é preciso estar em SRM quando se leem as palavras do oráculo e delas se extraem aquelas mais relevantes para a questão colocada.

A cantora pop Marianne Faithfull utilizou o *I Ching* quando era namorada do líder dos Rolling Stones, Mick Jagger. Em Junho de 1969, quando Brian Jones, dos Rolling Stones, estava profundamente envolvido em drogas e tinha abandonado o grupo, ela consultou o oráculo. Saiu-lhe o número 29, K'An ("O Abismo Perigoso"). A interpretação que fez do texto pode ser sintetizada como perigo/água/abismo/morte. Tentou avisar Jones, sem sucesso. Algumas semanas mais tarde, sob efeito de drogas, ele caiu numa piscina (um arquétipo perfeito de abismo perigoso de água!) e afogou-se.

Penso que é necessária alguma suscetibilidade para entrar em SRM para que isto funcione, mas, se a pessoa conseguir meditar com sucesso enquanto o utiliza (e a meditação é apenas outra via para a realidade sincrónica), isso poderá ter valor. Contudo, não deve ser exagerado. Parte do seu sucesso reside no seu carácter reverencial.

Observemos agora alguns exemplos de fenómenos ocorridos no mundo da música que ilustram ideias discutidas até aqui.

Em 16 de Agosto de 1977, Stu Brunner, um disc jockey de Missouri, tentou pôr a tocar um disco de Elvis Presley na sua estação KFAL, mas não conseguiu fazer funcionar nenhum dos lados. A agulha simplesmente deslizava sobre os sulcos do disco. Acabou por desistir e pôs outro disco. Alguns minutos depois, a estação recebeu um boletim para transmitir: Elvis Presley acabara de morrer. Mais tarde, o disco foi examinado e verificou-se que não tinha qualquer dano. Tocava normalmente.

O que supomos então que aconteceu aqui? Poder-se-ia inclinar a acreditar que o espírito de Elvis fez uma pausa a caminho da vida após a morte e decidiu pregar uma última partida ao mundo. Francamente, isso parece ridículo, mesmo que a vida após a morte fosse um facto estabelecido. Contudo, e se Brunner tivesse sido embalado para a SRM por estar fechado no estúdio com música a tocar continuamente e suavemente ao fundo? E se, nesse estado, tivesse conseguido perceber que a estrela pop estava morta? (Talvez não por precognição, mas simplesmente detetando as alterações no campo da espécie que a morte de Presley já começava a criar à medida que a notícia se espalhava.) Na "realidade sincrónica" a mensagem seria compreendida. Mas é muito difícil transferi-la para a realidade normal. Talvez a forma mais simples disponível naquele momento fosse perturbar a coordenação normal de Brunner (certamente uma função subconsciente da realidade normal), impedindo-o de colocar corretamente o disco.

Três anos depois deste episódio, Alex Tanous, um conhecido sensitivo americano, foi entrevistado num programa de rádio chamado *Unexplained Phenomena*. Falou das suas visões e contou que sentia que "uma estrela rock muito famosa terá uma morte prematura". Antecipando as minhas ideias sobre a ondulação de proa de um grande acontecimento resultar do seu maior efeito no campo da espécie, Tanous acrescentou: "Irá afetar a consciência de muitas pessoas devido à fama [desse homem]." No ar, disse

pouco mais, exceto que sentia que a estrela vivia na América mas não era americana. Em privado, segundo afirma, elaborou uma lista de seis candidatos. No topo estava o ex-Beatle John Lennon.

O programa foi transmitido em Outubro de 1980. Em 8 de Dezembro desse ano, John Lennon, acabado de regressar de uma sessão de gravação, foi assassinado à porta do apartamento onde vivia, no edifício Dakota, na West 73rd Street, Nova Iorque. Do outro lado da rua, com vista direta para o local, encontrava-se o estúdio de rádio onde Alex Tanous gravara a sua previsão!

Lennon não teria ficado surpreendido com isso. Ele próprio tivera vários contactos com o paranormal. No seu single de sucesso *Strange Days Indeed*, lançado após a sua morte, canta: "Há OVNIs sobre Nova Iorque — e eu nem estou muito surpreendido." Era uma referência críptica ao seu próprio encontro imediato, algum tempo antes, quando observara um objeto em forma de charuto sobre o rio. (Voltaremos a encontrar Lennon no Capítulo 12.)

John Lennon está longe de ser o único a ter tido tais visões. O grupo Hot Chocolate escreveu o êxito número um *No Doubt About It*, que discute a realidade dos OVNI, após um avistamento ocorrido no regresso de uma atuação noturna. Como vimos, o fenómeno OVNI é uma forma muito "na moda" de expressar os talentos depois de se entrar em SRM.

Cheguei mesmo a estabelecer uma intensa comunicação OVNI com uma senhora encantadora nos Estados Unidos. Há alguns anos, ela e o filho pequeno passaram por um encontro dramático com um OVNI pousado, que parece ter sido aquilo a que os investigadores chamam uma "abdução" (houve elementos de tempo perdido). Não deveria surpreender ninguém o facto de ela ser uma artista extremamente talentosa, produzindo agora belas pinturas de fenómenos OVNI tal como os visualiza, além de ter experimentado outros fenómenos "paranormais". Ambas as coisas constituem pistas importantes de alguém capaz de mudar de modo de realidade com facilidade invulgar. Desde a experiência, esta testemunha mudou deliberadamente o seu nome para Judith Starchild.

Começou a escrever música (sobretudo sobre paz, amor, harmonia e o significado mais profundo da vida no universo). Tenho uma cópia do primeiro disco de demonstração de estúdio do seu grupo Phoenix e suspeito

que um dia alcançará grande sucesso. Porque parece aproximar-se o tempo em que a sua mensagem fará sentido.

A grande estrela pop dos anos sessenta Gerry Marsden, líder do grupo Gerry and the Pacemakers, também é testemunha de OVNI. O seu encontro, ocorrido na península de Wirral, a curta distância de Liverpool atravessando o Mersey de ferry, envolveu misteriosas luzes brancas que dançavam em torno do seu carro enquanto viajava perto da aldeia de Clatterbridge. Quando falei com Gerry sobre essa experiência, apresentei-lhe o conceito dos UAP[7], ou estranhos efeitos atmosféricos. Ele desconhecia tais ideias e tinha sido educado na visão tradicional de que, ao relatar um OVNI, ou se era louco ou se tinha visto uma nave espacial. Contudo, mostrou-se disposto a aceitar que a ideia dos UAP fazia sentido à luz do que observara.

Outro grupo de Liverpool, mas pertencente à chamada "Nova Vaga", também teve confrontos bastante estranhos com o mistério OVNI, embora pareçam considerar o seu contacto como sendo com uma inteligência alienígena. O grupo chama-se *A Flock of Seagulls* e teve vários êxitos, incluindo *Run*, que fala da fuga perante luzes brilhantes no céu. Noutra canção descrevem algumas das suas próprias mensagens espaciais com o título *It's Not Me Talking*. Referem a informação como proveniente de "outro planeta". Não me é totalmente claro se acreditam mesmo nisso, mas aquilo de que falam tem muitas semelhanças com o "supercomputador" de Uri Geller. Sem dúvida, informação está a ser transmitida a mentes suficientemente recetivas, oferecendo conceitos básicos sobre a necessidade de acabar com as guerras e parar de lutar. Pode tratar-se de uma superinteligência algures, ou talvez dessas misteriosas regiões interiores de nós próprios: o campo da espécie.

Penso que estes casos de transferência de informação ou previsão têm algo em comum. A realidade sincrónica funciona com base em símbolos, não em factos concretos ou lógica, como sucede na realidade normal. Utilizar folhas de chá, uma bola de cristal, o *I Ching* ou a astrologia para prever o futuro é apenas uma forma de construir uma ponte entre as duas realidades. São os símbolos que traduzem os dados recebidos pela mente em modo sincrónico (que podem ser ondulações de proa vindas do futuro). Cristalizam-nos na nossa realidade quotidiana. O mesmo pode muito bem aplicar-se às mensagens expressas nas canções produzidas pelos nossos

músicos criativos. Que a informação provém de alguma fonte real parece inegável. Que essa fonte seja alienígena, ou pelo menos uma inteligência exterior ao ser humano, ainda não está provado. Mas isso não significa que devamos ignorar as suas vozes. O facto de serem tão fortes e insistentes talvez signifique que dizem grandes verdades.

Provavelmente já lhe ocorreu que, se conseguimos detetar ondulações de proa provenientes de grandes acontecimentos futuros e dramatizá-las sob a forma de símbolos, sonhos ou alucinações, o mesmo poderá ser verdade em relação a informações do passado. Vale a pena recordar uma história interessante envolvendo alguns músicos populares antes de se tornarem famosos.

Num grupo que regressava de um concerto tarde da noite por uma estrada deserta no sul de Inglaterra seguiam Peter Bardens (que mais tarde alcançaria fama como teclista do grupo Camel) e Mac Fleetwood (que em breve formaria os internacionalmente aclamados Fleetwood Mac). Enquanto conduziam, avistaram uma figura na estrada à frente, mas estavam demasiado perto para conseguir travar a tempo. Apesar do chiar dos travões, atravessaram diretamente o ponto onde o homem se encontrava. Estranhamente, não sentiram qualquer embate nem sinal de colisão, mas estavam convencidos de que tinham atingido o estranho e provavelmente o tinham morto. Os músicos, assustados, pararam para sair do carro e procurar à volta. O peão não estava em lado nenhum. Só mais tarde descobriram que ele estava realmente morto — mas morrera muito antes de o terem atropelado. Um homem tinha sido morto naquele troço de estrada alguns anos antes e dizia a lenda que a sua aparição assombrava por vezes o local.

Por outras palavras, estes homens atropelaram um fantasma. Mas o que é exatamente um fantasma? Serão deteções de informação do passado associada àquele lugar? Ocorrem quando as pessoas envolvidas estão em modo de realidade sincrónica? Estradas solitárias à noite são certamente propícias a embalar a mente e afastá-la das suas operações normais. Mas quão real é um fantasma? Precisamos de explorar isso mais profundamente.

9.

Fantasmas e Artistas

"... realidade e sistemas de crença são virtualmente sinónimos. Não existe outra realidade além dos seus próprios sistemas de crença." — Edgar Mitchell[8] (astronauta norte-americano).

A actriz Susannah York, estrela internacional, teve há alguns anos um contacto muito estranho com este mundo misterioso. Na época andava à procura de casa com o marido e, por recomendação de um amigo, foram inspecionar uma casa do século XVI na zona rural de Essex. Como Susannah estava a filmar um filme nessa altura, só podiam fazer uma visita rápida, mas os proprietários concordaram em deixá-los passar a noite na propriedade desocupada. Chegando tarde e fazendo uma inspeção rápida, apaixonaram-se imediatamente pelo lugar. A casa parecia saída de um conto de fadas. Tinha até um fosso com ponte levadiça, a única forma de entrar no edifício.

Apesar da atração que sentia pela casa, Susannah acordou nessa noite de um sono profundo e subitamente "sentiu" uma presença em torno de si. Levantou-se para explorar, mas foi dominada por uma poderosa vaga de emoção. Algo estava errado. Não conseguia mover-se. Sentia-se horrivelmente mal e pressentia uma terrível desgraça. O seu corpo reagiu da forma mais natural possível: Susannah York desmaiou.

O barulho trouxe o marido em seu auxílio, mas ela permaneceu inconsciente durante vários minutos.

Notas

[1] Arquétipos junguianos — Conceitos formulados por Carl Gustav Jung, referentes a imagens e padrões universais presentes no inconsciente coletivo.

[2] Campo de espécie de Sheldrake — Referência à teoria dos "campos mórficos" do biólogo Rupert Sheldrake, segundo a qual existe uma memória coletiva que influencia organismos da mesma espécie.

[3] QC reality — Expressão do autor; provavelmente "Quantum Consciousness reality" ("realidade da consciência quântica"), conceito especulativo/parapsicológico.

[4] OOBE (Out-of-Body Experience) — "Experiência fora do corpo".

[5] SRM — Sigla usada pelo autor para Synchronistic Reality Mode ("Modo de Realidade Sincrónica").

[6] Bow-wave ripples — Literalmente "ondulações da onda de proa"; metáfora usada pelo autor para designar ecos antecipatórios de acontecimentos futuros.

[7] UAP (Unidentified Aerial Phenomena) — "Fenómenos Aéreos Não Identificados".

[8] Edgar Mitchell — Astronauta norte-americano da missão Apollo 14, conhecido também pelo interesse em fenómenos psíquicos e consciência humana.

De manhã, aparentemente recuperada, Susannah desvalorizou a experiência. Continuava entusiasmada com a casa e, por isso, decidiram regressar no fim-de-semana para uma inspeção mais demorada da propriedade. Mas, mais uma vez, apesar da beleza do lugar, uma sensação crescente e avassaladora envolveu a atriz. Sentindo-se presa, declarou que simplesmente nunca poderia viver ali. Se a ponte levadiça alguma vez deixasse de funcionar, a única forma de escapar seria saltando para as águas do fosso. Isso era demasiado para suportar. Quando o proprietário ouviu esta decisão, disse ao casal que não estava surpreendido. A casa tinha um fantasma. Uma jovem ficara ali presa quando a ponte levadiça deixara de funcionar. Desesperada por escapar, lançara-se ao fosso e afogara-se. A sua presença fora frequentemente sentida naquele local.

Outra atriz britânica que teve problemas enquanto procurava casa foi Corale Browne. Em 1950, comprou efetivamente uma casa em Londres (mesmo ao lado de um cemitério!) que viria a revelar-se desastrosa. Pouco depois de se mudarem, acontecimentos estranhos começaram a atormentar Corale, o marido e até, ocasionalmente, os convidados para jantar. Pratos e chávenas atravessavam a divisão pelos seus próprios meios. Objetos desapareciam durante semanas e reapareciam exatamente no mesmo lugar onde tinham estado antes do súbito desaparecimento.

Ao fim de dezoito meses, convencidos de que tinham um poltergeist[1] (ou "fantasma barulhento", como a palavra significa, devido à sua conhecida tendência para este tipo de travessuras), o casal decidiu vender a casa. Descobriu-se que, nas décadas anteriores e posteriores à sua permanência, a propriedade nunca conseguira manter um proprietário durante mais de um ano ou pouco mais. Devia ser problemático ter um fantasma como inquilino.

Existem paralelos interessantes entre estes dois casos. Susannah York limitou-se a detetar emoções. Na casa de Corale Browne, essas emoções foram projetadas numa espécie de realidade física destrutiva.

Algum tipo de energia deve estar envolvido em fenómenos desta natureza. Não podem ser apenas produtos da imaginação. A estranha experiência da popular dupla cómica "The Krankies" demonstra isso mesmo. O número deles gira em torno de Janette Tough, uma pequena e enérgica escocesa que finge ser um rapazinho chamado "Jimmie", constantemente envolvido em sarilhos com um adulto — o marido de Janette, Ian. Passaram dos clubes nocturnos para a fama televisiva.

Os Krankies provavelmente nunca esquecerão a passagem de ano de 1978, quando tiveram de voar da pantomima em Newcastle para a Escócia, onde deveriam atuar num programa de televisão em direto. A BBC fretou-lhes um avião, mas o tempo tinha piorado e a neve cobria grande parte do Norte. Contudo, tinham de chegar ao destino, e o piloto decidiu que os instrumentos modernos da aeronave o levariam até lá. Enquanto voavam, um estranho objeto branco surgiu subitamente acima deles. Pairou sobre o avião, cujos instrumentos começaram a falhar. Corajosamente, o piloto continuou enquanto o brilhante OVNI mantinha o mesmo ritmo de voo. Depois, passados vários minutos deste encontro imediato, afastou-se silenciosamente. O equipamento elétrico do avião voltou então a funcionar normalmente e, após a aterragem, tornou-se fácil convencerem-se de que talvez o mau tempo tivesse sido responsável pela perturbação dos indicadores. Ou talvez não. A ligação com o objeto misterioso parecia difícil de negar.

Naquela noite ocorrera a reentrada de um foguetão propulsor de um satélite russo, produzindo um fantástico espetáculo celeste por volta das 19h05. Mas teria sido isso que os dois artistas viram? A hora parece ter sido mais tardia e o comportamento estacionário que relataram é totalmente incompatível com a rápida descida de lixo espacial através da atmosfera terrestre. Provavelmente nunca saberemos. Mas OVNI foram frequentemente descritos como interferindo com equipamentos elétricos, chegando mesmo a fazer parar motores de automóveis. Houve outras ocasiões em que aviões sofreram efeitos semelhantes quando um objeto estava próximo. Serão todas coincidências, ou existirá algum tipo peculiar de energia associado ao fenómeno?

Pelo menos os Krankies, como verdadeiros profissionais, continuaram o espetáculo como se nada tivesse acontecido.

Poderíamos ser tentados a concluir que aquilo que Janette e Ian Tough testemunharam foi uma espécie de alucinação exteriorizada, talvez utilizando o facto de haver lixo espacial nas proximidades. Terá grande semelhança com a alucinação de um fantasma, construída a partir de dados recebidos por mentes em realidade sincrónica? Havia sintomas do Factor Oz[2] no encontro aéreo, tal como existem em muitas experiências de aparições. Isto significa, mais uma vez, que estamos a lidar com algo quase real (uma Experiência QC[3]) e não absolutamente real.

A atriz Anne Baxter pode ajudar-nos a compreender isto mais profundamente. É talvez mais conhecida em Inglaterra pelo papel principal na série televisiva *Hotel*, e talvez não se saiba que era neta do famoso arquiteto Frank Lloyd Wright. Viviam longe um do outro, mas eram muito próximos, uma ligação que parece ter sido importante porque permitia aos seus campos de vida ressoarem ou ligarem-se na realidade sincrónica.

Quando Wright adoeceu, lutou contra a doença, e Anne Baxter não tinha receios reais quanto ao seu estado. Contudo, certa noite teve um sonho carregado de emoções tristes. Era estranho, mas muito assustador. O elemento central era um enorme pássaro que voava afastando-se da luz e dirigindo-se diretamente para ela. No momento em que se aproximava, acordou sobressaltada e saiu da cama. Tal foi o impacto da imagem do pássaro que levou uma hora até conseguir acalmar-se e apagar novamente a luz. Assim que o fez, o telefone tocou. Era a mãe a telefonar para informar que Frank Lloyd Wright morrera cerca de uma hora antes. Na altura vivia em Phoenix, Arizona.

O que parece ter acontecido foi que Anne detetou, de algum modo, o efeito da morte do avô, graças ao impacto dessa morte no campo da espécie e aos laços emocionais entre ambos. Como estava a dormir, a sonhar e em modo de realidade sincrónica, a sua mente teve de utilizar símbolos para transmitir a mensagem. O gigantesco pássaro — talvez aquilo que a sua mente interpretou como uma fénix[4] — e o seu voo afastando-se da luz para tentar alcançá-la parecem extremamente apropriados.

Mais uma vez observamos a enorme importância da emoção em todos estes casos. O que teria acontecido se Anne Baxter estivesse acordada em

vez de a dormir quando Frank Lloyd Wright emitiu este grito emocional? Provavelmente dependeria de ela estar sintonizada com a realidade normal ou com a realidade sincrónica naquele momento. Ela própria não é conhecida por possuir capacidades "psíquicas", o que significa que provavelmente não entra em SRM[5] com frequência, mas talvez tivesse sentido alguma coisa se o contacto tivesse sido suficientemente forte, tal como Susannah York parece ter detetado vagamente aquilo que ocorrera naquela casa, embora não o bastante para criar qualquer aparição da jovem morta.

Corale Browne não entrou em harmonia com a informação que a rodeava. Nesse caso, o seu campo de vida e o daquilo que quer que fosse responsável pela presença na casa entraram em conflito. O resultado foi uma espécie de "ruído psíquico": os efeitos poltergeist que ocorreram. Existia certamente energia física presente, tal como existia no avião utilizado pelos Krankies, ou como existe quando uma divisão assombrada fica fria. Uma vez que uma lei fundamental da natureza afirma que a energia nunca pode ser criada nem destruída, apenas transformada de uma forma noutra, é exatamente disso que parecemos estar a falar: energia emocional transformando-se em energia física (como calor ou som) e, noutros casos, o processo inverso.

Edgar Wallace foi um famoso escritor britânico de thrillers cujas histórias de mistério serviram de base a muitos filmes e programas televisivos. Não era adepto do paranormal, embora, segundo o investigador americano Charles McArthur, houvesse quem tentasse convertê-lo, devido ao enorme público de Wallace. Sir Arthur Conan Doyle, como vimos anteriormente neste livro, um importante espiritualista e "caçador de fantasmas", tentou prepará-lo como sucessor, mas o escritor recusou e travou uma batalha pública (quando era editor de jornal) contra um antigo amigo que apoiava o movimento. Ambos eram teimosos e possuíam grandes egos; nenhum queria pedir desculpa ao outro.

Mas um dia, em 1931, algo muito estranho aconteceu para pôr fim à disputa. Enquanto Edgar Wallace permanecia acordado até tarde escrevendo mais um violento ataque ao paranormal, ouviu uma voz surgir do nada dizendo que se devia sentir envergonhado! Mais tarde, segundo contou, encontrou o manuscrito queimado na lareira, embora insistisse que ninguém lhe tocara. Finalmente, sendo já quase madrugada, observou uma

figura espectral sentada numa das suas cadeiras. Reconheceu-a como a falecida cunhada do amigo espiritualmente comprometido. Depois de lhe sorrir e apresentar condolências, desapareceu no ar.

Edgar Wallace recusou-se a discutir o incidente, depois de o escrever, pelo que nunca poderemos ter a certeza de que não estivesse apenas a brincar. Mas o efeito da visão fantasmagórica foi suficientemente real e ele declarou: "Nunca mais ridicularizarei os espíritos."

Partindo do princípio de que aconteceu realmente, o melhor é interpretar a experiência como uma alucinação dramática projetada pela sua mente para produzir um grande impacto. Um sentimento ou um sonho estranho provavelmente teria tido pouco efeito em Edgar Wallace, demasiado cético para isso. No fundo, o seu inconsciente sabia que teria de ser algo muito dramático para resultar. E talvez tenha percebido que o fim da disputa seria do seu interesse. Assim, extraiu informação do campo da espécie e reconstruiu acontecimentos e circunstâncias impossíveis de explicar, incluindo uma aparição fantasmagórica. Os fantasmas são provavelmente apenas casos extremos de uma Experiência Quase Consciente.

Edgar Wallace, sendo cético, passou provavelmente a maior parte da vida em modo de realidade normal. Como exemplo de alguém muito diferente, que se encontra frequentemente em modo de realidade sincrónica, podemos recorrer à estrela de cinema e atriz Lindsay Wagner.

Lindsay gosta de interpretar papéis relacionados com o paranormal. No papel da *Mulher Biónica*, possuía poderes fantásticos. No filme *The Two Worlds of Jennie Logan* interpretou uma sensitiva capaz de detetar informação do passado e, eventualmente, de controlar a realidade a tal ponto que deslizou para esse passado e evitou uma tragédia histórica.

Na experiência QC resultante da sua capacidade de alternar modos de realidade, a personagem que interpretava conseguia reestruturar o universo em benefício próprio. É irónico que se tenha visto a representar este conceito, porque, na verdade, Lindsay Wagner possui exatamente essa capacidade!

Passou por inúmeros encontros muito estranhos com o paranormal e afirmou acerca dessas experiências: "Confio nos meus sentimentos psíquicos e usei-os frequentemente para orientar a minha carreira."

A vida de Lindsay é extremamente intrigante, típica da notável sensitiva que indubitavelmente é. A sua experiência mais importante foi aquela que salvou a sua vida e a da mãe. Ambas tinham reserva num voo DC-10 da American Airlines a partir do aeroporto O'Hare de Chicago, em 25 de Maio de 1979, mas, antes do embarque, Lindsay foi invadida por uma sensação terrível: uma fortíssima ondulação de proa[6] dirigia-se para ela. Insistiu para que cancelassem a reserva e apanhassem outro avião. Felizmente, a mãe estava habituada às "intuições" de Lindsay e concordou sem hesitação.

O DC-10 despenhou-se segundos após a descolagem, depois de perder um motor. Todos os passageiros morreram numa horrível bola de fogo. Foi o pior desastre aéreo em território americano. De algum modo, a mente de Lindsay captou as ondulações provenientes dos campos de vida de mais de duzentas pessoas ao verem-se arrancadas do mundo físico num instante de terror inimaginável. Porque teve ela sorte e os restantes passageiros estavam condenados é algo a que não podemos responder. Mas quantos daqueles passageiros se sentiram estranhamente inquietos, ou tiveram vagas premonições sobre as quais decidiram não agir?

Os atores são pessoas muito sensíveis porque têm de ser capazes de se moldar a diferentes papéis. Os astrólogos relacionam essa capacidade com Peixes e o planeta Neptuno, como já vimos (os atores seriam assim artistas da persona[7]). Como isto se sobrepõe à capacidade de mudar de modo de realidade, não é de todo surpreendente que existam tantas histórias de fenómenos estranhos vindas do mundo do entretenimento.

Lindsay Wagner é um exemplo notável, mas de forma alguma único. Contudo, mostra-nos como, quando uma pessoa entra em SRM, pode adotar uma variedade de formas. Já vimos como os sonhos proféticos e a deteção de ondulações emocionais são duas possibilidades. Noutra ocasião, passou por uma extraordinária experiência fora do corpo. Foi numa altura em que trabalhava na série *A Mulher Biónica* e se encontrava fisicamente esgotada. Enquanto descansava num sofá, flutuou acima do próprio corpo e, nas suas palavras, "sentiu uma estranha sensação de isolamento". Este é um dos sintomas do Factor Oz, um sinal claro de que atravessava uma experiência QC. Outro sintoma foi a peculiar distorção temporal. "Pensei que a experiência tivesse durado apenas alguns segundos", diz ela. Na

realidade foi “acordada” por um amigo preocupado que entrou em sua casa ao vê-la caída. Estivera ali imóvel durante DOIS DIAS!

Noutras circunstâncias, como já vimos, alguém poderia ter decidido que Lindsay Wagner fora abduzida por um OVNI. A hipnose regressiva teria então sido utilizada para descobrir o que “realmente” acontecera durante aquele tempo perdido. Mas, na Experiência QC, o tempo simplesmente não existe no sentido convencional da palavra. Sabemo-lo através dos sonhos. Quando parece realmente que estivemos afastados da consciência normal durante oito horas? Raramente, ou nunca. Numa noite pode parecer subjetivamente que passaram dias e noutra apenas um piscar de olhos.

A experiência de outra estrela televisiva, Erik Estrada, protagonista da série *CHiPs* no papel de polícia motociclista, constitui mais um exemplo. A mãe telefonou-lhe do outro lado da América para lhe pedir cuidado ao conduzir a mota sob o sol da Califórnia enquanto a série era filmada. Acabara de o ver aproximar-se dela num sonho e sentira grande perigo. Alguns dias depois, Estrada sofreu um acidente espetacular durante a rodagem de uma cena (tão espetacular que acabaram por utilizá-la na série!). Quase morreu.

É interessante notar que, enquanto estava hospitalizado e ainda em estado crítico, Estrada também entrou em SRM e experimentou estar fora do corpo. Conseguiu ver o próprio corpo na cama com todos os familiares à volta. Depois decidiu que era demasiado novo para morrer e voltou a entrar na sua “concha”; a partir desse momento, a recuperação total ficou assegurada.

Terá sido isto outra exteriorização dramatizada, como já vimos várias vezes antes (por exemplo com Edgar Wallace)? Ou serão algumas experiências fora do corpo reais, no sentido de existir uma forma de o campo de vida se separar dos átomos físicos do corpo?

Na sua autobiografia, a grande bailarina Dame Margot Fonteyn conta como viveu uma experiência de realidade sincrónica ao identificar-se com as emoções e pensamentos de outra pessoa. Quando o marido quase morreu após ser baleado, ela sentiu a vida dele escapar-se e depois ser puxada de volta do “céu”, apesar de não estar presente quando isso aconteceu.

Estas sensações de "crise" são muito comuns, especialmente quando duas pessoas são emocionalmente muito próximas. Em outras palavras, os seus campos de vida encontram-se intimamente entrelaçados e, no momento da morte ou de ferimentos graves de uma delas, por vezes torna-se possível transmitir essa informação de campo de vida para campo de vida. Nem sequer parece limitar-se ao campo da espécie humana, pois outros animais parecem ocasionalmente conscientes (por aquilo a que poderíamos chamar meios paranormais) da angústia sentida pelas crias ou pelos companheiros. E existem inúmeras histórias de cães ou gatos aparentemente conscientes do exato momento em que o dono humano morre.

A telepatia provavelmente não consiste na transferência de algo de um lugar para outro. É mais provável que seja a sincronização de um campo de vida com outro. Se colocarmos pêndulos oscilantes lado a lado, estes irão gradualmente partilhar o movimento até acabarem a oscilar em harmonia. É provavelmente assim que funciona com as mentes. A Mente A sincroniza-se com a Mente B, de modo que ambas pensam e sentem o mesmo. Isto parece transmissão de pensamento, mas na verdade é harmonização dos campos de vida.

Numa grande proporção destes casos de crise, o fenómeno é exteriorizado. Surge, por exemplo, uma aparição visual da pessoa que está a morrer. Num caso que investiguei, uma mulher recebeu uma mensagem auditiva (mas não visual) do marido moribundo, a quilómetros de distância. Para ela foi uma chamada telefónica. Só quando pousou o auscultador no fim da experiência percebeu que estava a segurar ar. A casa nem sequer tinha ligação telefónica!

Como vimos no capítulo anterior, existe uma tendência para atribuirmos a uma fonte exterior as mensagens recebidas internamente que nos parecem paranormais. Criamos supercomputadores ou seres alienígenas para assumir essa responsabilidade. Se isso é possível, dificilmente parece improvável que não consigamos "criar" imagens visuais extremamente convincentes de um marido ou esposa moribundos, a fim de dar mais impacto à mensagem recebida na mente. Afinal, a fonte é, de certo modo, externa. E a realidade sincrónica é o reino onde a imagética domina.

Referimo-nos à deteção por Susannah York de informação sobre o trágico incidente na velha casa. Ela limitou-se a "sentir" a emoção. Mas o que teria acontecido se a tivesse exteriorizado visualmente? A sua mente poderia perfeitamente ter pintado uma imagem bastante exata (embora talvez com elementos da imaginação da própria Susannah York) daquela jovem de outro século. Em suma, teria visto um fantasma.

A atriz Judy Carne estudou num internato teatral em Sussex. Certa noite, enquanto olhava pela janela antes de se deitar, viu uma jovem de longos cabelos loiros e vestido azul antiquado de pé sob um grande carvalho. Judy observou muitos detalhes: a rapariga olhava para o céu e depois afastou-se de vista contornando a árvore. No dia seguinte descreveu o que tinha visto à diretora da escola. A descrição correspondia à de uma jovem que muitos anos antes procurara abrigo sob aquela árvore durante uma tempestade elétrica. O carvalho fora atingido por um relâmpago e a rapariga morrera. Como lembrança do acontecimento, a árvore ainda conservava a cicatriz queimada pela energia vinda do céu.

Mas outro tipo de energia, de natureza psíquica ou emocional, parece ter-se gravado no campo da espécie de forma semelhante. Registou os últimos segundos da morte daquela jovem. Judy Carne deve ter entrado em SRM e detetado a informação sobre o acontecimento. Depois criou uma alucinação visual para representar a cena. Digo "alucinação", mas isso não deve ser entendido como pura imaginação. Parece realmente que algumas alucinações podem ser construídas a partir de elementos muito reais; por isso, seria mais exato chamá-las pelo seu verdadeiro nome: aparições.

Na infância, Judy Carne viu muitas aparições. Isto não é invulgar por duas razões distintas: as crianças parecem mais capazes de dramatizar visualmente a informação recebida durante a SRM e, num sentido, chamamos a isso imaginação; noutro, maior capacidade para ver aparições. Também é verdade que uma pessoa tende a não ter aparições nenhumas ou então bastantes. Isto implica que ter tais experiências é uma questão de capacidade, não de sorte ou acaso. Ou se consegue mudar de modo de realidade, ou não.

A atriz televisiva Pat Phoenix, outrora estrela de *Coronation Street*, certamente consegue mudar de modo. Dessa forma viveu muitas aparições, sobretudo fantasmas. Na sua casa em Sale, Cheshire, teve repetidas visões de uma idosa que acreditava ter sido uma atriz de tempos antigos. Esta

harmonia de campos de vida entre a mulher viva e a morta era provavelmente relevante. Contudo, muitos visitantes da casa alegadamente também viram a figura, pelo que não era apenas produto da sua imaginação criativa. A aparição era sempre vista vestida da mesma maneira e carregando aquilo que parecia ser uma tigela de sopa.

Ora, se um fantasma fosse o espírito dos mortos, parece muito estranho que se permitisse repetir a mesma ação vezes sem conta, como se estivesse preso no tempo. Supõe-se que mesmo após a morte o campo de vida continua a ser o campo de vida, e não o equivalente a um zombie ou robô. Caso contrário, o além seria um lugar terrível. Esta semelhança com um pedaço de filme repetindo continuamente no ecrã cinematográfico do local assombrado reforça bastante a ideia de uma dramatização visual de informação recebida através do canal da mente.

A realidade do fenómeno é muito bem explicada pela própria Pat Phoenix, que disse acerca do seu espectro residente: "Ela parecia absolutamente sólida. Eu não conseguia ver através dela, como dizem que se deve conseguir... não havia qualquer esbatimento... Num momento estava ali, no seguinte tinha desaparecido." O que é exatamente aquilo que se esperaria. A aparição deve representar a pessoa real. E pessoas reais não usam lençóis brancos sobre a cabeça, nem parecem chapas transparentes de vidro. Parecem pessoas reais — e, portanto, uma aparição fantasmagórica também deveria parecer.

Notas

[1] Poltergeist — Palavra alemã que significa literalmente "espírito barulhento", usada para designar fenómenos paranormais associados a ruídos, deslocação de objetos e perturbações físicas.

[2] Factor Oz — Expressão utilizada pelo investigador Jenny Randles para descrever o estado alterado de consciência frequentemente associado a experiências OVNI e paranormais.

[3] Experiência QC — Abreviatura usada pelo autor para Quasi-Conscious Experience ("Experiência Quase Consciente").

[4] Fénix — Ave mitológica associada à renovação e ao renascimento, frequentemente ligada simbolicamente à morte e regeneração.

[5] SRM — Synchronistic Reality Mode ("Modo de Realidade Sincrónica").

[6] Ondulação de proa — Metáfora utilizada pelo autor para descrever ecos antecipatórios de acontecimentos futuros.

[7] Persona — Conceito psicológico, especialmente associado a Carl Jung, relativo à "máscara" social ou papel assumido pelo indivíduo.

Edgar Mitchell é um astronauta norte-americano que, quando esteve na Lua, teve uma experiência profunda que mudou a sua vida. «Foi uma explosão de consciência», diz ele. Passou por aquilo a que chama «uma fusão da consciência… uma unidade com tudo o que existe». Por outras palavras, parece ter tido uma forte Experiência QC[1], na qual tocou a essência do campo da espécie[2], e talvez até algo para além disso. Se for verdade que existe uma hierarquia ascendente desde a consciência individual até à consciência da espécie, então provavelmente também existe uma consciência planetária e uma consciência universal para além dessa. Na verdade, a consciência universal poderá não ser muito diferente daquilo a que as várias religiões chamam Deus.

Mitchell estuda agora fenómenos psíquicos e de consciência em vez de pilotar foguetões. Acredita que as respostas serão encontradas muito mais depressa por esse caminho. Procura um novo modelo para o universo e defende a ideia de que mente e matéria estão intimamente entrelaçadas. Esta é uma visão com a qual muitos físicos modernos não discordariam muito. Para Mitchell, não existe tal coisa como mente sobre matéria. A consciência é uma parte integrante da forma como a realidade é criada. Aquilo em que acreditamos suficientemente é aquilo que percecionamos. Aquilo que percecionamos é aquilo que existe. Uma vez que a matéria faz parte daquilo que existe, podemos argumentar que a matéria existe por causa da mente e não, como a maior parte dos cientistas defenderia, o contrário.

Os nossos encontros com o mundo paranormal parecem estar a dizer-nos, alto e bom som, que a ciência está errada. A mente não é apenas um conceito biológico avançado inventado pela evolução como o mais recente subproduto da matéria. A mente é, muito provavelmente, a construtora do cosmos.

10.

As Vidas Psíquicas de Hollywood

«Existem outras realidades que são tão importantes como as realidades do intelecto.» — Shirley MacLaine[3] (estrela de cinema).

É algo reconfortante saber que, quando o Agente 007, o super-espião James Bond, enfrenta o paranormal, reage exatamente como você ou eu reagiríamos. Claro que me refiro ao ator Roger Moore[4], que interpreta o papel nos filmes. Quando acordou às duas da manhã e encontrou uma massa luminosa e sinistra aos pés da cama, não lhe aplicou um golpe de karaté nas suas regiões ectoplásmicas inferiores, nem a exorcizou com um isqueiro lança-chamas para cigarros: entrou em pânico, como qualquer pessoa entraria, e ficou agradecido quando ela desapareceu pouco antes de o alcançar.

Ah, mas o «Dr. Who»[5] — certamente ele não teria problemas em enfrentar algo vindo do desconhecido? Depois de todas aquelas batalhas com cybermen e daleks, o que poderia aterrorizá-lo? Bem, algo certamente aterrorizou o ator Jon Pertwee[6], que foi o Doutor durante vários anos. Quando era jovem, estava hospedado com um amigo numa antiga mansão em Sussex, onde ocorreu um acontecimento desagradável no seu quarto — um quarto pouco utilizado que ele teve de ocupar, para aparente preocupação dos proprietários da casa, uma vez que não havia espaço noutro local. A meio da noite, o jovem Jon acordou com uma horrível sensação de mal-estar e vomitou imediatamente sobre os lençóis. Envergonhado, lavou-os o melhor que pôde e nada disse na manhã seguinte. Mas, na noite seguinte, voltou a ser acordado e, desta vez, descobriu a razão da sua náusea. Um cheiro horrível a carne podre enchia o ar e, aos pés da cama, encontrava-se uma massa esverdeada e repugnante que parecia composta por bolhas. Desta vez o rapaz não vomitou. Em vez disso, urinou na cama. Depois fugiu do quarto em terror. Mais tarde disseram-lhe que as pessoas sentiam e cheiravam sempre coisas naquele quarto, razão pela qual era pouco utilizado. Mas tinham esperado que um rapaz jovem fosse capaz de dormir profundamente o suficiente para não ser perturbado.

A visualização foi provavelmente uma imagem de pesadelo infantil, retirada do subconsciente de Jon Pertwee. É improvável que uma coisa verde estivesse realmente presente no quarto, mas poderá ter sido a forma como a sua mente dramatizou no mundo exterior qualquer horror pútrido e

doentio que ele detetara enquanto estava em srm[6]. É interessante notar que a textura semelhante a bolhas ou corpuscular da coisa é uma descrição muito comum de entidades deste género. Não é claro o que isto significa, mas parece tratar-se de uma pista de algum tipo.

O polícia televisivo «Kojak»[7] — a estrela de cinema Telly Savalas[8] — ficou alegadamente muito perplexo com um incidente da vida real que ninguém ousaria inventar como caso para ele resolver. Ninguém acreditaria! Afirma que, quando o seu carro ficou sem gasolina e ele caminhava por uma estrada solitária através de uma floresta às três da manhã, à procura de uma garagem, surgiu de repente um carro e ofereceram-lhe boleia. O condutor emprestou dinheiro a Telly para comprar combustível, e o ator insistiu em reembolsá-lo. Para esse fim, o homem rabiscou o seu nome, morada e número de telefone. Mais tarde, quando telefonou para combinar o pagamento da dívida, a mulher que atendeu acusou-o de fazer uma brincadeira cruel. O homem em questão era o marido dela — e estava morto há três anos. Telly Savalas levou-lhe o bilhete, e ela concordou que a letra parecia ser a do marido. Disse também que as roupas do estranho homem lhe pareciam familiares. Mas como poderia o ator ter recebido dinheiro de um fantasma? Este caso é tão estranho e deslocado da realidade que fico tentado a argumentar que ou se trata de um conto de fadas (ou de uma boa história para depois do jantar), ou então o homem nunca morreu realmente e apenas fugiu da esposa.

Ainda assim, devo ter cuidado para não distorcer as provas se elas não parecerem fazer muito sentido, por isso deixarei este caso tal como está por agora, limitando-me a salientar que a intervenção de um fantasma no mundo real é muito, muito rara — o que é uma boa razão para eu me sentir autorizado a suspeitar.

Esta coleção de relatos não é apresentada apenas para titilar.

Serve para mostrar as condições habituais sob as quais ocorre uma Experiência QC. Os três casos aconteceram a meio da noite, dois no quarto e um numa estrada solitária e deserta no meio do nada. A única coisa que têm em comum é a falta de estimulação sensorial.

A partir de experiências realizadas, sabemos que, se o cérebro deixar de receber informação através dos seus canais sensoriais normais, começa a ficar inquieto. Está habituado a filtrar um excesso de dados e abomina esta

diminuição dramática. Assim, o cérebro tende rapidamente a procurar novas fontes, e material proveniente do subconsciente e do inconsciente começa a emergir. É possível que se atinja um estado como o srm, e que a informação do campo da espécie seja transmitida. Estas coisas tendem a manifestar-se como sensações auditivas ou visuais — por outras palavras, alucinações.

De um modo geral, são desorganizadas e constituem uma mistura aleatória. Mas as pessoas propensas a mudar de modos de realidade podem descobrir que a privação sensorial é uma boa forma de precipitar uma mudança para srm. Aqui podem ocorrer experiências mais significativas. A informação obtida paranormalmente poderá ser exteriorizada como um fenómeno visionário muito mais coerente.

Os sintomas do Fator Oz[9], que antecedem o aparecimento da Experiência QC, são pistas interessantes a este respeito. O desaparecimento súbito de todos os sons ambientes e o estranho isolamento que a testemunha afirma sentir (por exemplo, dizendo que uma estrada normalmente movimentada ficou subitamente sem trânsito) apontam para uma ligação à privação sensorial. É como se o cérebro tivesse de fechar a torneira que permite a entrada do fluxo regular de informação sensorial, para poder abrir a torneira que traz dados dos níveis mais profundos da consciência.

O Fator Oz é uma espécie de privação sensorial induzida pelo cérebro para permitir a entrada no modo de realidade sincronística[10]. Se pensar nisso, o ato da meditação funciona da mesma forma. A pessoa acalma-se, chega mesmo a minimizar a respiração em certos exercícios de ioga, e tenta assim induzir o cérebro a produzir o Fator Oz como prenúncio de uma Experiência QC.

Existe também uma experiência científica bem-sucedida, conhecida como «Ganzfeld»[11], que está a ser utilizada por laboratórios de investigação em todo o mundo, incluindo o do parapsicólogo Dr. Carl Sargeant[12], da Universidade de Cambridge. Esta envolve técnicas como coberturas para os olhos e ouvidos e a reprodução de ruído branco enquanto o sujeito relaxa numa sala escurecida. Entretanto, outra pessoa, noutro local, tenta aproveitar a mudança de modo de realidade que isto induz transmitindo informação através da mente. Mais uma vez, o núcleo da experiência parece ser a privação sensorial, tentando persuadir o cérebro

a produzir o Fator Oz e conduzir a testemunha ao modo de realidade sincronística.

Que o quarto seja o local onde muitos destes fenómenos ocorrem já é evidente pelas histórias deste livro. Combina as vantagens da privação sensorial (sem luz ou som e com um fundo constante e imutável) com o facto de a mente consciente estar enfraquecida e ter deslizado para mais perto do modo de realidade sincronística, onde dados de níveis mais profundos podem infiltrar-se. Toda uma gama de fenómenos conhecidos como «visitantes do quarto» resulta precisamente desta situação. Eis um bom exemplo.

Eram 2h20 da manhã num quarto vulgar de uma casa vulgar em Manchester. Um homem e uma mulher estavam deitados lado a lado; a mulher dormia e o homem, depois de ter lido um livro durante várias horas, encontrava-se agora exausto e pronto para dormir também. O quarto está escuro e silencioso enquanto ele se recosta, já embalado pelo tipo de estado com o qual muitos de nós estamos familiarizados quando lemos intensamente. Podemos dar por nós a ler a mesma linha repetidamente ou então a percorrer uma página inteira sem realmente compreender uma única palavra. É quase o mesmo que um transe hipnótico ligeiro.

O homem em Manchester (a quem chamaremos apenas Len) sente subitamente um arrepio a percorrer-lhe a espinha. Há silêncio no quarto. Mas há claridade. Uma luz semelhante ao luar filtra-se pelas cortinas abertas. Talvez seja exatamente isso. Convencido de que está a ser tolo, volta a deitar-se para tentar acalmar-se novamente. Mas agora espera que algo aconteça. Quando a sensação de frio regressa, desta vez o Fator Oz assume o controlo. Naturalmente, Len não conhece o Fator Oz. Tudo o que sabe é que algo muito estranho está a acontecer. Como diria mais tarde: «Não conseguia ouvir o relógio a fazer tic-tac, e estava apenas a cerca de trinta centímetros de mim. Tudo estava — como hei de explicar? — era como se tudo tivesse parado.» O seu cérebro fechou a torneira que alimenta a perceção sensorial normal. E abriu a que dá acesso aos níveis mais profundos da mente. Desesperado por uma razão que explique o que está a acontecer, exterioriza o fluxo de informação. Vê um fantasma.

No início, Len imagina que a figura branca que se aproxima dele deve ser o seu filho pequeno. Mas a criança dorme profundamente noutra parte da casa. Depois, quando a figura chega aos pés da cama, olha para a sua

esposa. Ela também continua a dormir ao seu lado. Só então Len reconhece o rosto do fantasma. É, sem qualquer dúvida, a famosa (mas há muito morta) estrela de cinema Tyrone Power[13]! «Posso jurar quem era», admitiria Len mais tarde. Mas, naquele momento, limitou-se a ficar ali deitado, admirando o rosto bronzeado e as estranhas roupas brancas semelhantes ao hábito de um monge que o «fantasma» usava. «O que se passa?», grita Len, e nesse instante a figura vira-se para o encarar, com os olhos a brilharem de laranja como faróis de automóvel. Depois começa a mover-se na sua direção! Desesperadamente, abana a esposa, mas ela não acorda. A imagem de Tyrone Power volta então a virar-se e dirige-se para a porta. Parece perfeitamente sólida e não atravessa a porta nem a parede. Há pouco que a distinga do corpo vivo do famoso ator.

Eventualmente, quando a esposa desperta, não experienciou nada. Nem consegue aceitar aquilo que Len lhe continua a dizer. Mas ele afirma-lhe calmamente: «Foi Tyrone Power que vi. Posso jurá-lo, mesmo que morra esta noite.» Durante o mês seguinte, a luz permanecerá acesa no quarto.

Isto é típico da forma como uma testemunha atravessa uma experiência de visitante do quarto. A maior parte das características que vemos Len descrever repetem-se caso após caso. E novamente, como tantas vezes acontece, este não é um incidente isolado. Algumas semanas depois de Len decidir voltar a dormir no escuro, um estranho «homem de negro» apareceu aos pés da cama. «Outra vez não!», murmurou ele. E nesse instante a aparição desapareceu. Na manhã seguinte recebeu notícias trágicas. O seu irmão tinha morrido, e a notícia foi comunicada num cartão com margem preta.

O «homem de negro» de Len é fácil de compreender. Enquanto estava em srm, a sua mente ou detetou ondulações antecipatórias provenientes da leitura do postal ou harmonizou-se com a mente de outro familiar que já sabia que o irmão tinha morrido. Em qualquer dos casos, a figura negra foi uma expressão pictórica desta informação fracamente detetada. O homem representava o irmão; o negro, um símbolo da morte.

Mas e Tyrone Power? De onde poderia surgir uma aparição tão estranha? Não sabemos, mas é possível que a esposa estivesse a sonhar com a estrela de cinema nessa noite, talvez até numa fantasia sexual. É certamente interessante que o «fantasma» estivesse primeiro a olhar para a

mulher adormecida. Aqui poderemos ver um exemplo de ressonância harmónica entre as mentes de duas pessoas muito próximas, uma adormecida e em srm, e a outra desperta nesse modo de realidade. Num certo sentido, Len passou a partilhar a fantasia da esposa e depois projetou-a na sua própria esfera de realidade.

Para a atriz Debbie Watling[14], o seu visitante recorrente do quarto é muito mais sinistro. Na verdade, passou repetidamente por encontros com aquilo a que frequentemente se chama «terror noturno». Nestes casos, a pessoa sente uma forte pressão e pode até encontrar-se paralisada. Em casos extremos, afirma-se existir uma relação sexual com um agressor invisível. Contudo, isso é relativamente raro. A maior parte dos relatos de terror noturno é mais banal.

Certamente esta experiência é mais comum do que as pessoas imaginam. Recebo frequentemente cartas de pessoas assustadas que passaram por estranhos zumbidos ou vibrações enquanto estavam sozinhas na cama, ou sentiram uma espécie de formigueiro elétrico, ou chegaram à fase seguinte do fenómeno: a paralisia muscular. Tudo isto pode ocorrer sem que mais nada aconteça. Sei que, quando era jovem, era frequente acordar durante a noite com um ou outro destes sintomas. Também tive uma estranha experiência ao despertar, especialmente quando estava sob stress. A única forma que tenho de a descrever é como se a atmosfera se tivesse transformado subitamente numa sopa transparente de melaço! Tudo parece desacelerar e o mundo ecoa dentro da cabeça. É uma sensação muito desagradável. Suspeito que isto funcione como exercícios de treino para mudar de modos de realidade. Se a pessoa ultrapassar isto sem demasiado medo, aprende gradualmente a saltar estas fases fisiológicas e a passar de um modo para outro. Se o medo for excessivo, estas tendem a ser as únicas experiências paranormais que alguma vez terá.

Um subproduto comum deste tipo de fenómeno é a visão de luzes estranhas no quarto. Isto é mais frequente quando o terror noturno acontece durante a infância. Hoje em dia provavelmente chamaríamos a estas coisas OVNI[15], como fez a jovem Gaynor Sunderland, do Norte do País de Gales. Mas é mais provável que sejam «brinquedos psíquicos». Por outras palavras, fenómenos exteriores visualizados do tipo mais básico, capazes de fornecer treino útil sobre como controlar a Experiência QC. Não deixa de ser significativo que Gaynor dissesse que estas luzes muitas vezes

«vinham brincar». Eventualmente passou a brincar com visualizações mais elaboradas, incluindo os extraterrestres Arna e Parz (ver o meu livro *Alien Contact*[16]). Mas acabou por ultrapassar essas experiências («Já não preciso delas», disse-me um dia). Quando chegou à adolescência (e ainda é apenas isso enquanto escrevo), as suas capacidades psíquicas estavam a ser canalizadas noutras direções mais convencionais. (Ver, por exemplo, *The Green Stone*[17].) Duvido que tenhamos ouvido o último capítulo desta jovem senhora.

Debbie Watling também tinha luzes que vinham brincar no quarto da sua infância. Estas anunciavam frequentemente um ataque de terror noturno. A etapa seguinte era, como ela descrevia, «tudo fica terrivelmente silencioso». Era o Fator Oz a assumir o controlo. Eventualmente chegou à fase da pressão vinda de cima e da paralisia total. Isto poderá simplesmente corresponder ao cérebro a interpretar demasiado literalmente a sua ordem para interromper o fluxo normal de informação sensorial. É o derradeiro truque de privação sensorial! Debbie ficou assustada e descobriu que conseguia parar o fenómeno nesse ponto recitando o Pai-Nosso. Sem dúvida que isso funciona ao focar e concentrar a mente, trazendo-a de volta ao modo de realidade normal.

Poder-se-á considerar estes fenómenos interrompidos como uma Experiência Quase-Consciente abortada. O medo impede que ocorram acontecimentos paranormais. Mas, por vezes, Debbie ultrapassou essa fase e teve visualizações, e são estas que alimentam a sua crença na origem demoníaca do terror noturno, explicando porque recita uma oração para o afastar. «Viu» uma criatura meio bode, meio homem, inclinada sobre a sua cama. Chegou mesmo a dizer que lhe tocou. Parece que a sua interpretação demoníaca da Experiência QC se transmitiu à sua capacidade de exteriorizar visualmente aquilo que sente acerca dela. É pena que não tivesse tido sonhos mais agradáveis em criança, na altura em que provavelmente criou este monstro grotesco para assumir a culpa do que estava a acontecer. Se tivesse usado imagética extraterrestre, como Gaynor Sunderland, talvez fosse psicologicamente menos penoso.

Hollywood adora este tipo de ficção de terror. E as alegações de violação por extraterrestres, demónios ou fantasmas são material ideal para um ou dois filmes. Já vimos *O Exorcista*[18], *A Profecia*[19] e as suas intermináveis sequelas. E o filme *The Entity*[20] aborda um terror noturno

sexualmente agressivo que atacava uma jovem americana. Baseia-se no livro com o mesmo nome, alegadamente proveniente dos ficheiros reais de um psiquiatra sobre um dos seus casos mais estranhos. Mas não é assim tão estranho. Investigadores de anomalias poderiam enumerar dezenas de exemplos.

Esta moda de Hollywood de exagerar os factos com efeitos especiais dramáticos e doses generosas de «ficcionalização» atingiu o auge (ou o abismo) do absurdo na saga de *The Amityville Horror*[21], contada no filme com esse nome e nas suas imitações (a terceira história de Amityville chegou mesmo a ser apresentada em 3D chocante!). Nestes filmes, o pobre espectador, investigador paranormal ou simples membro do público enfrentava probabilidades impossíveis ao tentar decidir se algo era facto, ficção ou essa nova invenção chamada «faction» (uma mistura das duas coisas). É duvidoso que os próprios produtores tivessem a certeza metade do tempo. Poderão até ter sido responsáveis por fixar uma norma dentro do campo da espécie. Se assim foi, considerando algumas das cenas horríveis que apresentavam (lodo viscoso, pegadas do diabo e banhos de sangue), poderão ter muito por que responder. Ao não declararem desde o início que tudo era ficção, aumentaram o impacto da obra, o que era naturalmente o objetivo principal. Mas isso também terá intensificado o efeito sobre o campo da espécie.

Existem alguns factos verdadeiros acerca da história de Amityville, talvez para sua surpresa. Estes foram contados pela primeira vez num livro de Jay Anson[22] (conhecido pelo seu trabalho em ficção de terror). A grande casa em Ocean Avenue, Long Island, Nova Iorque, era a residência do assassino condenado Ronald DeFeo[23], que, em 13 de novembro de 1974, enlouqueceu e matou a tiro a mãe, o pai, os irmãos e as irmãs enquanto os seis dormiam nas respetivas camas. DeFeo alegou insanidade e audição de vozes (uma defesa não incomum nestes casos), mas tudo isso foi rejeitado pelos tribunais e foi condenado a seis penas consecutivas de prisão perpétua.

Notas

1. *QC Experience — abreviação de Quasi-Conscious Experience («Experiência Quase-Consciente»), conceito utilizado pelo autor.*
2. *Species field — literalmente «campo da espécie», conceito pseudocientífico/parapsicológico recorrente na obra.*
3. *Shirley MacLaine*
4. *Roger Moore*
5. *Doctor Who*
6. *Jon Pertwee*
7. *Kojak*
8. *Telly Savalas*
9. *«Oz Factor» — expressão criada pelo investigador Jenny Randles para descrever um estado alterado de perceção associado a experiências paranormais e OVNI.*
10. *Synchronistic reality mode — «modo de realidade sincronística», conceito especulativo utilizado pelo autor.*
11. *Ganzfeld Experiment*
12. *Carl Sargeant*
13. *Tyrone Power*
14. *Debbie Watling*
15. *Unidentified Flying Object*
16. *Alien Contact*
17. *The Green Stone*
18. *The Exorcist*
19. *The Omen*
20. *The Entity*
21. *The Amityville Horror*
22. *Jay Anson*
23. *Ronald DeFeo Jr.*

Em 18 de dezembro de 1975, um jovem casal com três filhos e alguns problemas financeiros (que podem, ou não, ter sido relevantes) mudou-se para a casa, tendo-a comprado por um preço de saldo devido ao facto de estar desocupada há um ano e ao seu terrível historial. Ficaram apenas quatro semanas, e é durante este período crucial que se diz terem ocorrido todos os acontecimentos — ou não acontecimentos.

Nas entrevistas originais dadas à imprensa local pouco depois dos eventos, a família afirmou ter vivido apenas experiências relativamente moderadas — a sensação de uma presença, portas e janelas a abrirem-se sozinhas, e assim por diante. Coisas interessantes, mas nada que a distinguisse de milhares de assombrações ou pequenos casos de poltergeist.

A saída da família da casa parece ter tido tanto a ver com a incapacidade de suportar os custos da propriedade como com qualquer outra coisa.

Mas então William Weber, o advogado de defesa de Ronald DeFeo, parece ter tido uma ideia bastante engenhosa. Se conseguisse promover a história de que a casa era assombrada, talvez pudesse ilibar o seu cliente com base em fundamentos extraordinários. Assim, organizou aparições em horário nobre na televisão e na rádio para que os últimos ocupantes da casa descrevessem o seu mês de terror. E foram sendo empurrados para o inevitável livro (com o subtítulo *«Uma História Verdadeira»*, de Jay Anson) e depois para o filme, protagonizado por James Brolin, Margot Kidder e Rod Steiger.

Ao longo deste extenso processo, a verdade, digamos assim, tornou-se um pouco difusa. Existe um enorme abismo entre as alegações iniciais feitas à imprensa e aquelas relatadas no livro e no filme. Aqui encontramos agora levitações, exorcismos, vozes fantasmagóricas e lodos verdes.

Contudo, numa declaração à imprensa em 1979, Weber admitiu:

«Criámos esta história de horror ao longo de muitas garrafas de vinho.»

Isto tende a indicar o verdadeiro estatuto da realidade do horror de Amityville.

Parece que pouca atenção foi prestada aos factos reais por aqueles envolvidos nos posteriores embelezamentos da história. Pelo menos, se analisarmos os relatórios elaborados por vários grupos de investigação paranormal depois de a família ter abandonado a casa, começam a surgir suspeitas.

Por exemplo, o Dr. Stephen Kaplan, um parapsicólogo, afirmou:

«É nossa opinião profissional que esta história de assombração é maioritariamente ficção.»

A *Psychical Research Foundation*, que rapidamente investigou o caso, declarou ter abandonado o estudo após uma análise preliminar, porque as alegações da família eram atípicas daquele género de experiências e praticamente não eram sustentadas por provas.

Uma das melhores investigações, publicada após o livro mas antes do filme, foi realizada por Peter Jordan e Rick Moran. Eles investigaram tudo e todos.

Os técnicos locais disseram que não tinham reparado os danos graves na casa, como alegado. A polícia local insistiu que nunca tinha inspecionado a casa, ao contrário do que se afirmava.

O padre mostrado no filme a realizar um exorcismo no quarto garantiu categoricamente que nunca tinha estado dentro da casa, muito menos sido expulso por uma voz espectral ou contraído uma misteriosa doença de pele causada pelos demónios que possuíam o edifício.

O seu colega, que estava com ele no carro quando, segundo o livro, uma força maligna tomou controlo do veículo e provocou um terrível acidente, disse que apenas tiveram um pneu furado!

E assim sucessivamente.

Parece que, fosse quem fosse o responsável, e quaisquer que fossem os motivos, houve um esforço concertado para transformar uma história bastante banal em algo muito mais excitante. Ao chamá-la «um dos casos reais mais aterradores de sempre», o sucesso estava garantido.

Poder-se-ia perguntar: e então? Se ganharam dinheiro com uma fraude, que importa isso, se as pessoas gostaram?

Mas, no mundo dos fenómenos estranhos, a fronteira entre fraude e verdade, facto e ficção, já é difusa à partida. É potencialmente perigoso afetar o campo da espécie[1] de forma tão significativa através da criação de

falsidades tão perturbadoras, para além das dificuldades que isso traz a quem procura tornar estes fenómenos respeitáveis aos olhos da ciência.

Mais triste ainda é o facto de a casa de Amityville poder realmente ter possuído algum tipo de aura associada a ela. Seria de esperar que o massacre emocional e físico ocorrido ali deixasse certas repercussões. O edifício poderia funcionar como um objeto no centro de uma experiência de psicometria[2].

Na Grã-Bretanha, a casa de Hattersley, nos limites dos Peninos, outrora ocupada pelos assassinos de crianças Myra Hindley e Ian Brady, também parece possuir algum tipo de energia residual. Desde os horríveis crimes de 1966, repetem-se histórias de que ninguém consegue permanecer ali durante muito tempo devido às suas «más vibrações».

Talvez «más vibrações» não esteja assim tão longe da verdade. Afinal, foi precisamente isso que Susannah York afirmou ter experienciado.

Os filmes sobre o paranormal são certamente um grande negócio, e provavelmente continuarão a sê-lo enquanto o ser humano continuar fascinado por aquilo que não compreende.

Por vezes, são criados a partir dos sonhos ou das aventuras reais dos seus autores. *Poltergeist*, de Steven Spielberg, teve origem num fenómeno de visitante de quarto que ele viveu durante a infância.

Noutras ocasiões, os próprios filmes parecem precipitar acontecimentos. *Encontros Imediatos do Terceiro Grau* esteve associado a avistamentos de OVNI por parte de muitas pessoas envolvidas na sua produção.

Na verdade, 1977, o ano em que *Encontros Imediatos* chegou ao grande público, poderá bem ser considerado o auge da relação amorosa da nossa sociedade com o paranormal. Não só ocorreu então a maior vaga de avistamentos de OVNI de sempre — certamente na Grã-Bretanha — como também foi lançado o maior sucesso internacional de todos os tempos: *Star Wars*, de George Lucas.

Nesta fábula espacial, Lucas comercializa pela primeira vez o seu maravilhoso conceito do princípio básico do universo. Ele entrou no nosso vocabulário através da frase:

«Que a Força esteja contigo.»

O próprio Lucas diz acerca da sua criação, «a Força», que ela é:

«o campo de energia gerado por todos os seres vivos»,

o que nos soa bastante familiar.

O ator Alec Guinness, que interpretou o Cavaleiro Jedi que utiliza «a Força» para o bem nas suas batalhas contra o cavaleiro renegado Darth Vader, afirmou ter sido inundado de cartas de pessoas que pareciam acreditar na realidade do fenómeno.

«Eu pensava que era suposto ser ficção», afirmou.

Mal sabia ele!

Com esta ideia, Lucas aproximou-se mais do que qualquer outro cineasta daquilo que provavelmente é a verdadeira essência do cosmos. «A Força» é, de facto, um excelente nome para o campo vital, não apenas da espécie, mas provavelmente de todo o universo senciente. É a consciência universal da qual todos fazemos parte.

Através da imagem de um cavaleiro devidamente treinado a sintonizar-se com ela e depois utilizá-la para moldar a realidade (criando, por exemplo, efeitos psicocinéticos), ele dramatiza graficamente aquilo que discutimos neste livro. E descobrimos isso não através das fantasias do espaço exterior, mas das realidades da vida na Terra.

«A Força» pode ser usada para o bem ou para o mal. Pode alterar a realidade para melhor ou para pior. Pode conduzir à prescrição de comportamentos que criem uma situação feliz ou a fenómenos destrutivos de poltergeist. Tudo depende de nós.

Tive um sonho fascinante na noite seguinte à escrita do texto anterior, o que me levou a alterar o final deste capítulo. Nesse sonho eu conseguia

sentir «a Força». Era capaz de mover objetos apenas pensando nisso. Muitas vezes tive sonhos semelhantes durante a infância e recordo o prazer que isso então me proporcionava. Este novo sonho recuperou um pouco dessa felicidade de conseguir fazer coisas aparentemente impossíveis.

Encontrava-me numa extremidade de uma sala (uma em que vivi quando era criança — o que sublinha que esta é uma faculdade que os adultos perdem). A minha mãe estava sentada numa cadeira na outra extremidade, e eu levantava mentalmente objetos e fazia-os flutuar pela sala diante dela.

«Ela sabe que não posso ser eu», pensava continuamente, enquanto observava divertidamente a sua expressão perplexa.

Depois peguei numa taça de açúcar com a mente e despejei-lhe o conteúdo sobre a cabeça!

O meu riso durou pouco. Comecei a sentir um grande embaraço e vergonha. Tudo o que conseguia pensar era:

«Porque estou eu a usar este poder para fins tão estúpidos? Porque não faço algo útil?»

Então, em vez da taça do açúcar, fiz levitar o meu próprio corpo e atravessei o teto como se ele não existisse. A última coisa de que me recordo é de seguir na direção das estrelas.

Foi um sonho belíssimo, cheio de emoção, e ilustra de forma excelente como a consciência pode debater-se com um problema e depois expressá-lo muito melhor através dos seus símbolos e imagens enquanto se encontra no modo de realidade sincronística.

Os muitos fenómenos que experienciamos neste estranho mundo não são, em si mesmos, nem bons nem maus: tornam-se aquilo que escolhemos fazer deles.

Temos a capacidade de prescrever o futuro e tornar o mundo um lugar melhor. Poderíamos deixar de gastar tanto dinheiro em tecnologia que se dirige cada vez mais para o céu (com fins exploratórios e destrutivos) e usar esses recursos para combater a pobreza.

Porque nunca alcançaremos as estrelas numa nave espacial — mas talvez lá cheguemos com a mente.

Existe apenas uma coisa que impede tais milagres de acontecer.

E essa coisa somos nós.

Em *Star Wars*, Luke Skywalker tem de realizar um ataque com a sua nave enquanto o computador está avariado. O alvo é tão difícil que acertar parece impossível. Mas, subitamente, ele sente uma voz na mente. É a do Cavaleiro Jedi que lhe ensinou a usar «a Força», Obi-Wan Ben Kenobi.

Kenobi tinha sido morto por Darth Vader, mas, ao morrer, o seu corpo desapareceu.

Luke não sabe se a voz que ouve é o seu próprio eu interior a utilizar a imagem do mestre para o orientar na direção certa, ou se algum aspeto do espírito de Kenobi sobreviveu de alguma forma.

Este é precisamente o dilema que também enfrentamos.

«Usa a Força, Luke», diz-lhe a voz.

Ele fá-lo — e a batalha é vencida.

A tecnologia não consegue rivalizar com a correta aplicação da mente.

Os nossos desafios e escolhas são muito semelhantes aos enfrentados por Luke Skywalker. Mas, venha a voz de onde vier, e seja qual for a verdade acerca das visões que vemos, a solução para muitas das graves crises da Terra reside provavelmente em palavras muito simples.

Quando Obi-Wan Ben Kenobi ensinava Luke a controlar a realidade e a vencer o acaso, aconselhou-o calmamente:

«Sente a Força — e deixa que ela te guie.»

Eu não discutiria essa filosofia de vida.

11.

As Estrelas e a Vida Depois da Morte

«Muitíssimas pessoas têm medo de acreditar que a morte não é o fim.»
— Lee Everett (médium)

Só estive presente numa sessão espírita uma vez, e não foi aquilo que esperava. Não havia salas escuras nem adereços de ectoplasma, nem visitas de guias indianos ou grandes profetas chineses.

Foi numa vulgar sala de aldeia, na bela paisagem rural de Staffordshire, com todas as luzes acesas, e a médium era uma senhora de meia-idade bastante simpática.

Ela estava ali sentada a conversar connosco como se tivéssemos ido tomar chá. Ocasionalmente transmitia informações que dizia terem sido obtidas «do outro lado». As referências a tias, tios e outras pessoas já falecidas eram bastante naturais e despretensiosas.

No entanto, a origem dessas mensagens deveria ser uma terra para além da morte — um lugar para onde todos caminhamos.

Depois anunciou que um cavalo acabara de entrar na sala.

Disse-o de forma tão natural que olhei instintivamente em redor para ver aquele curioso espetáculo. Evidentemente, não havia animal algum. Pelo menos não na realidade normal do quotidiano.

Mas, à medida que ela prosseguia descrevendo em grande detalhe aquilo que lhe era claramente visível, tornou-se óbvio que o cavalo existia de algum modo, em alguma espécie de realidade, algures.

Nunca chegámos a descobrir o que aquele cavalo supostamente representava, embora aparentemente tivesse sido um antigo animal de estimação de alguém presente na sala.

No entanto, este pequeno episódio abriu-me a mente para a questão da sobrevivência após a morte. Eu estava — e continuo a estar — indeciso quanto a saber se isto é facto ou fantasia autoinduzida.

Mas tenho de admitir que, para esta médium, e para todos os outros como ela, a morte é apenas vida noutra dimensão. É uma das coisas mais naturais do mundo.

A questão de saber se alguma parte de nós sobrevive à dissolução do corpo é talvez o maior enigma individual que a humanidade enfrenta.

Podemos evitar pensar nisso. Podemos tentar fugir através dos caminhos aparentemente diferentes (mas bastante semelhantes) do ateísmo cego e da religião.

Mas uma coisa é certa: a morte acaba sempre por nos alcançar.

Um dia, nesse grande vazio misterioso a que chamamos futuro, chegará o momento em que os nossos corpos físicos deixarão de funcionar — seja por desgaste, doença ou destruição num acidente.

Não importa se somos desconhecidos ou celebridades: a morte reclama-nos a todos.

Já encontrámos algumas histórias de fantasmas famosos. Eis mais uma.

Rudolph Messner é considerado, por muitos conhecedores do tema, o maior alpinista de todos os tempos. Gosta de escalar sozinho e enfrentou mais montanhas gigantescas do que qualquer outra pessoa.

Frequentemente passou por experiências estranhas. Flutuou para fora do corpo, encontrou-se em comunicação telepática com outras pessoas enquanto escalava acompanhado e, em várias ocasiões, foi acompanhado por um fantasma!

Talvez a ocasião mais interessante tenha ocorrido quando Messner decidiu realizar uma ousada ascensão solitária ao Monte Evereste sem equipamento de oxigénio.

Durante a escalada, foi seguido pelo fantasma do explorador britânico George Leigh Mallory, que nunca regressou da tentativa de conquistar o pico em 1924.

Messner teve algumas aparições visuais do homem morto, que alegadamente lhe indicou o local (oficialmente desconhecido) onde encontrou a morte.

Terá sido uma alucinação provocada pela solidão e pela atmosfera rarefeita? Ele próprio duvida disso.

Messner parece acreditar que encontrou o espírito — ou o campo vital — do grande alpinista que «ainda está lá [na encosta do Evereste]… noutra espécie de vida».

Naturalmente, é verdade que a falta de oxigénio em grandes altitudes pode provocar alterações na química do sangue e produzir alucinações. O mesmo acontece com certas drogas.

E o processo de privação sensorial (como pode ocorrer em situações de grande resistência física prolongada em ambientes desolados) demonstrou produzir o mesmo efeito.

Mas, por outro lado, eu não nego que os fantasmas sejam uma espécie de alucinação. São o resultado de informação subjetiva obtida em modo de realidade sincronística, sobreposta ao mundo «real» do modo de realidade normal.

Messner provavelmente sintonizou-se com informação proveniente do campo da espécie e utilizou-a como fonte de um drama visual representando Mallory.

Coisas semelhantes foram relatadas por navegadores solitários de longa distância e remadores como Sir Francis Chichester, Thor Heyerdahl e John Ridgeway.

As suas alucinações visuais, provavelmente produzidas desta forma, incluíam OVNIs emergindo do oceano, serpentes marinhas e o fantasma de um tripulante de uma viagem de Cristóvão Colombo, que guiou o marinheiro moderno através de uma tempestade!

Não eram alucinações no sentido de serem distorcidas ou vagas. Pareciam totalmente reais e eram, sem dúvida, experiências QC[3].

O que é um médium?

É a palavra que usamos para descrever uma pessoa que afirma estar regularmente em contacto com os mortos. Veem e ouvem «espíritos» com frequência.

Mas como sabemos que não estão apenas a sofrer fortes e persistentes alucinações visuais e auditivas?

A verdade é que não sabemos.

De facto, existem provas de que, psicologicamente, estas pessoas tendem a possuir excelentes capacidades de imaginação visual. O caso de «Ruth», relatado pelo psiquiatra Dr. Morton Schatzman, talvez seja o melhor exemplo.

Ela acabou por conseguir controlar os vários espectros falantes que observava, e muitas vezes estes eram de pessoas vivas que provavelmente estavam noutro lugar naquele momento!

Experiências científicas demonstraram que todo o ambiente (cenário e aparição) era alucinado e sobreposto à realidade.

Assim, o mesmo pode facilmente acontecer com um médium.

Os médiuns podem simplesmente possuir uma grande aptidão para alternar entre modos de realidade.

A diferença entre eles e uma pessoa que tem experiências «psíquicas» regulares, ou apenas uma rara ocorrência isolada, poderá ser apenas uma questão de grau.

Mas também existiram falsos médiuns.

Esse facto, não negado pelos investigadores do paranormal, provavelmente explica a falta de credibilidade atribuída a esta questão, porque, se um médium pode explorar o desejo dos enlutados de contactar os mortos, então talvez todos possam fazê-lo.

Esta era a filosofia fundamental de Harry Houdini, o grande mágico e escapologista, que iniciou uma cruzada contra os impostores do Espiritismo.

Há investigadores do paranormal dispostos a acreditar que o próprio Houdini possuía capacidades psíquicas. Não encontravam explicação para alguns dos seus feitos, como fazer explodir armários, permanecer submerso sem respirar durante uma hora ou mais e aparentemente obter informações por telepatia ou precognição.

Até colegas artistas diziam que as suas explicações simplistas para essas proezas eram impossíveis.

E houve ocasiões em que o próprio grande ilusionista admitiu não ter qualquer explicação real para aquilo que fazia.

Ele simplesmente fazia-o.

Houdini tinha absoluta certeza de que nenhum médium podia ser genuíno, e frequentemente recorria a métodos extremamente elaborados para provar a sua posição.

Existem indícios suficientes para sugerir que, quando encontrava um médium que alegadamente obtinha informações de um «espírito» e que ele não conseguia desmascarar por meios normais, plantava ou fabricava falsas provas para tentar triunfar onde a ciência tinha falhado.

A guerra de Houdini contra os psíquicos foi, sem dúvida, intensa, e ele garantiu que a controvérsia o acompanhasse constantemente.

O que o motivava a lutar com tamanha tenacidade permanece obscuro, mas parece tratar-se de um legado transmitido a outros mágicos.

Existe praticamente uma guerra entre os membros do *Magic Circle* e aqueles que se afirmam médiuns ou psíquicos. Ainda hoje continuam as desmistificações públicas.

Uri Geller, que começou como mágico de discoteca mas se tornou uma superestrela internacional alegando possuir poderes paranormais, foi alvo de ataques violentos.

As provas parecem sugerir que possuía algumas capacidades, mas nunca se opôs a reforçá-las com truques e bravatas sempre que considerava isso necessário ou apropriado.

Os cientistas, em geral, tenderam a apoiá-lo. Os mágicos, assumindo o legado de Houdini, foram impiedosos.

Notas

*1. Campo da espécie (*species field*) — conceito recorrente no livro, usado pelo autor para designar uma espécie de campo coletivo de consciência ou memória partilhada pela humanidade.*

2. Psicometria — alegada capacidade paranormal de obter informações sobre pessoas ou acontecimentos através do contacto com objetos.

3. Experiências QC — referência do autor a estados alterados de consciência associados ao conceito de Quantum Consciousness *(«Consciência Quântica»), utilizado especulativamente ao longo da obra.*

Nos EUA, um mágico chamado James 'The Amazing' Randi tem feito tudo o que pode para expor todo e qualquer médium que consegue encontrar. Ele infiltrou falsos clientes no meio deles, conduziu-os a armadilhas e duplicou os «truques» que eles afirmam realizar através de poderes da mente. Ele e um esquadrão de vigilantes conhecido como CSICOP (*Committee for the Scientific Investigation of Claims of the Paranormal*[1]) foram formados para combater a «pseudociência», que é a palavra deles para coisas como OVNI, fantasmas e paranormais.

O equivalente britânico de Randi, embora menos vociferante, é Paul Daniels, que é agora uma estrela mediática com os seus próprios espetáculos televisivos de grande audiência. As suas opiniões sobre médiuns e fenómenos estranhos são frequentemente tornadas cristalinas, e ele tem duplicado truques para tentar mostrar como as vozes e mensagens

dos espíritos podem ter origem. «Sob condições de laboratório» é outro elemento enganador favorito no seu programa de televisão. Aqui, ele realiza uma experiência «paranormal» com uma câmara de televisão a filmar diretamente de cima e afirma fazer exatamente o que um paranormal consegue, mas recorrendo a truques. Em nenhuma ocasião em que o vi fazer isto, ele tentou mais do que alguns truques de cartas. Ele não afetou geradores de números aleatórios nem saiu do corpo. Muitas vezes é necessária pouca habilidade, apenas uma visão apurada, para detetar a forma como ele convence o público a ser enganado.

Paul Daniels, como a maioria dos mágicos, morre de medo perante os paranormais. Os mágicos veem-nos como uma ameaça à sua subsistência, porque não é preciso ser membro do *Magic Circle*[^2] para superar os truques deles. Todos nós somos paranormais potenciais.

Existem, de facto, médiuns reais — pessoas que são, pelo menos, extraordinariamente dotadas nas artes da perceção. É provável, em minha opinião, que eles possuam a capacidade de mudar de modo de realidade e consigam, nesse estado, captar informações daquilo que, de outro modo, poderíamos chamar de fontes paranormais. Se estas fontes têm alguma coisa a ver com a vida após a morte é uma questão totalmente diferente e muito menos fácil de decidir.

Doris Stokes é uma das médiuns mais famosas do mundo na atualidade. Ela é uma senhora corpulenta, gregária e maravilhosamente carismática. Nas suas apresentações (pois não há melhor palavra para as descrever), apresenta-se impecavelmente vestida e fala com as multidões, muitas vezes transbordantes, com a postura comum de uma dona de casa. No seguimento da sua primeira autobiografia, *Voices in my Ear* (1980), publicou vários outros volumes descrevendo a história da sua vida e as suas fantásticas alegações. Cada um deles tem sido um sucesso de vendas estrondoso. Mas ela está menos interessada em dinheiro do que em tentar provar a sua tese de que nós sobrevivemos à morte.

As suas mensagens são recebidas, como o título do seu livro sugere, sob a forma de vozes no seu ouvido interno. Elas são reais apenas num sentido subjetivo, porque mais ninguém as ouve, mas parecem transmitir informações e alegadamente têm todas as características de provir do

indivíduo outrora vivo e agora morto. Se estudarmos as suas sessões (e ela não se importa se há milhões a assistir através da televisão ou apenas um punhado de pessoas numa sala privada), ver-nos-emos ao mesmo tempo frustrados e intrigados.

Ficará frustrado porque ela muitas vezes parece estar a tatear no escuro, a pescar num mar de entidades desencarnadas que clamam pela sua atenção. Nomes surgem e aparentemente significam pouco. Tudo parece uma farsa. Mas depois, de repente, ela acerta no alvo. Um nome traz o reconhecimento instantâneo. À medida que ela e aquele parente ansioso e entusiasmado sintonizam um com o outro, uma torrente de informações começa a fluir. A partir do nome «Tom», ela avança até dizer coisas como: «Ele morreu recentemente, não foi, amor?», e depois, «Sim. Ele só está lá há um ano ou pouco mais. Ele diz para te lembrares da rosa vermelha.» E assim por diante. Tudo isto faz sentido para o destinatário da mensagem — pelo menos é o que afirmam. E não apenas essa pessoa, mas a maior parte do restante público fica em transe a partir desse momento.

Não ficaremos surpresos ao saber que Doris era notada pelas suas capacidades paranormais mesmo em criança. Ela parece ter nascido com o dom de mudar de modo de realidade com uma facilidade superior àquela que poderíamos sequer atribuir a paranormais regulares, tais como Lindsay Wagner. Poderá não ser diferente da habilidade musical, por exemplo. Alguns de nós nascem com muita, outros com nenhuma. Através do treino, uns muito poucos daqueles que têm muita podem tornar-se génios musicais, e um pouco pode ser ensinado àqueles que anteriormente não tinham nenhuma.

Doris, como poderíamos antecipar, conseguia manifestar as suas capacidades enquanto em *srm*[3] através de uma variedade de métodos diferentes. Por exemplo, uma vez ela exteriorizou visualmente o «fantasma» do seu falecido pai, que a informou que, apesar de todas as evidências em contrário, o seu marido não tinha sido morto no estrangeiro (estava-se em tempo de guerra). «Eu nunca te menti, pois não, boneca?», supõe-se que ele tenha dito. E todas as informações que «ele» lhe deu revelaram-se corretas. O seu marido estava vivo. No entanto, teria ela obtido isto por via das ondulações precursoras[4] da sua eventual descoberta da notícia?

Médiuns como Doris (e existem vários outros igualmente dotados) têm um padrão de vida muito semelhante. Normalmente, demonstram uma gama de vertentes enquanto em *srm*. Já viram OVNIs ou tiveram encontros no quarto com criaturas semelhantes a fadas. Sofreram surtos de *poltergeist* ou canalizaram essa mesma energia para curar animais doentes. Passaram por experiências fora do corpo (*OOBEs*[5]) ou detetaram ondulações precursoras de grandes eventos futuros. E assim por diante.

Há pouca dúvida na minha mente de que muitas das pessoas que os investigadores do paranormal encontram e que têm experiências estranhas frequentes deste tipo (e se tem uma, tende a tê-las todas) têm potencial para serem treinadas como médiuns. Um médium não é nada mais do que alguém que decidiu seguir nesta direção específica como um padrão de hábito assim que entra em *srm*. Eles poderiam ter escolhido seguir numa direção totalmente diferente, tendo *OOBEs* a toda a hora, por exemplo, ou encontrando OVNIs regularmente. A forma de utilização da sua capacidade de mudar de modo depende realmente deles.

Matthew Manning é um dos raros médiuns masculinos (são muito mais frequentemente mulheres, como de resto são os raptados por OVNIs, dois factos que são significativos e claramente não desrelacionados). Manning encontrou pela primeira vez fenómenos de *poltergeist* e de aparições na adolescência e depois começou a desenvolver as suas capacidades através da escrita e pintura automáticas. Sendo um jovem muito inteligente, ficou ansioso por aprender a base científica das coisas incríveis que sabia que conseguia fazer, pelo que passou muito tempo no início dos seus vinte anos a visitar laboratórios por todo o mundo a realizar experiências com cientistas. No processo, deu por si a usar as suas capacidades em coisas como a dobragem de metal e outras demonstrações de psicocinese — fenómenos que não teria realizado espontaneamente, mas que conseguia fazer com facilidade quando se aplicava dessa forma. Finalmente, decidiu parar de «brincar» e, em vez disso, concentrar os seus esforços na cura.

Tudo isto parece ser a mesma capacidade básica para fazer coisas. Mas cabe ao indivíduo a forma como a canaliza em qualquer momento do tempo. Recorde o que foi dito no capítulo anterior sobre George Lucas e «A Força».

Doris Stokes admite francamente que, às vezes, quando por nenhuma razão explicável as vozes simplesmente param, ela é tentada a fazer batota e, ocasionalmente, inventou mensagens. O facto de serem aceites tão prontamente como as suas mensagens «reais» é um ponto importante. Em abono da justiça, não há uma boa razão para que a maior parte do que estes médiuns apresentam não possa ser explicado como mais um exemplo de exteriorização de um processo interno para negar a responsabilidade. As vozes espirituais de Doris Stokes podem ser o equivalente aos homens do espaço nos encontros com OVNIs, ou ao computador de Uri Geller. Sendo tão dotada a mudar de modo de realidade, ela consegue captar os campos de vida de todas aquelas pessoas vivas que a rodeiam durante as apresentações. Elas estarão a pensar nos seus parentes falecidos e ela poderá «pescar pequenas amostras» de informação e, através de um processo de confabulação, congeminar e oferecer uma «mensagem» relevante.

Haverá alguns médiuns que sejam famosos noutra esfera da vida? De facto, há. Há todas as razões para sugerir que alguém como Lindsay Wagner se qualifica para esse termo, e alguém que certamente o faz é o antigo «Goon»[6] e comediante de televisão Michael Bentine.

O interesse e envolvimento de Bentine no paranormal são conhecidos dos seus colegas e investigadores neste campo há muitos anos. In 1975, ele e eu fizemos um programa de rádio noturno no qual eu discuti OVNIs e ele conversou sobre o seu trabalho no campo do entretenimento. Entre os discos, tive uma conversa fascinante com este homem adorável sobre a sua vida secreta, que tem estado repleta de fenómenos estranhos.

Ele falou-me sobre um encontro imediato com um OVNI pelo qual passou há muitos anos na Índia e que ficou perfeitamente satisfeito por aquilo que testemunhou naquele dia não ser um objeto terreno comum. Alguns anos mais tarde, ele esteve disposto a endossar essa visão em público quando apareceu no programa de televisão *The Sky at Night* quando este debateu os OVNIs. Michael defendeu a tese de que os OVNIs eram reais, mas, surpreendentemente, não descreveu o seu próprio avistamento. O contra-argumento de que não havia evidências de OVNIs veio daquele versátil artista de televisão Patrick Moore.

Patrick deve ser um dos favoritos de qualquer imitador, com a sua personalidade deliciosamente original. Nos seus livros e apresentações públicas, ele é altamente crítico em relação aos OVNIs, ao ponto do extremismo. Certa vez, disse a algumas testemunhas de um OVNI muito espetacular e de longa duração (que mais ninguém numa cidade de um milhão de habitantes numa tarde ensolarada de verão tinha visto) que eles tinham acabado de observar um belo meteoro! Essa ideia é tão ridícula que sou tentado a concluir que ele estava a brincar.

Mas quando uma vez o desafiei sobre a sua atitude em relação ao fenómeno, ele respondeu em termos gráficos simples. No topo da sua gigantesca assinatura «P M», escreveu: «Os OVNIs são um disparate absoluto!» Mas Michael Bentine enfrentou-o corajosamente e até fez com que Patrick admitisse que uma vez tinha investigado um avistamento local de um OVNI que o tinha verdadeiramente intrigado. Tenho várias e muito boas razões para pensar que, tal como acontece com muitas pessoas, as opiniões privadas de Patrick Moore têm pouca semelhança com aquelas que ele parece disposto a arriscar em público.

Avistar OVNIs não é de modo algum a única evidência de que Michael Bentine entra muito frequentemente no modo de realidade sincronística. Ele escolheu recentemente contar ao mundo as suas outras aventuras nos reinos do misterioso, através do seu livro *The Door Marked Summer*, uma das leituras mais agradáveis dentro da literatura do paranormal. As experiências de Michael variam amplamente, passando por premonições e comunicações telepáticas. Os sintomas do Efeito Oz[7] são frequentemente relatados, e ele claramente passou por muitas Experiências QC[8]. Quando tragicamente perdeu o seu filho num acidente aéreo, deu por si a receber mensagens dele, assegurando-lhe que tudo estava bem e que havia uma vida contínua após a morte corporal. É uma história muito comovente e relatada com sinceridade. Bentine proferiu um discurso à ASSAP[9] quando a associação foi lançada em Londres, em outubro de 1981, e é agora um dos melhores trunfos que o tema tem de uma vasta gama de artistas que são apoiantes das nossas vidas paranormais.

Michael Bentine e Doris Stokes são médiuns do tipo conhecido como «clariaudientes»: ouvem vozes do «outro lado». Outros são clarividentes:

veem imagens ou visões. Mas Lee Everett é muito diferente. Ela é uma médium de transfiguração.

Lee é a antiga esposa de Kenny Everett, uma estrela de rádio e televisão com um sentido de humor excêntrico. Mas ele nunca se riu à custa de Lee. Ela era a típica médium em desenvolvimento, movendo-se através de premonições esporádicas até à capacidade de realizar curas. Finalmente, aos trinta e sete anos, começou as suas estranhas tentativas de transfiguração. Ela trabalha ao lado de um clariaudiente, que primeiro capta uma voz e depois transmite uma breve mensagem à pessoa do público a quem esta se destina. Lee nota então o seu rosto começar a mudar de forma e a assumir uma imitação passável do comunicador da mensagem, mesmo em situações em que esse comunicador é um homem! Note-se que Lee admite que, se alguém se queixar que o espírito tinha barba na vida real, não há nada que ela possa fazer em relação a isso! Conforme Lee nos conta sobre o que lhe acontece em tais transfigurações, torna-se evidente que ela entrou no modo de realidade sincronística. Ela perde todo o controlo do seu próprio corpo, e este molda-se como plasticina.

Claro que isto parece bastante incrível — poder-se-ia ser tentado a dizer impossível — mas parece ser uma forma crescente de mediunidade hoje em dia. Lee não trabalha nas mesmas condições de luminosidade que Doris Stokes, e as fotografias de transfigurações são poucas e de qualidade limitada. Diz-se que o processo é muito difícil, o que pode ser verdade. Talvez um dia um médium se torne suficientemente perito para o fazer em qualquer lugar, e obteremos algum filme probatório. Até lá, como habitualmente, ficamos apenas tentados.

Ora, poderá achar isto tanto conveniente como suspeito — de facto, pode muito bem sê-lo. No entanto, mesmo que se provasse que a transfiguração ocorre, seria apenas mais um passo ao longo do caminho em direção à prova. Não seria, por si só, uma prova de sobrevivência. Há todas as razões para supor que os músculos faciais de uma pessoa poderiam ser controlados pela mente dessa pessoa, para assumir o reflexo pictórico de alguém que ela «vê» na sua imaginação.

Em casos de histeria extrema, ou sob hipnose, já existem boas evidências de que a mente pode moldar a matéria. Marcas de estigmas ou

vergões psicossomáticos foram todos produzidos, até mesmo evidências aparentes de marcas de chicotadas nas costas, tudo simplesmente pela mente da pessoa em causa. E os registos médicos contêm alguns casos fascinantes de curas milagrosas de doenças desfigurantes onde problemas de pele desapareceram apenas por se pensar nisto de forma suficientemente longa e intensa.

Obviamente, deve haver limites para este tipo de fenómeno, mas parece bastante viável que distorcer um pouco a forma do rosto (o que todos nós podemos fazer até certo ponto, de qualquer modo) seja realista, especialmente quando não precisa de ser demasiado exato. Todos nós temos a peculiaridade psicológica de ver rostos no fogo. Se alguém estiver convencido de que o médium se está a adaptar fisicamente para se parecer com um parente morto, provavelmente aceitará uma representação muito mais pobre desse ente querido do que em circunstâncias comuns.

Portanto, mesmo o fenómeno extraordinário da transfiguração não nos permite escolher entre a comunicação real dos mortos e as mensagens paranormais geradas internamente. Com certeza, torna a vida mais difícil para o proponente da teoria da «fonte interna». No caso de Lee Everett, temos de aceitar que o seu companheiro clariaudiente primeiro deteta a informação e a exterioriza como uma voz e uma mensagem. Ele teria então, de alguma forma, de transmitir isto a Lee, ou ela teria de se sintonizar no mesmo conjunto de informações, antes de apresentar uma imagem visual do comunicador morto e, subconscientemente, usar isto para moldar o seu rosto. Isto não é impossível, mas pressupõe muito.

O tabuleiro *ouija* tem todas as letras do alfabeto na sua superfície de atrito reduzido. Um grupo de pessoas senta-se com os dedos a tocar levemente num ponteiro, tentando não o mover, mas concentrando-se em fazer contacto com um espírito morto. Eventualmente, o ponteiro move-se e parece soletrar mensagens significativas (embora com a mesma frequência soletre um palavreado absolutamente sem sentido!). Isto reflete provavelmente o conteúdo confuso das mentes subconscientes dos presentes, e geralmente daquela que é mais dominante. É bastante fácil concentrar-se numa determinada letra e «forçar» o ponteiro para lá, mesmo quando se tem a certeza de que não o moveu fisicamente. Isso decorre provavelmente de fracas ações musculares no limiar da consciência.

Há muitos anos, quando trabalhava num escritório durante as férias da faculdade, costumava fazer experiências com o tabuleiro *ouija* com algumas das raparigas durante a nossa hora de almoço. O meu interesse pelo paranormal estava apenas a começar, e eu era muito ingénuo na altura. Recordo-me nitidamente de aperfeiçoar a técnica discutida acima e, embora estivesse agora convencido de que não havia nada no tabuleiro de real interesse para mim, de pregar uma partida aos meus colegas de trabalho. Fiz o tabuleiro soletrar uma mensagem de uma morada em Aberdeen, onde o «espírito» nos avisava que tinha deixado algum tesouro enterrado quando morreu. Tão convincente foi isto que se tornou difícil para mim contar a verdade. Houve grande excitação, e tenho de admitir que fui quase convencido a apanhar o próximo comboio para a Escócia!

Matthew Manning começou a escrita automática quando ainda estava na escola. Frequentemente, massas disto apareciam na parede do seu quarto e vinham assinadas por muitas pessoas famosas, em particular pelo proprietário da casa de anos anteriores, que acabou por se tornar um «fantasma amigo» que Matthew encontrava frequentemente. Não deve espantar que a produção automática de material mais criativo também seja comum. De facto, Manning avançou ele próprio para alguns exemplos espetaculares. Este material criativo inclui literatura (romances ditados do além), música e arte. Vimos como as pessoas artísticas/criativas são o tipo mais frequentemente associado à *srm*, pelo que dificilmente parece coincidência que sejam os mesmos processos que se manifestam mais fortemente quando são produzidos através de um médium.

Já parámos para notar como muitos romancistas famosos sentiam que a sua obra «se escrevia a si própria». Eles estavam, sem dúvida, a realizar uma forma ligeira de escrita automática. Isto parece misturar-se em direção ao outro extremo demonstrado pela Sra. Curran, uma americana que, após usar um tabuleiro *ouija*, começou a receber não apenas mensagens, mas romances inteiros de uma personagem chamada «Patience Worth». Ela dizia que tinha nascido em Inglaterra e se tinha mudado para os EUA, onde foi morta por índios no século anterior ao início dos ditados ao seu «agente literário».

Estes ditados eram romances históricos que abrangiam muitas eras diferentes e foram bem recebidos pela crítica. No entanto, não há

evidências de que Patience Worth seja uma pessoa real e não apenas um alter ego exteriorizado da Sra. Curran. Joan Grant escreveu romances de forma semelhante, mas afirma que estes são as histórias das suas próprias «vidas passadas», embora as suas memórias destas sejam tão extensas e detalhadas que parecem difíceis de aceitar como tal.

Qual é a diferença entre Charles Dickens ou Robert Louis Stevenson terem um romance totalmente fictício dedicado pelo seu subconsciente, o «fantasma» de Patience Worth a escrever romances através da Sra. Curran, e as «vidas passadas» de Joan Grant a transmitirem-se para serem transformadas em romances? A resposta pode muito bem ser virtualmente nenhuma. Cada um destes fenómenos é apenas uma forma diferente de expressar o mesmo processo de fluxo de dados internos. No primeiro caso, a verdadeira fonte é aceite. No último, é aceite, mas considerada como «vidas» diferentes do próprio, em vez de níveis internos diferentes do próprio. E no caso da Sra. Curran, ocorre a transferência total do problema para uma fonte externa. Pelo menos, com base nas evidências que temos até agora, parece ser esse o caso.

Matthew Manning pertence a uma rara estirpe de «artistas paranormais», e o seu repertório é surpreendente. Ele simplesmente senta-se e deixa a sua mão fazer o que quer. Eventualmente, sem qualquer direção da sua parte, afirma ele, uma pintura será concluída e estará claramente no estilo de um artista falecido famoso. Pode ser uma cópia de uma obra anterior ou uma totalmente nova. Muitas vezes as suas pinturas estão assinadas. Embora Manning seja muito cauteloso sobre aquilo em que acredita relativamente a estas imagens, ele diz que, quando um determinado artista está a pintar através dele, sente um caráter individual como se fosse uma pessoa real. Picasso, por exemplo, que ofereceu várias «obras», pode ser muito violento e desgastante em termos de energia.

Notas

[1]: Comité para a Investigação Científica de Alegações do Paranormal (N. do T.).

[2]: Círculo Mágico — prestigiada sociedade britânica de mágicos profissionais (N. do T.).

[3]: Synchronistic Reality Mode / Modo de Realidade Sincronística (N. do T.).

[4]: No original: bow-wave ripples. Refere-se a um efeito de ondulação ou repercussão antecipada de um evento futuro (N. do T.).

[5]: Out-of-the-Body Experiences / Experiências Fora do Corpo (N. do T.).

[6]: Alusão ao programa de rádio cómico da BBC The Goon Show (N. do T.).

[7]: The Oz Factor — termo cunhado por Jenny Randles para descrever a sensação de isolamento e silêncio invulgar relatada por testemunhas de fenómenos paranormais (N. do T.).

[8]: QC Experiences — Experiências de Consciência Quântica (Quantum Consciousness) ou análogas ao contexto teórico do autor (N. do T.).

[9]: Association for the Scientific Study of Anomalous Phenomena / Associação para o Estudo Científico de Fenómenos Anómalos (N. do T.).

Rosemary Brown é uma notável dona de casa londrina com muito em comum com Matthew Manning. Mais uma vez, os seus talentos paranormais eram evidentes na infância e, de novo, manifestaram-se sob muitas vertentes diferentes. Quando tinha apenas sete anos de idade, teve a aparição visual de um homem que mais tarde veio a reconhecer como o músico clássico Franz Liszt. Ele disse-lhe que iria fazer dela uma música famosa. Na altura em que se tornou adulta, isto parecia uma previsão absurda, pois ela tinha-se esforçado para aprender piano, mas desistira após um ano.

O seu tutor disse-lhe que ela não tinha nenhum talento real. Depois, em 1964, sendo Rosemary agora viúva, Liszt regressou e, junto com ele, veio um fluxo de compositores, desde Beethoven, Bach e Chopin até Stravinsky. Eles aparecem-lhe visualmente, parecendo pessoas comuns (o que, como já saberá a esta altura, é amplamente a regra para um «fantasma»). A Sra. Brown conversa alegremente com eles e com quem quer que esteja «realmente» na sala com ela, e transcreve como uma estenógrafa novas peças musicais totalmente compostas que eles oferecem. Ela avança tão rápido que é difícil acreditar que está a fingir, e não há

dúvida real sobre a sua capacidade, uma vez que se disponibiliza de bom grado a apresentar-se em frente às câmaras de televisão.

Que dizer da música? Beethoven produziu partes das suas 10.ª e 11.ª Sinfonias. Schubert entregou uma sonata gigantesca. E existem centenas mais. (Tal como com Matthew Manning, a Sra. Brown insiste que cada compositor tem um estilo e caráter únicos. Por vezes, eles recorrem à sua língua nativa se ela for lenta a compreender, e ela diz que tem de anotar as palavras deles e pedir para serem traduzidas mais tarde.)

A maior parte das composições está muito além da capacidade musical comum de Rosemary Brown para tocar, quanto mais para compor. Algumas delas foram gravadas, e até o maior cético concordou que, se for uma farsa, é bastante boa. Muitos outros estão convencidos de que nenhuma mulher, com ou sem talento musical, poderia possivelmente produzir uma variedade tão rica de material clássico de mais de vinte compositores de fama mundial, mantendo sempre, pelo menos, um padrão razoável.

A Sra. Brown também faz um pouco de arte paranormal (incluindo pinturas de van Gogh e Debussy, que pelos vistos se dedicou às tintas em vez das notas musicais!), e acredita ter tido conversas com outras pessoas famosas já falecidas, incluindo Albert Einstein e Bertrand Russell.

Todas estas criações artísticas e musicais são matéria fascinante, mas será apenas o talento natural do indivíduo a ser estendido além dos limites normais, da mesma forma que o modo de realidade sincronística consegue produzir romances e soluções para problemas? Provavelmente podemos quase aceitar isso, embora seja difícil conceber por que razão Rosemary Brown haveria de sentir sempre a necessidade não apenas de visualizar, mas de manter longas e supostamente significativas conversas com ficções da sua imaginação.

É também muito intrigante que estes artistas e músicos estejam sempre mortos. Vimos que as aparições de pessoas vivas podem ser visualizadas, pelo que poderíamos perguntar-nos se seria possível obter canções, poemas, livros ou pinturas de pessoas famosas contemporâneas e vivas. Seria interessante ver se Rosemary Brown nos conseguiria fornecer uma nova melodia de Paul McCartney, por exemplo. Mas os investigadores

do paranormal muitas vezes fogem de ideias como essa, porque querem acreditar que casos como os discutidos neste capítulo provam a vida após a morte, quando eles podem provar apenas que a nossa vida antes da morte é consideravelmente mais rica do que nos apercebemos.

Também me preocupa que, se Rosemary Brown consegue falar com Albert Einstein, por que razão falhou ele em dar-nos algo útil? Assumindo que ele teve alguns anos na vida além da morte para continuar a trabalhar, poderíamos esperar que ele, ou algum outro génio que esteja morto há ainda mais tempo, já tivesse promovido uma grande descoberta científica a esta altura. Uma cura para o cancro não seria um mau começo. O facto de continuarmos a não receber nada mais provocador ou valioso do que a 11.ª Sinfonia de Beethoven parece colocar algumas questões que merecem respostas.

Leslie Flint é um médium do tipo conhecido como de «voz direta». Ele reproduz efetivamente la voz da pessoa morta. Isto pode ocorrer mesmo que a sua boca esteja tapada com fita adesiva ou de outro modo firmemente amordaçada. O jornalista Bob Chapman, do departamento de ciência do *Sunday Express*, realizou testes à sua autenticidade e declarou as suas capacidades como genuínas. Mesmo com um microfone de garganta para excluir a opção de um ventriloquismo inteligente, as vozes continuaram a aparecer.

Uma galáxia de estrelas falecidas manifestou-se durante a longa carreira de Leslie Flint. Por uma estranha ironia, o ídolo do cinema mudo, Rudolph Valentino, foi um dos seus guias mais prolíficos, falando frequentemente e aparecendo como uma aparição vestido como um xeque (um dos seus papéis cinematográficos mais famosos). As mensagens que um Flint obviamente sincero tinha para oferecer não são propriamente de bradar aos céus.

Marilyn Monroe quis, de facto, esclarecer o mistério da sua morte: a overdose de medicamentos que a matou não foi suicídio, mas sim um acidente. Mas o facto de Oscar Wilde se queixar de que não estava a receber quaisquer direitos de autor pelo seu sucesso pós-morte, e de a ás da aviação Amy Johnson lamentar a falta de aeronaves no outro lado, tudo parece apenas um pouco faceto. Mas, por outro lado, quem sabe? Wilde era

notado pelo seu humor mordaz. E talvez não existam transportes aéreos no plano astral.

Poderemos extrair algum sentido de todas estas ideias e possibilidades? Estaremos nós de alguma forma mais perto de responder a essa questão derradeira sobre a vida e a morte? É algo que todos nós desejaríamos ardentemente saber. A nossa existência seria muito mais segura e confortável se não tivéssemos aquele terrível alçapão instantâneo para o poço escuro do infinito à nossa espera mais adiante. Ou talvez essa mesma segurança produzisse seres humanos descuidados, sem a devida consideração pela santidade da vida?

Não tenho a certeza se o preço de uma convicção total na vida após a morte valeria a pena ser pago. Não se esse preço fosse o homicídio e a violência generalizados, sob o pretexto de que isso mal importava, uma vez que ninguém morria na realidade. Poderemos confiar na natureza humana o suficiente para dizer que isto é um absurdo pessimista?

Ainda assim, examinemos um cenário possível, baseado nos conceitos do campo de vida e na sua existência potencial após a morte. O que acontece então ao nosso campo de vida ou consciência? Será que simplesmente se desvanece como uma névoa matinal evaporada pelos raios do sol? Ou permanece de alguma forma vibrante e vivo de uma maneira que apenas podemos adivinhar? É para essa questão derradeira que nos vemos agora atraídos à medida que nos aproximamos do fim da nossa busca.

Se tudo o que encontrámos até agora for semelhante à realidade fundamental, ou à forma como as coisas verdadeiramente acontecem, é pelo menos possível que algo sobreviva.

Parece, de facto, que a mente não é apenas uma consequência de uma complexidade cada vez maior dentro do cérebro. A consciência parece evoluir em paralelo com a matéria física de que o cérebro é apenas uma criação notável. A nossa mente é mais grandiosa do que a da formiga, mas ambas possuem consciência. Na verdade, tudo poderá bem ter consciência de algum tipo. A mente usa o cérebro, tal como a energia eletromagnética usa um aparelho de televisão para produzir som e imagens. Se perguntarmos o que é essa imagem, haverá poucos de nós (por muita falta

de conhecimento que tenham sobre o funcionamento dos aparelhos de TV) que defenderiam que a imagem está dentro do aparelho. No entanto, esmague-se o aparelho, ou deixe-se que ele funcione continuadamente até se desgastar, e o que acontece? A imagem desaparece. Claro que nos apercebemos de que a energia que é verdadeiramente a imagem está lá o tempo todo. O aparelho apenas a traz para a nossa realidade. Ele permite-nos detetá-la porque os nossos corpos não estão equipados para sentir a energia eletromagnética em bruto. Se ligarmos um aparelho novo ou repararmos o antigo, a imagem regressa magicamente à vida.

Os nossos cérebros e os nossos corpos são provavelmente o equivalente à feitiçaria eletrónica que a televisão representa. Às vezes, os nossos médicos, como reparadores de TV, conseguem consertar-nos e trazer-nos de volta à vida. Outras vezes, a nossa estrutura física está demasiado degradada. Estamos mortos. Mas se a nossa consciência for verdadeiramente como a energia eletromagnética que flui através do aparelho de TV, mesmo na morte ela continua lá. A sua realidade essencial é independente do cérebro e do corpo. Pode existir sem eles, embora, para se manifestar no nosso mundo, na nossa realidade quotidiana normal, tenha de interagir com os nossos cérebros a fim de produzir uma imagem.

O nosso sentido do «Eu», de estar aqui, é apenas a imagem no ecrã da TV. O nosso sentido real de ser, a nossa consciência, é o sinal por detrás dos bastidores que permite que o milagre aconteça. Pelo menos, essa parece ser uma sugestão razoável.

Lee Everett concordaria, mas o seu marido Kenny esteve envolvido num incidente que parece colocar a questão da vida após a morte sob um foco cru. Enquanto estava numa festa numa casa em Surrey, ele e vários outros decidiram brincar com o tabuleiro *ouija*, sem esperar realmente que saísse dali nada. Um operador de câmara que estava hospedado com eles ficou nervoso e perturbado quando recebeu uma mensagem da sua namorada através do tabuleiro. Ela não estava na casa mas estava, insistia ele, viva e não morta como o tabuleiro alegava. No entanto, através do ponteiro, a rapariga explicou que tinha tomado uma overdose e passado para a vida além da morte naquele mesmo dia. Kenny Everett insiste que não havia forma de esta informação ter sido transmitida a ninguém que estivesse a usar o tabuleiro por meios normais, pois todos tinham estado

juntos ao longo do dia. Mas, pouco tempo depois, o operador de câmara decidiu telefonar à rapariga para esclarecer o assunto de uma vez por todas. Falou com o pai dela, lavado em lágrimas, que tinha acabado de regressar da morgue. Tudo o que o tabuleiro tinha dito era verdade!

Seria esta uma mensagem real do campo de vida sobrevivente da namorada do operador de câmara? Ou, na realidade sincronística que o tabuleiro de alguma forma incutiu, teria ele acedido a informação fora do campo da espécie[10] e dramatizado como um adeus final do seu amor? De momento, apenas podemos responder que não sabemos.

12.

Vozes Famosas do Além

«Tive relâmpagos na pele e apaguei-me... A ideia é deixar estar. Como poderei expressá-lo?... A ideia é aceitar... que estás morto!» — John Lennon descrevendo o seu assassinato através do médium Bill Tenuto.

Imaginemos que existe vida após a morte, sob uma forma ou outra. Como poderá ela ser? A partir das várias analogias que traçámos neste livro, e do nosso olhar sobre o campo da espécie e a consciência universal, provavelmente seríamos capazes de vislumbrar uma espécie de absorção naquilo a que poderíamos chamar um nirvana. A nossa «essência» torna-se parte da «essência» maior que constitui a totalidade da vida. Mas como poderá isto ser qualquer tipo de existência ou consciência contínua? Como poderia possivelmente ser a vida tal como a conhecemos? Não haverá corpo, nem olhos, nem ouvidos, nem nada — exceto, talvez, a mente.

Não é fácil, e pode ser impossível, para nós contemplarmos a vida de uma mente. Poderemos dar por nós a imaginar a realidade da forma que o fazemos nos sonhos (os quais também não dependem de nenhum dos órgãos externos ou físicos — exceto, até certo ponto, do cérebro). Poderia ser que as nossas faculdades paranormais ganhassem vida e déssemos por nós a ver por via da clarividência, a ouvir através da clariaudiência e a aceder àquele vasto depósito de informação de conhecimento sobre todo o lado e todo o tempo.

A morte, nesse caso, seria antes como adormecer e entrar num sonho superlucrativo[11] e sem fim. Toda a nossa experiência seria no modo de realidade sincronística, e estabelecer contacto com alguém na realidade normal (ou seja, vivo) poderia ser muito difícil. O grau de dificuldade poderá ser melhor compreendido quando recordamos como é quase impossível para a maioria de nós tentar forçar os eventos paranormais a acontecer.

Nesta realidade, normalmente não conseguimos dobrar metal ou ler mentes. Em *srm* (com a qual a morte está provavelmente relacionada), seria igualmente um evento paranormal manter uma conversa com alguém aqui. *Normal* e *paranormal* são coisas relativas. Diferem de acordo com o modo de realidade que se ocupa. Os dois modos de realidade são como um espelho de dupla face. Ambos representam o que verdadeiramente é, mas não se pode «conhecer» ambos ao mesmo tempo. Quando nos refletimos num deles, o outro está sempre fora de alcance, no lado oposto.

Por mais difícil que seja ver como um espírito poderia fazer uma intervenção consciente no modo de realidade normal, isto é por vezes afirmado. Por exemplo, Charles Dickens morreu em 1870 com o seu livro final, *The Mystery of Edwin Drood*, apenas escrito até meio. Pouco depois disto, um médium, Thomas James de Vermont, EUA, começou a receber mensagens urgentes em transe da parte do escritor, explicando o seu desejo de concluir a sua obra. O americano não era escritor e tinha deixado a escola aos treze anos, com pouca instrução, mas descobriu que a escrita simplesmente fluía para fora, e teve de se despedir do seu emprego a fim de permitir que assim fosse.

A 31 de outubro de 1873, o livro concluído foi publicado, com um prefácio explicativo «por» Charles Dickens. O estilo parece ser dickensiano e mantém o uso de grafias e fraseologia inglesas. Além disso, não existem evidências claras de onde as duas metades se unem. Elas combinam bem. Ao analisá-lo, Arthur Conan Doyle disse: «O truque do pensamento e da postura permanece.»

Aqui temos um fenómeno semelhante à música de Rosemary Brown, exceto que Thomas James não alega qualquer talento de escrita anterior. A conclusão de um livro escrito até meio graças a uma aparente compulsão

pelo seu autor falecido parece, de facto, sugerir algum elemento de sobrevivência, embora não haja forma de ter a certeza de que algum aspeto da personalidade de James não necessitou de fingir isto e foi capaz de o fazer num grau paranormal. Ou talvez tenha sido tudo um embuste inteligente.

Doris Stokes foi convidada a fazer uma tentativa deliberada de contactar o famoso romancista George Orwell a 1 de janeiro de 1984. Orwell tinha morrido trinta e quatro anos antes, deixando a sua profecia negra *1984* como o seu legado mais conhecido. O que teria ele a dizer sobre a forma como a realidade correspondeu às suas previsões? De acordo com Doris, ele sentia que se tinha provado que tinha razão, e havia uma ponta de amargura na sua «voz»: «Estão a ser alvo de lavagem cerebral pelo Big Brother. É tempo de dizerem que já basta. Os computadores estão a governar as vossas vidas agora e vai piorar... Vocês têm simplesmente de recusar ser contados.»

Supostamente, Orwell deu informações de contexto suficientes a Doris Stokes, das quais ela não estava a par, para que ela ficasse convicta de que era ele. Mas como todo o caso foi encenado por uma empresa de TV americana, é natural que alguém presente (por exemplo, um produtor) estivesse suficientemente familiarizado com o escritor para que estes pedaços de informação estivessem disponíveis para Doris Stokes a partir do seu campo de vida e sem qualquer recurso ao próprio Orwell. Em todo o caso, estas palavras são apenas aquilo que poderíamos esperar que Orwell dissesse. Raramente parece haver muito em termos de surpresas por conta destes alegados espíritos.

Se examinarmos as incontáveis mensagens que são transmitidas de um lado do espelho para o outro, é certo que sentirá uma determinada deceção. Elas raramente se elevam acima de um nível banal e recheado de platitudes. A visão do «céu» é algo estereotipada: uma espécie de vazio intemporal, com espaço ilimitado e povoado por tudo o que nos apeteça imaginar no nosso estado desencarnado enquanto flutuamos por aí (não temos pernas para andar), sentindo amor e pura bondade (nunca maldade). Na verdade, soa um pouco sem atrativo, e poder-se-ia argumentar cruelmente que é tudo produto das nossas imaginações limitadas. Mas pode ser possível que decorra de alguma vida além da morte real — e que seja isto!

Recentemente, tem havido uma vaga de livros que registam as experiências de pessoas que «morreram» e depois foram trazidas de volta à vida. Existe um nível notável de concordância, mesmo entre culturas onde a visão religiosa da vida após a morte é amplamente diferente. Por exemplo, ao aproximar-se a morte, desce uma grande sensação de calma. Quase ninguém descreve o ato da morte como sendo de alguma forma desagradável. Geralmente, dão depois por si a experienciar uma *OOBE* e, por vezes, a moverem-se em direção a uma luz brilhante onde encontram um «guia» para os conduzir para diante, ou enviá-los de volta, conforme o caso.

Fascinante como este material é, não fornece qualquer evidência para a vida após a morte, pelo simples facto de que nenhuma destas pessoas tinha morrido, caso contrário não poderiam ter sido trazidas de volta à vida. Reconhecidamente, existe uma enorme área cinzenta na nossa ciência sobre onde exatamente a morte começa, mas parece bastante seguro dizer que, pelo menos, uma boa definição de morte é «aquele estado do qual não se regressa à vida».

Consequentemente, todos estes registos apenas nos dizem uma boa quantidade de coisas sobre os estádios finais da vida, não sobre os primeiros estádios da morte. Isto pode revelar-se como rejeitar informação importante devido a um tecnicismo. Aceito isso plenamente. Segundo os médiuns, o mesmíssimo tipo de experiência é relatado por aqueles que «passam» para o outro mundo e não voltam. E parecem existir poucas evidências de que as pessoas que relatam as suas visões de quase-morte estivessem de alguma forma familiarizadas com as afirmações dos médiuns sobre aqueles que morreram.

Os cientistas argumentam (com alguma justificação) que poderia haver qualquer número de explicações mais realistas. Estas visões poderiam ser alucinações criadas pelos medicamentos sob cujo efeito a pessoa se encontra ou, em casos onde isso não é verdade (por exemplo, acidentes súbitos), pelo corpo a passar por um derradeiro fôlego defensivo. Mesmo que se aceitem as experiências paranormais, não é de todo surpreendente que, numa situação dolorosa (onde o corpo está cheio de dor ou onde um acidente precipitou uma circunstância de ameaça à vida), a

mente se possa exteriorizar desse corpo — uma tentativa de fuga, por assim dizer.

No entanto, o facto de a mente conseguir fazer isto quando o cérebro permanece vivo não constitui prova de modo algum de que também o pudesse fazer após o cérebro estar morto. Mas tenho de admitir que, perante tantos relatos consistentes, estas explicações científicas começam a parecer cada vez mais desculpas. Pode muito bem ser que vejamos aqui o estádio de transição entre esta vida e o que vem a seguir.

Uma experiência interessante começou em 1983 quando um jovem paranormal americano, Bill Tenuto, começou a contactar o «espírito» do antigo Beatle John Lennon, assassinado um par de anos antes. Tenuto é um médium do tipo de «voz direta», o que, como vimos antes, significa que consegue imitar a voz da pessoa alegadamente em comunicação.

Tenuto contestaria a palavra «imitar». Ele afirma que o espírito assume literalmente o controlo do seu corpo. Onde vai parar o seu próprio espírito entretanto não é clarificado, mas se regressarmos por um momento à nossa analogia com o aparelho de televisão, podemos pensar em termos de um vídeo com uma cassete pré-gravada inserida que se sobrepõe e anula as imagens normais em direto. O sinal continua «lá», embora não seja exibido no ecrã enquanto a cassete é reproduzida. Quão exata ou enganadora esta imagem possa ser não é seguro.

Um cético insistirá que o espírito que assume o controlo é apenas outro aspeto do próprio eu de Tenuto, um pedaço fracionado da sua personalidade que ganha a liderança por um tempo. Existem, de facto, muitos casos de «personalidade múltipla» nos registos dos psicólogos, mas estes não envolvem tomadas de controlo por pessoas reais, vivas ou mortas. Ainda assim, poder-se-ia dizer que a única razão para esse tipo de caso não constar dos mesmos ficheiros psicológicos é o facto de constar, em vez disso, dos ficheiros da investigação paranormal.

Notas

[10] No original: species field (N. do T.).

[11]: No original: super-lucid dream (sonho superlucidado / superlúcido) (N. do T.).

Qualquer que seja a verdadeira explicação durante estas experiências, o eu normal de Tenuto certamente parece desaparecer, e uma entidade que é, no mínimo, uma réplica razoável da estrela de *rock* britânica toma o seu lugar, incluindo maneirismos, padrões de fala (com frequentes palavrões de quatro letras!) e um sotaque que é igual ao de Lennon. O efeito destas coisas emergirem através de um californiano de estatura média, com uma cadência distinta de Nova Jérsia, e que em nada se assemelha fisicamente ao músico britânico, é, para dizer o mínimo, estranho.

De acordo com as muitas horas de sessões que foram gravadas (algumas das quais estão a formar o livro póstumo do cantor, *Little Pearls from John Lennon*), ele continua a ser um espírito inquieto que precisa de se manter bastante próximo do modo de realidade normal (o «plano terreno», como ele lhe chama). «Alguém tem por aí uma garrafa de cerveja, ou algo do género?», pergunta ele a certa altura. Ninguém tem, e ele comenta: «Bem, sabem que não faz mal. Isso passa. Provavelmente não me faria muito bem provar um pouco disso.» O seu desejo de cerveja deve-se, supostamente, ao efeito de habitar um corpo pela primeira vez desde a sua morte. Ele tem um problema adicional associado a isto, e terminou rapidamente uma sessão com as palavras: «Vou dizer-vos o que vou fazer em relação a isso. Mas primeiro tenho de desocupar este corpo agora mesmo, porque ele precisa de dar uma mictada[12].»

Esta estranha personalidade fala sem parar sobre a sua vida antes e depois da morte, e sobre a reencarnação (porque ele insiste que John Lennon é apenas a mais recente de uma longa linha de encarnações na Terra). Acho levemente bizarro que os temas que ele discute sejam aqueles em que se poderia esperar que os americanos estivessem interessados. Ele fala muito de Yoko Ono e da sua rivalidade com Paul McCartney, mas nunca menciona a sua primeira esposa, Cynthia, ou o filho deles, Julian (que adorava o pai e que seguiu as suas pisadas com a sua própria composição musical numa linha semelhante). Cynthia e Julian nunca fizeram parte da vida de Lennon na América e seriam incógnitas para

qualquer pessoa por lá. Isto deixa-nos desconfiados se esta omissão é causada por esse facto, uma vez que o médium é americano. Além disso, embora a fraseologia seja indubitavelmente inglesa, há lapsos estranhos ocasionais em americanismos. Por exemplo, ele diz de Paul: «[Ele] vivia num *apartment*... o seu *apartment*, creio eu, era subsidiado pelo governo.» A forma habitual inglesa de dizer isso seria que Paul vivia num *council flat*[13]. No entanto, o próprio John passou a última década da sua vida a viver num *apartment* na América, pelo que é pelo menos possível que ele tenha começado a pensar mais nesses termos do que à moda dos seus primeiros anos.

E quanto à vida neste outro reino? Lennon diz-nos: «Lembro-me melhor dos sentimentos das coisas porque eles ficam connosco. Vais descobrir depois de estares morto... não te lembras muito bem das pessoas, ou dos sítios.» Quanto ao local onde se encontra: «Nunca sei como responder a essa pergunta, para ser bastante franco, porque, antes de mais, não há tempo ou espaço...»

Ele é notavelmente ambivalente em relação ao seu assassino, David Chapman, e afirma que eles estavam a encenar um drama herdado de uma vida passada onde Lennon tinha prejudicado Chapman! «Não se pode parar isso se as pessoas se querem balear umas às outras. É a forma de as pessoas aprenderem. É apenas parte do plano.»

Olhando para o futuro, Lennon afirma estar a participar num grande plano para educar a humanidade sobre o tipo de realidades relativas ao modo sincronístico e à vida após a morte que examinámos neste livro. «A oportunidade é agora. Porque se não o fizerem agora, no ano de 1989 as coisas vão piorar. Vai tornar-se muito difícil para além disso no físico.» Aqui, ele não reflete apenas os receios sobre o holocausto vindouro, mas algo mais que detetei em muitas mensagens paranormais (sejam elas de alegados espíritos mortos ou de homens do espaço): que é necessário que a perceção paranormal seja espoletada no maior número de pessoas possível, sendo esse o verdadeiro propósito da grande explosão de contactos. Aqueles que vão ver o mundo passar pelos tempos conturbados que se avizinham precisarão dessa ajuda extra.

Lennon afirma estar a trabalhar com um grupo de almas evoluídas chamado «Fraternidade Branca», que o estão a usar a ele e a várias pessoas que foram famosas na Terra (John Wayne era outro dos seus aliados). Desta forma, eles conseguem incutir a verdade sobre a natureza real da consciência e do universo. «As pessoas continuam a escutar-me mesmo que eu esteja morto», insiste Lennon, e fez uma promessa dramática: «Um dos meus objetivos é materializar-me na televisão. Eu farei isso. Por isso, anotem aí no vosso papelinho.»

Resta saber se existe ou não um John Lennon real sobrevivente a tentar realizar esta proeza incrível, mas a sensação de uma personalidade real permeia a mediunidade de Bill Tenuto. No entanto, as dúvidas persistem. Será isto uma representação maravilhosa? Construirá ele um pseudo-Lennon a partir dos dados do campo da espécie? O homem era tão popular e afetou tanto esse campo que isso tem de continuar a ser uma possibilidade distinta. Mesmo os ecos do nosso futuro que Lennon recita poderiam ser apenas Tenuto a detetar ondulações precursoras e a vesti-las desta forma invulgar. Elas certamente têm mais impacto por causa disso — o que poderá ter muito a ver com o raciocínio subconsciente.

Para ser sincero, não há muito aqui que force alguém a acreditar que Lennon regressou verdadeiramente, exceto a personalidade bem definida que brilha através dele, tal como Matthew Manning disse que acontecia com os seus artistas e Rosemary Brown com os seus compositores. A identificação com a personagem morta a tal ponto parece-me estranha e desnecessária se estivermos simplesmente a testemunhar alguma forma de representação teatral ou de exteriorização. Mas, nesse caso, *representação* poderá ser, de facto, a palavra operacional. Se Sir Laurence Olivier o consegue fazer, por que não qualquer pessoa enquanto em *srm*? Mais uma vez, ficamos tentados e incertos.

Então, como se ficaria mais perto de provar a vida após a morte? Idealmente, precisaríamos de algum tipo de corroboração. Hester Dowden, uma médium em 1947, mostra o que eu *não* quero dizer quando apresentou uma série de escritas automáticas supostamente de William Shakespeare, através das quais «descobriu» que as suas famosas peças eram um esforço de grupo que envolvia Will e vários outros estudiosos. «Eu era o esqueleto do corpo que escreveu as peças.

A carne e o sangue não eram meus, mas estive sempre na produção», terá dito o dramaturgo. Isto dificilmente é o *Romeu e Julieta*. E é também bastante inútil em termos de evidência. É provável que o mistério sobre se Shakespeare escreveu ou não as peças de Shakespeare permaneça por resolver. E o contacto com o homem (seja ele real ou não) dificilmente vai ajudar nesta matéria — a menos que ele nos consiga apontar a direção de um manuscrito oculto que ninguém conhece. Ora, isso sim seria interessante.

A partir de um ponto de vista ligeiramente diferente, poderíamos considerar as aparições múltiplas como significativas. Diz-se que o *Haymarket Theatre*, em Londres, é assombrado por um dos seus antigos gerentes, John Buckstone. Vários artistas por lá o «viram» e, ao contrário do fenómeno fantasmagórico típico, ele não é apenas uma imagem que continua a recorrer no mesmo sítio a fazer a mesma coisa. Buckstone aparece por todo o teatro e comporta-se como se estivesse ciente da presença do seu observador. Aquela maravilhosa atriz, Dame Margaret Rutherford (que na verdade interpretou a médium em transe Madame Arcati num dos seus papéis mais famosos, em *Blithe Spirit* de Noël Coward), teve uma aparição visual dele quando dormia no seu camarim. O marido dela ouviu os sons gerados por essa ocorrência ao acordar do sono, mas Dame Margaret recordava-se melhor das pernas peludas do espetro!

Até onde é que isto nos leva em termos de evidência? Algum caminho — mas tem de permanecer a possibilidade de múltiplos contactos esporádicos com fragmentos do campo de vida residual do antigo gerente. Precisamos de assumir que ele sobrevive em qualquer sentido consciente para que isso aconteça? Não tenho a certeza de que precisemos, mas isso levanta a questão um pouco mais. Fantasmas que se comportam como se fossem conscientes e tivessem personalidade são raros, mas de modo algum sem precedentes. São extremamente difíceis de explicar de outra forma que não seja uma forma de sobrevivência — caso em que merecem mais atenção e distinção do que aquela que até agora lhes foi concedida.

O mais perto que conseguimos chegar do tipo de evidência que procuramos é o caso de Raymond Lodge, filho do famoso físico (e um dos fundadores da SPR[14]) Sir Oliver Lodge. Raymond morreu nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial em setembro de 1915, mas parece ter

transmitido evidências da sua sobrevivência ao seu pai, vividamente interessado (e, portanto, obviamente parcial).

Dois meses após a sua morte, uma médium deu uma mensagem à Sra. Lodge, que tinha assistido à sessão sem que a sua identidade fosse revelada. (O marido não o podia fazer por ser demasiado conhecido.) Nesta sessão, houve referência a uma fotografia que se dizia retratar Raymond com um grupo de outras pessoas, e foram fornecidos detalhes específicos. Na altura, os Lodge não sabiam da existência de tal fotografia, mas pouco tempo depois foram contactados do nada pela mãe de um oficial do mesmo regimento de Raymond. Tinha-lhe sido enviada uma foto pelo seu filho na qual Raymond aparecia, e ela perguntou se os Lodge gostariam de uma cópia. Antes de pedir a foto, Sir Oliver combinou visitar uma médium diferente e aqui foi novamente brindado com uma descrição da imagem.

Muita mais informação terá sido fornecida pelo seu falecido filho, incluindo factos como o de que um dos soldados se tentava apoiar nele na altura e que eles estavam «praticamente» ao ar livre quando a foto foi tirada. Os Lodge compilaram um relato de como a fotografia deveria ser e depois pediram uma cópia. Quando esta chegou, verificou-se que correspondia extremamente bem à descrição, mas ainda mais interessante para mim é que estes detalhes parecem ter vindo do ponto de vista de Raymond, olhando para fora da fotografia, por assim dizer, e não da forma como alguém que olha para a imagem impressa os descreveria.

Por exemplo, a observação estranha sobre estar «praticamente» ao ar livre faz sentido se formos Raymond no local onde ele estava agachado quando a foto foi tirada. Ele estava nas sombras projetadas por um grande edifício de madeira imediatamente atrás dele, mas a um observador casual que olhasse para a fotografia isso não ocorreria: dir-se-ia que Raymond estava ao ar livre, pois a perspetiva diferente (estando onde o fotógrafo estava e não Raymond) empurra o edifício mais para o fundo.

Não duvido realmente de que estes acontecimentos sejam descritos com exatidão. Sir Oliver Lodge era um cientista meticuloso. Claro que ele já estava comprometido com a causa, mas esse facto funcionaria em ambos os sentidos: ele teria menos necessidade de provar a sobrevivência, uma vez que já a aceitava. Certamente é viável (no limite) explicar isto sem

qualquer forma de sobrevivência, mas isso exige que duas médiuns tenham obtido informações detalhadas sobre uma fotografia que, na altura, nem elas nem os Lodge tinham visto, apenas uma terceira parte que, na primeira ocasião, nem sequer era conhecida por nenhum dos diretamente envolvidos. E esta informação teria de ser interpretada pela médium não da forma como ela veria a fotografia (ou, igualmente importante, como a terceira parte desconhecida a veria), mas como se ela estivesse na fotografia (como Raymond) a olhar para fora.

Tais casos (onde dados não conhecidos por nenhuma das médiuns ou pela pessoa a quem a mensagem está a ser dada provam mais tarde estar corretos) não são assim tão raros. Eles têm explicações possíveis além da sobrevivência (geralmente porque se pode sempre argumentar que as ondulações precursoras da eventual descoberta dos dados até então desconhecidos estão a ser detetadas pela médium). Mas eles complicam muito a questão — talvez demasiado, se preferir aceitar a resposta mais simples como a mais provável. Em tais casos, o contacto de uma personalidade sobrevivente é muitas vezes a resposta mais simples.

Sir Oliver Lodge esteve também envolvido naquela que parece ser a evidência mais notável e probatória que ainda existe para a verdadeira sobrevivência. Excluindo a prometida aparição televisiva pós-morte de John Lennon, representa um dos feitos mais surpreendentes que poderíamos esperar que os «espíritos» alcançassem. O facto de parecer ter envolvido uma espécie de plano diretor entre três dos fundadores da *Society for Psychical Research* não é certamente uma coincidência. Todos os três eram estudiosos clássicos: Edmund Gurney (morreu em 1888), o Professor Henry Sidgwick (morreu in 1900) e Frederick Myers (morreu em 1901). Todos foram investigadores sérios e pioneiros sobre a possibilidade de vida após a morte e, portanto, tinham um claro interesse em apresentar algo muito espetacular quando tivessem chegado ao outro lado, que é exatamente como poderíamos descrever o caso das «correspondências cruzadas», como são denominadas.

Entre 1901 e trinta anos mais tarde, mais de dois mil guiões de escrita automática foram «transmitidos» por estes três homens (especialmente Myers, que parece ter sido o principal motor da ideia). Eles foram para cinco médiuns femininas diferentes por todo o mundo: três na Grã-

Bretanha, uma nos EUA e uma, a Sra. Alice Fleming, irmã de Rudyard Kipling, na Índia. Alice Fleming recebeu o seu primeiro guião de Myers em 1903. Ele deu-lhe a morada em Cambridge de uma Sra. Verrall, e uma espécie de carta de apresentação para a cadeia de médiuns. A Sra. Fleming nunca tinha ouvido falar da Sra. Verrall antes.

Como Myers supostamente expôs logo de início à Sra. Verrall (uma professora de estudos clássicos na Universidade de Cambridge e o foco do projeto): «Regista os pedaços e, quando encaixados, eles formarão o todo... Eu darei as palavras repartidas entre vós. Nenhuma consegue ler sozinha, mas juntas darão a pista...» Por outras palavras, fragmentos de uma mensagem seriam recebidos por uma médium, e outros fragmentos por uma ou mais das restantes mulheres noutra parte do mundo. O atraso temporal excluiria muitas vezes qualquer possibilidade de conluio nos dias anteriores aos telefones e aos aviões. Mas, de qualquer modo, por si só estes fragmentos não significavam nada; reunidos em comum, pela Sra. Verrall ou pela SPR, faziam sentido. A única hipótese a que se poderia recorrer fora dos reinos da sobrevivência era uma incrível forma de ligação telepática entre as mulheres, a qual se prolongava continuamente e era muito superior a tudo o que se vira antes ou depois, especialmente porque as mulheres, na sua maioria, não se conheciam.

No entanto, a maravilhosa e sinuosa trama serviu até para evitar essa rota de fuga. À exceção da Sra. Verrall e da sua filha (que também recebiam mensagens), nenhuma das mulheres tinha qualquer conhecimento ou interesse pelos clássicos, mas as mensagens estavam habitualmente cheias de alusões a eles. A Sra. Verrall foi supostamente escolhida devido ao seu conhecimento, para que pudesse descodificar as mensagens recebidas e completar o engenhoso padrão, mas o que as outras mulheres recebiam era essencialmente absurdo para elas, tornando difícil de acreditar que tivessem sido capazes de captar isto por alguma ligação interna subtil com a Sra. Verrall.

É difícil expressar a complexidade deste projeto gigantesco, mas a situação muitas vezes passava-se mais ou menos assim. A Médium A recebia uma série de palavras, depois a médium B (sem estar ciente disto) recebia uma citação de algum livro ou poema que continha essas palavras; finalmente, a médium C recebia uma mensagem que, por si só, era apenas

um palavreado sem nexo mas que, quando junta aos dois primeiros guiões, os ligava claramente entre si. A solução para o enigma vinha muitas vezes muito mais tarde, quando tudo era decifrado. Os três espíritos mortos complicavam as coisas de propósito, supostamente para reduzir o impacto daqueles que gritavam à fraude. Caso contrário, teria sido lógico tornar as ligações menos obscuras e mais fáceis de detetar. E é até duvidoso que algumas daquelas mulheres tivessem sido capazes de perpetrar (especialmente por tanto tempo) um truque como este sobre assuntos que não compreendiam.

Quando um investigador americano chamado Dorr decidiu testar o sistema, pediu à médium de Boston para explicar a palavra «Lethe», e ela apresentou um longo guião com referências obscuras que não faziam sentido para ela. Mais tarde, Sir Oliver Lodge, conforme combinado, colocou a mesma questão à médium britânica que não tinha formação nos clássicos; nem ela sabia do teste anterior. A resposta dela repetiu as mesmas referências e anexou o nome «Dorr»!

Parece-me que existem realmente apenas duas opções aqui. Não consigo pensar em nenhuma experiência paranormal mundana que pudesse explicar estas correspondências cruzadas (algumas das quais ainda não foram decifradas). Ou houve algum tipo de conspiração gigantesca entre todas estas pessoas ou então Gurney, Myers e Sidgwick sobreviveram de alguma forma à morte e congeminaram esta experiência brilhante. Ninguém pode refutar a teoria da conspiração, claro, mas se as mulheres realmente não tinham conhecimentos clássicos, isso é um grande obstáculo, e exige um forte apoio a crença de que estes indivíduos, de outro modo sem mácula, tivessem feito esforços tão extremos para levar a cabo este truque sem nenhuma razão muito boa. Não existe tal apoio. Francamente, considero a explicação do embuste menos credível do que a teoria da sobrevivência.

Este caso, mais do que qualquer outro, deixa-me a conjeturar sobre as perspetivas de sobrevivência. Continua a não provar nada, mas o facto de ser precisamente o tipo de belo plano que se poderia esperar que homens tão doutos apresentassem após a morte é certamente um ponto a seu favor.

Myers e os outros expressavam frequentemente a sua frustração pela dificuldade que sentiam em transmitir as suas mensagens. Ele disse à Sra. Fleming que era como «estar atrás de uma placa de vidro fosco — que desfoca a visão e amortece o som — a ditar debilmente a uma secretária relutante e obtusa».

É um pouco estranho que as cinco médiuns (todas agora mortas) não tenham prolongado as correspondências cruzadas quando «passaram para o outro lado», mas talvez se tenha concluído que já tinham sido fornecidas evidências suficientes. Se as pessoas iam acreditar, tinham agora o apoio para o fazer. Se não, nenhuma quantidade de guiões extra as convenceria. O próprio Myers comunicou com Matthew Manning quase meio século após o plano ter terminado. Ele explicou que o problema da sobrevivência era tão complicado que ninguém vivo o conseguiria realmente compreender. No entanto, ele instou o jovem paranormal a continuar a procurar as respostas, e depois parece ter expressado a sua deceção com as conquistas limitadas da sua grande experiência ao acrescentar: «Se descobrires, ninguém vai acreditar em ti de qualquer maneira.»

Mas talvez o melhor epitáfio para todo este confuso e baralhado assunto da vida após a morte venha do marido da Sra. Verrall. Ele morreu em 1912, em pleno período das correspondências cruzadas, e juntou-se brevemente ao projeto para observar: «Este tipo de coisas é mais difícil de fazer do que parecia.» Poderíamos muito bem dizer o mesmo dos nossos esforços para chegar à verdade sobre estes fenómenos estranhos.

Conclusões

Buddy Greco, o cantor americano, teve uma experiência interessante mas aterradora quando atuou numa data de verão na costa atlântica.

Relaxando na praia, junto a um mar que estava bastante agitado, ele ouviu gritos de socorro longe da costa. Como era um excelente nadador, despiu o casaco e mergulhou na água, cortando-a em busca da origem do pânico. Vagamente, apercebeu-se de que um barco estava a ser lançado para se juntar ao salvamento, mas ele estava bem à frente e a meio caminho dos nadadores em apuros antes de a equipa de salvamento costeiro estar a navegar. Eram duas raparigas. Ele conseguia ver e ouvir isso.

Eventualmente, alcançou uma delas, travou os seus movimentos desordenados e empurrou-a para perto do barco que se aproximava, certificando-se de que a tinham visto. Depois, mergulhou de novo profundamente na água, procurando a segunda rapariga, agora ominosamente silenciosa. Mas algo lhe bateu na cabeça. O barco de salvamento, assumindo talvez que ele estava em apuros, tinha lançado um remo e, em vez de cair na água ali perto, atingiu-o. Ele ficou semiconsciente e a afundar-se rapidamente. A água encheu-lhe a boca e os pulmões. Buddy Greco estava a afogar-se.

Notas

[12] No original: to take a leak (N. do T.).

[13]: No original: expressão britânica habitual para designar um apartamento de habitação social (N. do T.).

[14]: Society for Psychical Research / Sociedade de Investigação Psíquica (N. do T.).

E então, de repente, ele sentiu uma mão agarrá-lo e içá-lo para fora da água. Ele estava suficientemente alerta para se manter calmo e não se debateu, apenas tossindo e esparramando a água para fora e sorvendo grandes lufadas de ar. Os seus sentidos retornaram e a mão largou-o. Agora, ele virou-se para trepar para o barco, porque sabia que estavam tão longe no mar que esse era o único local de onde o seu salvamento poderia ter vindo. Mas o barco não estava lá. Estava bem mais adiante na água, a circular e a procurar a rapariga desaparecida. Infelizmente, ela foi mais tarde encontrada morta, mas a primeira tinha sido salva pela bravura de Greco com a ajuda dos nadadores-salvadores. O próprio Greco também

tinha sido salvo. Mas por quem? Ele estava convencido de que não pudera ser por um humano.

Aqui vemos o tipo de paradoxo com que nos confrontámos neste livro. O que salvou, afinal, o cantor que se afogava? Terá sido uma intervenção física neste mundo por alguma força ou entidade que vive no «outro lado»? Ou, como vimos logo no início da nossa busca, com a recuperação dramática de Tommy Steele da morte, terá Greco, de alguma forma, salvo a si próprio? Terá ele recorrido a esses recursos internos nos níveis mais profundos da sua mente e exteriorizado o autoauxílio sob a forma de um salvador mistério? Não seria a primeira vez que tal coisa acontecia.

Esta história é apenas uma de muitas que poderiam ser contadas. E elas continuarão sempre a ocorrer, porque a humanidade ainda está a subir a colina da descoberta. A cada pausa no nosso progresso, acreditamos ter atingido o cume, mas existe outro pico à nossa espera além da próxima subida. O mesmo se passa com o nosso conhecimento sobre a forma como o universo funciona. Pensamos que sabemos tudo e, no entanto, provavelmente não estamos nem a meio do caminho. A ciência do ano 2085 ser-nos-á quase irreconhecível.

Mas para aqueles que pensam nas anomalias deste mundo, nos nossos grandes fenómenos misteriosos, o prémio é uma espécie de antevisão furtiva de coisas que um dia serão tão banais como a eletricidade. Amanhã, elas serão ensinadas às crianças em todas as escolas; hoje, são ensinadas apenas a crianças muito mais velhas, quando estas se mostram dispostas a afastar os seus preconceitos.

Enquanto compilava este capítulo final, eu sabia que não teria de esperar muito tempo antes que algo acontecesse, algures, com alguém que fosse famoso. Um evento estranho viria a intrigar a vida de alguma personalidade e a deixá-la a pensar. Como era de esperar, aconteceu. A 7 de novembro de 1984, o velejador de circum-navegação Chay Blyth navegava junto ao Cabo Horn com o tripulante Eric Blunn, combatendo mares glaciais enquanto tentavam estabelecer um novo recorde de navegação. Subitamente, uma onda gigante atingiu-os e eles foram lançados nas águas hostis à medida que o seu trimarã se voltava. O salvamento parecia improvável enquanto se abrigavam da melhor forma

que podiam no casco flutuante. A única coisa que os mantinha firmes era o pensamento nas suas famílias a sete mil milhas de distância.

No momento exato em que este desastre aconteceu, Maureen Blyth, esposa de Chay, estava num restaurante na sua cidade natal de Liskeard, na Cornualha. De repente, o prato de comida à sua frente tornou-se comestível[^15]. «Não conseguia tocar-lhe», explicou ela. «Tive um sentimento estranho e poderoso. Sabia que algo tinha acontecido ao Chay.» Vinte e seis horas mais tarde, um navio chileno resgatou os dois galantes homens da água com apenas ferimentos ligeiros. Falou-se de uma «premonição». Na verdade, isto está bastante errado. Maureen não anteviu nada.

O que isto demonstra é a forma como dois campos de vida que estão intimamente harmonizados (como o marido e a esposa frequentemente estão) podem partilhar um evento que os afeta mutuamente no campo da espécie. A angústia de Chay imprimiu-se nesse campo, e Maureen, entrando temporariamente no modo de realidade sincronística, ficou instantaneamente ciente das ondulações emocionais que isso criou. Ela não sabia exatamente o que tinha acontecido, mas isso é compreensível: a essência de tais ondulações é a emoção. Foi isto que ela sentiu.

A experiência que os Blyth tiveram é uma das mais comuns nos registos paranormais. O comediante Michael Bentine, ele próprio um paranormal notável, disse ao *Daily Mail*: «Ele enviou um sinal de socorro e ela captou-o.» Essa é uma forma simpática de o descrever, embora seja provavelmente mais correto dizer que a alteração no campo de vida dele perturbou o campo da espécie e, como Maureen estava nessa altura tão sintonizada emocionalmente com ambos os campos, as ondulações que o evento criou espoletaram igualmente uma alteração no campo de vida dela. Ela experienciou isto como emoção, mas parece não ter sido suficientemente forte para ter transmitido informações específicas ou para ter precipitado uma exteriorização visual. Isso ocorre com menos frequência. Terá havido casos de contacto mais forte onde Maureen Blyth poderia ter «ouvido» Chay chamar por ela ou «visto» a sua presença (provavelmente usando o seu equipamento de navegação), ou apenas «sabido» exatamente o que tinha tido lugar. Já encontrámos outros

exemplos de todo este tipo de coisas noutras partes do livro. Lembra-se de Dame Margot Fonteyn, por exemplo?

Isto aponta-nos imediatamente para o cerne das descobertas que parámos para fazer. Pois eu, tal como o leitor, tenho estado a seguir o rasto das evidências e a refletir sobre o seu significado.

Cada ser humano individual (e provavelmente cada ser vivo, já agora) é essencialmente constituído por dois «eus». Somos matéria e somos consciência. Elas não são a mesma coisa. Interagem e cooperam a fim de que possamos «existir». Mas a matéria não faz a consciência, e a consciência não cria a matéria, embora a molde e a configure e seja claramente o parceiro dominante quando escolhemos que assim seja. A matéria é, naturalmente, os nossos corpos físicos (os nossos braços, pernas, carne, sangue, cérebros e assim por diante). Fundamentalmente, são os átomos de que as nossas células e as nossas moléculas são feitas, mais aquele algo extra que faz com que essas coisas fiquem vivas e funcionem como uma máquina perfeita.

A consciência trabalha através do cérebro, tal como o sinal eletromagnético que permeia os circuitos e as entranhas de um aparelho de televisão, e como o campo magnético que orienta as limalhas de ferro. É aquilo a que chamámos o campo de vida. O campo de vida é o aspeto de consciência da entidade que chamamos ser humano. E tal como o sinal (por oposição ao aparelho) e o campo magnético (por oposição às limalhas), o campo de vida não é visível nem obviamente detetável, mas o seu companheiro (o corpo) é. Contudo, ambos existem. Ambos são totalmente interdependentes e, quando se separam permanentemente, passamos por aquilo a que chamamos morte. O corpo continua a ser um corpo, mas sem o seu campo de vida é um aparelho de TV irreparavelmente avariado ou não ligado à fonte de alimentação. A verdadeira magia da vida desapareceu. Mas desapareceu para onde? Claramente, o campo de vida deve estar em algum lado após a morte.

A energia (que de alguma forma ele tem de ser) não pode simplesmente sumir-se. Ou permanece como está ou muda de forma. Portanto, a nossa própria consciência deve, presumivelmente, ir para outro lugar quando morremos. Isto poderá significar o «céu», poderá

simplesmente absorver-se nas hierarquias mais amplas da consciência, ou poderá ficar por aí, a flutuar na atmosfera da Terra como uma erva daninha etérea e invisível.

Duvido que esta última hipótese ocorra. Se a evidência para algum tipo de sobrevivência for genuína, como bem pode ser, a primeira opção é viável. Mas o caminho do meio parece ser o rumo mais seguro a presumir até se provar o contrário. Os átomos que constituíam os nossos corpos são reabsorvidos pela matéria que os produziu (somos de facto «pó» nesse sentido, como as religiões tendem a dizer). Da mesma forma, descobrimos que o nosso campo de vida se funde num mar maior de consciência universal — o equivalente a uma gota de chuva que nasce numa nuvem, vive enquanto mergulha pelo céu e, finalmente, se absorve na vasta extensão de água a que chamamos mar.

Contudo, se isto for verdade, sabemo-lo ou experienciamo-lo? Parece tentador acreditar que sim. Mas como se sente isso? Não podemos adivinhar. No entanto, é interessante perceber que os átomos que outrora fomos nós não desaparecem. Mesmo séculos após a nossa morte, eles continuarão a existir, como limalhas de ferro dispersas, e acabarão por se recombinar, talvez noutro organismo vivo qualquer. E o mesmo poderá acontecer com a nossa consciência: um dia ela poderá reformar-se numa unidade mais pequena, e essa unidade poderá permear a matéria mais uma vez, e poderemos então ser «reencarnados».

Não parece haver qualquer argumento lógico contra isso. Na verdade, ajusta-se àquilo que esperaríamos. Afinal de contas, essa gota de chuva que cai no mar não «morreu». Continua a ser uma parte desse mar. E todas as gotas de chuva vêm do mar em primeiro lugar. Existe um ciclo sem fim que é uma espécie de processo de reencarnação para essa substância a que chamamos «água». Se existe para a água, por que razão haveríamos de o considerar impossível para a consciência?

O cosmos é um lugar notavelmente ordenado. Quer se opte por acreditar que esta ordem é imposta (por Deus), quer simplesmente seja, não há como duvidar desse facto. As coisas tendem a equilibrar-se — o que é importante, porque o mundo da matéria tem uma hierarquia muito bem definida: desde as partículas subatómicas, que por si só constituem os

átomos, os quais se combinam em moléculas, que são a base para as células, as quais dão origem a todos os órgãos e depois às criaturas. A espiral ascendente é evidente.

Cada unidade depende das unidades que a compõem, e cada unidade é, por si só, parte de uma unidade mais grandiosa. O facto que as nossas mágicas descobertas da ciência comum (mundana) mais nos trouxeram à consciência é que esta hierarquia da matéria é aparentemente infinita. Sondamos cada vez mais fundo o interior do átomo. Mas desde os dias, não há muito tempo passados, em que esperávamos que objetos semelhantes a bolas de pingue-pongue fossem os blocos de construção da matéria, não encontrámos tal coisa. As bolas de pingue-pongue não são sólidas. As partículas subatómicas e sub-subatómicas nem sequer são sólidas. Em lado nenhum existe uma unidade fundamental. Quanto mais pequeno sondamos, mais descobrimos apenas que o pequeno não é suficientemente pequeno, e que existe outra camada da cebola por descascar.

O mesmo se aplica indo na direção oposta além do homem. Além do homem? Isso soa extremamente estranho. Mas existem hierarquias em termos de matéria que se elevam a partir de nós. O homem é parte da biosfera deste planeta, a qual é parte de um sistema solar, o qual é parte de uma galáxia, a qual é parte de um universo, e assim por diante! Nenhum cientista lhe dirá que não pode existir um superuniverso do qual este universo seja uma mera unidade, ou um super-superuniverso além desse. Aos níveis atuais de compreensão, e tendo em conta as nossas descobertas à medida que sondamos o átomo, isto não é de surpreender. Consequentemente, parece ser eminentemente lógico propor que tal hierarquia opere nesse segundo aspeto de nós próprios: a consciência.

Pelo que vale, os nossos estudos sobre o paranormal apoiam esta sugestão teórica. Já vimos como pensadores como Jung e Sheldrake falaram sobre cada campo de vida individual ser apenas uma parte do campo da espécie, como milhões de gotas de água numa poça. A maior parte dos nossos fenómenos estranhos não faz qualquer sentido a menos que aceitemos isso. De que outra forma teria Maureen Blyth ficado ciente do trauma que o seu marido estava a sofrer? O contacto nada teve a ver com o mundo da matéria e teve tudo a ver com o mundo da consciência.

Esta segunda hierarquia está já bastante bem definida, embora não tão bem definida como a hierarquia da matéria. A um nível interior (porque os termos «interior» e «exterior» são melhores do que «abaixo» e «acima», que implicam falsamente subserviência) existe o eu consciente e o subconsciente e o inconsciente, embora eu argumentasse que o nível mais interior, ou seja, o equivalente à matéria fundamental, é a consciência pessoal ou o eu do «Eu». A partir daqui, vamos do subconsciente ao inconsciente e ao campo de vida pessoal e individual (embora estes dois últimos possam ser idênticos).

Para o exterior a partir daqui estaria o campo da espécie, o campo planetário (toda a consciência na Terra) e, através de estádios intermediários, o campo da consciência universal. Este último poderá ser, e digo-o com a devida trepidação, aquilo a que de outro modo chamamos «Deus», tal como suspeito que o campo planetário seja a morada daquilo a que poderíamos chamar os «deuses» (criaturas elementais ou espíritos da natureza, por exemplo).

Naturalmente, não espero ter este esquema totalmente correto. Estou apenas a fazer o que me parecem ser especulações fundamentadas com base na lógica aparente do cosmos e na evidência das nossas descobertas.

Recordará os meus comentários quando olhámos para a sobrevivência de que poderíamos considerar a situação como ambos os lados de um espelho, cada um dos quais reflete a sua própria realidade, ambos essenciais e no entanto diferentes. Penso que temos uma espécie de princípio dos dois a operar no âmago de todas as coisas. Existem dois tipos de «eu», matéria e consciência, e estes representam as duas realidades que utilizámos ao longo do livro. A matéria funciona com base no modo de realidade normal. A consciência funciona no modo de realidade sincronística.

Existem muitas polaridades que provavelmente se interligam com esta mesma premissa. Por exemplo:

Modo de Realidade Normal	**Modo de Realidade Sincronística (srm)**
Matéria	Consciência
Objetivo	Subjetivo
Ciência	Misticismo/fenómenos paranormais
Lógica	Intuição
Causa e efeito (leis físicas)	Sincronicidade (as suas leis?)
Prova e demonstração por experiência	Crença e autodescoberta
Ateus	Místicos
Materialistas/cientistas	Paranormais/pessoas criativas/artistas
Factos e fenómenos «reais»	Imagens e símbolos
Tempo estrito e ordenado	Tempo frouxo e omnipresente
Dominante enquanto acordado/vivo	Dominante enquanto a dormir/morto

Modo de Realidade Normal	Modo de Realidade Sincronística (srm)
Masculino	Feminino
Símbolo astrológico Saturno	Símbolo astrológico Neptuno

Esta é a explicação simples para o facto de termos feito tão pouco progresso na compreensão daquilo a que chamamos o paranormal, pois estas são funções da realidade sincronística, e nós temos tentado aprofundá-las com as ferramentas da realidade normal, das quais a ciência, a lógica e a dedução são as mais frequentemente utilizadas. Não é de surpreender que um século de investigação psíquica apenas nos tenha trazido mais perguntas do que aquelas que tínhamos antes de começarmos. Precisamos de reconhecer que existem estes dois princípios bastante distintos a operar em nosso redor. Uma vez alcançado isso, começaremos a avançar. Poderemos encontrar soluções para muitos dos nossos problemas que nunca esperámos que fossem solucionáveis por via do «oculto»!

Como vimos, a maioria das pessoas sente-se mais feliz existindo num ou noutro modo de realidade. É difícil aceitar ambos ao mesmo tempo. Mas os nossos muitos oráculos e sistemas de previsão fazem bom uso disso. São instrumentos através dos quais a realidade simbólica e intemporal do modo sincronístico pode ser descodificada para a realidade normal. Existem tantos sistemas quantos os que nos apeteça inventar. Podemos «ler» folhas de chá, ou linhas da mão, ou entranhas de ovelha, ou o que quer que seja.

Tudo o que fazem é atuar como um foco de nitidez para as nossas próprias capacidades. Existe até uma história de que, quando o Uganda era um Estado de terror, a nação tinha uma tartaruga que previa o futuro! O método preciso pelo qual as suas atividades eram utilizadas não é conhecido, mas isso pouco importa. Infelizmente, segundo compreendo, a tartaruga já não existe. Cometeu o erro impensável de muitos oráculos ao longo dos tempos e previu a queda do governante despótico Idi Amin. A

tartaruga rapidamente acabou transformada em sopa. Mas ela teve a última gargalhada. Amin muito rapidamente perdeu o controlo da nação.

Penso que a astrologia funciona melhor do que todos estes métodos, por muitas razões. Representa muito mais claramente a inter-relação e a interdependência das duas hierarquias. Os movimentos dos planetas contra o fundo estrelado não governam as nossas vidas, mas atuam em tandem com as alterações nelas ocorridas ao nível da *srm*. Algo completamente diferente causa ambos os conjuntos de eventos (o nosso padrão de vida na *srm* e os movimentos planetários na realidade normal), da mesma forma que, quando vemos um barómetro marcar «tempestuoso» e vamos lá fora encontrar nuvens escuras e revoltas, não foi o barómetro que fez com que o tempo mudasse: a pressão atmosférica afetou a tempestade e produziu o movimento no barómetro.

A maioria de nós vive a maior parte das suas vidas preocupada com a matéria no «modo» de realidade normal — o que é perfeitamente compreensível, porque este é o nível necessário para a sobrevivência neste planeta. Isso tem de ser importante, caso contrário (assume-se) não estaríamos aqui em primeiro lugar. Mesmo assim, quando dormimos a *srm* torna-se muito mais importante para cada um de nós, até para o mais empedernido materialista. E suspeito fortemente que os nossos sonhos contêm muito frequentemente esses estranhos fenómenos paranormais, porque o paranormal é apenas normal no mundo da realidade sincronística.

Experimente fazer um diário de sonhos e registar em grande detalhe os seus sonhos logo ao acordar e antes de se levantar da cama. Penso que descobrirá, se persistir o tempo suficiente, que ocorrerão vários exemplos onde os seus sonhos (à sua maneira simbólica) demonstram alterações no campo da espécie que o afetam. Numa semana típica em que experimentei isto, obtive o que se poderia chamar uma mensagem de «telepatia de crise» do meu gato e uma «antevisão» com várias horas de antecedência de um pequeno acontecimento doméstico. Num dos casos, limitei-me a detetar as ondulações no campo causadas pela aflição do meu gato (preso num telhado alto) e, no outro, as ondulações precursoras que avançavam à frente de um evento que tinha conotações emocionais (embora, de resto, triviais).

Praticamente todos os fenómenos misteriosos podem ser explicados simplesmente em termos de campos de vida, campos da espécie e níveis exteriores (por exemplo, a consciência universal). Dois campos de vida relacionados podem harmonizar-se.

Notas

[15]: No original: inedible (inalimentável / intolerável / impossível de comer). O texto original apresenta aqui uma contradição textual aparente com o sentido da frase seguinte («Não conseguia tocar-lhe»), pelo que se manteve a literalidade estrita do termo original (N. do T.).

No nível mais simples, dizemos apenas que estas duas pessoas se dão bem (ou partilham *«good vibrations»*[16], uma expressão intuitiva que se aproxima da verdade, como muitas das nossas expressões frequentemente fazem sem uma perceção consciente). Além disso, elas poderiam experienciar empatia (uma partilha de sentimentos) ou mesmo a corporização destes em imagens mais concretas (aquilo a que chamamos telepatia). E quando uma delas se mete em apuros e perturba o campo da espécie, a outra consegue detetar imediatamente essas alterações (tendo assim um encontro de «telepatia de crise»).

Mas o tempo ao nível da realidade sincronística é muito mais flexível (se é que existe de todo), e tanto as ondulações precursoras como a sua contraparte oposta, precedendo e ecoando muito depois dos acontecimentos, são possíveis. As alterações que estas criam no campo da espécie também podem ser detetadas e dar origem a vários fenómenos que encontrámos. A informação do passado pode ser absorvida e experienciada de várias formas: detetando sentimentos, especialmente sentimentos trágicos ou malignos (chamamos a isso uma «presença» ou, de forma mais gráfica, um «necrófago»[17]), e captando isto em termos mais concretos (como na telepatia), quando realizamos psicometria ou, em casos mais extremos, a mediunidade. Quando fazemos a mesma coisa com a informação sobre o «futuro», isto pode novamente ser apenas como um

sentimento (um pressentimento ou sensação de desgraça iminente) ou em imagens mais concretas, como uma previsão.

Todas estas coisas são muito semelhantes e dependem apenas de onde provém a informação, por exemplo, de outro campo de vida, do campo da espécie, da consciência universal, além de saber se se trata de um evento traduzido em termos de realidade normal como presente, passado ou futuro. Podemos elaborar uma espécie de matriz para mostrar isto. Leia o tempo verticalmente para baixo e a fonte da informação horizontalmente para o lado, para ver como nomeamos esse tipo de experiência paranormal sentida pelo nosso próprio campo de vida:

Fonte:	**PASSADO**	**PRESENTE**	**FUTURO**
O nosso próprio campo de vida	Criptomnésia (Reencarnação?)	Sentimentos Emoções	Intuição
Outro campo de vida	Psicometria (Médium/espíritos)	Telepatia (Visão de crise)	Precognição (Visão do futuro)
Campo da espécie	Presença (Aparição)	Invenção/ criação/	Desvios no tempo para o futuro

Fonte:	**PASSADO**	**PRESENTE**	**FUTURO**
		descoberta	

Não considerei o que poderia estar nas quadrículas para os níveis planetários ou universais de consciência — não porque não tenha ideias, mas simplesmente porque quero explorar isso mais detalhadamente noutra altura. Mas pode ser que os OVNIs e as visitas de homens do espaço tenham algo a ver com informação obtida da consciência universal (passada, presente ou futura), ou poderiam ser dados futuros do campo planetário (isto é, poderemos construir OVNIs reais um dia).

Na lista acima encontrámos todos os fenómenos discutidos, exceto os desvios no tempo para o futuro. Esta é uma experiência relativamente rara, exemplificada pelo Marechal do Ar Sir Victor Goddard que, ao voar, uma vez deu por si subitamente sobre um aeródromo estranho com aeronaves esquisitas. Acontecimentos posteriores parecem demonstrar isto como uma visão forte de como esse aeródromo pareceria uns anos mais tarde em relação ao momento em que Goddard estava efetivamente a voar. Ele tinha obtido informação do futuro do campo da espécie e dramatizara-a.

O uso de parênteses na matriz acima serve para uma situação em que a informação não é apenas detetada pelo campo de vida da pessoa em *srm,* mas utilizada para se sobrepor à perceção normal e criar uma visão. Um elemento de informação do passado de um campo da espécie, detetado num determinado local, por exemplo, pode ser apenas pressentido como um sentimento ou presença, ou pode ser transformado numa imagem visual pela mente e sobreposto ao mundo. Pode até substituir a sua visão do mundo. Temos então uma aparição: uma dramatização da informação recebida.

Esta sobreposição ocorre por via daquilo a que chamámos uma Experiência Quase-Consciente (ou QC). A mente reduz o seu influxo de informação sensorial pelos canais normais (o que experienciamos como o Efeito Oz). Fica então aberta para aceitar um influxo de informação de qualquer fonte que a esteja a transmitir. Por outras palavras, o Efeito Oz

demarca o início de uma Experiência QC, o que significa que a mente está agora a operar no modo de realidade sincronística, ou a utilizar dados recolhidos a partir dele.

O nosso espetro da realidade mostra que o fenómeno QC é cerca de sessenta por cento objetivo e quarenta por cento subjetivo. Portanto, é interpretado por nós como fundamentalmente real, embora com conotações oníricas. O sonho lúcido (do qual este é uma espécie de imagem latente) tem características sessenta por cento subjetivas e quarenta por cento objetivas. Logo, é interpretado por nós como fundamentalmente um sonho e, no entanto, com conotações reais. Estes valores de sessenta/quarenta são apenas palpites nesta fase e devem ser tratados como orientações, nada mais. Contudo, ilustram o ponto que desejo focar.

Nós «vemos» os nossos fantasmas e os nossos OVNIs durante uma Experiência QC, razão pela qual não poderíamos (e nunca deveríamos) tentar persuadir alguém de que aquilo que viu não estava realmente lá. O facto de mais ninguém o ter visto, ou talvez apenas uma ou duas outras pessoas (também a operar em *srm* na altura), não é justificação para tal argumento. Contudo, sempre que um fenómeno estranho é aceite, torna-se uma norma dentro do campo da espécie e começa a assumir uma espécie de realidade.

É então um padrão habitual de observação para alguém que entra na realidade sincronística. Mas mais do que isso, porque pode começar a adotar também algumas características da realidade normal. É quase como se, ao transformar-se numa norma, o nível de objetividade aumentasse e a subjetividade diminuísse (para talvez setenta e trinta por cento, respetivamente). Desta forma, alguns fantasmas podem ser fotografados e alguns OVNIs podem deixar evidências físicas. Mas não vale a pena perguntar para onde eles «vão» depois, pois a sua quase-realidade nunca é permanente. São como certos tipos de partículas subatómicas, reais por um curto período de tempo quando algum processo as cria, mas regressando rapidamente à realidade potencial depois disso.

Se observarmos o fenómeno dos OVNIs com atenção, podemos ver que ele passa por fases. Um determinado tipo de relato inovador ocorrerá e depois será simultaneamente ou muito rapidamente observado num número

de locais diversos. Por exemplo, nos últimos anos, os investigadores britânicos notaram com perplexidade que estamos subitamente a ter um grande número de encontros entre OVNIs e aeronaves. Por que razão isto começou há tão pouco tempo e com tanta profusão? Estarão os extraterrestres a levar a cabo um novo projeto de estudo sobre as linhas aéreas britânicas, talvez? Duvido. Então qual é a explicação? É provavelmente semelhante ao padrão de «o tempo está maduro» que encontrámos, onde várias pessoas surgem com a mesma descoberta ao mesmo tempo.

Algo que deixa uma marca no campo da espécie é potencialmente acessível a bastantes de nós. É compreensível que possa não haver apenas uma pessoa a entrar em *srm* que ganhe essa perceção ou tenha esse «encontro». Será uma tendência ou voga, mas terá alguma dependência da psicologia individual das pessoas envolvidas e, por isso, veremos apenas um padrão geral, ou vaga, de experiências semelhantes, não reproduções idênticas. Como vimos, isto assume por vezes a forma de paralelismo paranormal. Para uma pessoa, a informação pode ser superposta à realidade normal para produzir uma Experiência QC; para outras, pode ser sentida a um nível mais subtil e utilizada como base para a arte ou a criatividade.

Mas o que podemos dizer sobre o propósito e o livre-arbítrio? Se previrmos algum tipo de desastre futuro, podemos impedi-lo? Espero certamente que sim. E tenho sugerido ideias sobre a utilização de computadores num vasto projeto para tentar correlacionar intuições recebidas, cenários artísticos, sonhos e previsões visionárias reais do que quer que esteja para vir. Espero que, desta forma, possamos aprender a controlar um pouco mais os nossos próprios destinos. Para o que temos, pelo menos, o precedente do fenómeno das prescritas[^18] em situações de «coincidência». A este nível, vemos efetivamente a modelação do nosso futuro pelas nossas próprias mentes no modo de realidade sincronística. Portanto, talvez isso possa ocorrer numa escala mais grandiosa com eventos macroscópicos.

No entanto, não devemos ser demasiado otimistas ou acreditar que é assim tão fácil. Um caso interessante mostra isto. Em 1981, a *British Rail* recebeu uma chamada de uma mulher que afirmava ser paranormal, a qual disse que tinha acabado de ter uma visão na qual vira um comboio de

mercadorias envolvido num acidente mortal. A sua visualização era tão clara e vívida que ela até viu o número da locomotiva a gasóleo azul — 47 216. A *British Rail* ficou, não surpreendentemente, cética, embora tivesse de facto uma locomotiva de mercadorias com este número. Quando verificaram a história da mulher com a polícia local (presume-se que para apurar se ela estava inofensivamente chalada ou se era mais perigosa!), souberam que, tal como ela tinha afirmado, a polícia tinha efetivamente vários registos de previsões de boa-fé feitas por ela.

Oficialmente, a *British Rail* não podia ser vista a levar a previsão a sério. No entanto, dois anos mais tarde, o acidente ocorreu em Lincolnshire exatamente como previsto. Uma locomotiva a gasóleo azul que rebocava vagões-cisterna de petróleo atingiu uma automotora regional, e uma jovem morreu. Os detalhes correspondiam à previsão apresentada em todos os pormenores, exceto num: a locomotiva de mercadorias no desastre tinha o número 47 299.

Contudo, o entusiasta de comboios Howard Johnston, que vivia perto do local onde a locomotiva estava sediada, tinha motivos fundamentados para ficar atónito, pois tinha reparado que a locomotiva 47 216 fora renumerada como 47 299 em dezembro de 1981, quase exatamente dois anos antes do acidente. Ele ficou intrigado com isto porque as locomotivas a gasóleo da classe 47 normalmente só eram renumeradas acima de 500 após grandes modificações. A 47 216 não tinha sido modificada e tinha apenas assumido o número de uma locomotiva que tinha sido. Quando ele indagou no depósito por que razão tinha ocorrido essa ação estranha, falaram-lhe da previsão e informaram-no de que não tinham qualquer intenção de correr riscos! Uma vez que a 47 216 era suposto desastrar-se, alterar a sua identidade para 47 299 deveria evitar a catástrofe.

Infelizmente, isto parece ter sido um fracasso deplorável na tentativa de enganar o destino. A *British Rail*, embora admitindo que a história estava correta nos detalhes acima referidos, disse que tinha registado oficialmente tudo como uma «coincidência surpreendente». Esse tipo de atitude é apenas demasiado familiar, mas o que nos diz isto sobre o valor da previsão? A locomotiva era a mesma e continuou a cumprir o seu horário. O novo número foi um trabalho de camuflagem, nada mais. Contudo, por que razão a premonição visualizou o comboio como estava numerado em

1981 e não como estaria numerado em 1983? E haveria alguma forma de a previsão ter salvo o comboio? Se a locomotiva tivesse sido retirada de serviço, o acidente teria acontecido mais tarde, quando voltasse à atividade?

Obviamente, existem ainda muitas coisas que não compreendemos sobre estes fenómenos esquisitos. Outro exemplo é a assombração muito estranha do estúdio da imensamente popular série de TV americana *Dallas*. Esta saga de uma dinastia petrolífera do Texas ficou devastada com a morte do ator Jim Davis (que interpretava «Jock Ewing», a peça-chave da família). No entanto, parece que ele afinal não deixou a série. A sua aparição tem sido vista regularmente por membros do elenco e por outros que trabalham ao redor deles.

Um fotógrafo de Hollywood viu a aparição junto a uma piscina onde as filmagens deveriam começar mais tarde. «Eu sei o que vi naquele dia incrível», insistiu ele. A atriz Linda Gray (que interpreta «Sue-Ellen Ewing») e Patrick Duffy («Bobby Ewing») confirmam alguns dos incidentes estranhos, incluindo a misteriosa fotografia que se endireitava por si própria. Este retrato de Jock continua a aparecer na série e, quando Jim Davis estava vivo, certificava-se sempre de que não estava torto. A mesma coisa aparentemente ainda tem lugar, por uma mão invisível, mesmo hoje.

Mas foi Barbara Bel Geddes, que interpretou a esposa de Jock na série até à sua retirada, quem teve o avistamento mais próximo e o mais esquisito. Numa altura em que, devido a problemas de saúde, ela lutava para conseguir gravar quaisquer episódios, «viu» o rosto dele refletido numa janela. Pensando que poderia ser o reflexo do retrato dele, voltou-se para trás. Não era. O rosto de Jock sorriu então e disse: «Tu consegues fazê-lo se aguentares firme, porque os miúdos precisam de ti.» «Miúdos» era uma expressão que ele usava frequentemente para descrever o elenco, predominantemente muito mais jovem.

A aparição de Jock tem sido aparentemente vista em vários outros locais também. Ele está sempre a sorrir e é considerado uma assombração muito feliz. Há muita especulação sobre a possibilidade de ele estar a tentar fazer uma aparição enquanto uma cena está efetivamente a ser rodada.

Pergunto-me como é que isso seria escrito nas reviravoltas do argumento! Mas certamente ajudaria a impulsionar as audiências na batalha de *Dallas* com a série rival *Dynasty*. Um fantasma é uma coisa que a família Carrington não tem!

Ao lidar com fenómenos estranhos, é preciso ser-se sempre cauteloso. Não pretendo provar-lhe que todos os eventos descritos neste livro tiveram realmente lugar. Por vezes, arrisco as minhas suspeitas. Noutras ocasiões, o leitor tem de se lembrar de que as pessoas no negócio do espetáculo adoram entreter, e que os meios de comunicação social também gostam de fiar histórias que não precisam necessariamente de ostentar mais do que uma semelhança passageira com a verdade.

Está em liberdade para usar isso como desculpa para afastar de consideração as ideias e especulações que ofereci neste livro. A escolha, como sempre, será sua. Mas se eu tiver razão, e penso que devo ter em parte, acabará por confrontar uma situação que o forçará a reconsiderar o seu ceticismo. Esse desafio à forma como encara o universo pode não acontecer hoje ou na próxima semana, mas poderia. O paranormal pode tornar-se real para si a qualquer momento. Espero que, se isso acontecer, me fale sobre o assunto (ver p. 169).

Por outro lado, a humanidade num sentido mais amplo pode ver os verdadeiros factos sobre a nossa dupla realidade serem-lhe impostos por um evento de grande magnitude, talvez imparável, que está lá fora à nossa espera para o captarmos. Suspeito que esse dia está a chegar, e a chegar em breve, e espero que, de alguma forma elementar, esteja a ajudar a preparar-nos a todos para lidar com esse tempo de compreensão.

Disse anteriormente que poderemos observar algo semelhante a uma mudança radical no campo da espécie ou na consciência planetária. Se isso acontecer, há duas maneiras de reagir. Pode lutar contra as novas correntes mas correr o risco de ser arrastado, ou pode deixar-se ir com a maré em direção a um novo horizonte. Acho o deixar-me ir muito mais agradável do que lutar contra a corrente. É uma prática que recomendaria vivamente. Siga o conselho de «Luke Skywalker»: que a força esteja consigo.

Secção de Referência

As perguntas são tentáculos que tateiam suavemente Os quais se estendem e acariciam a escuridão As respostas vêm apenas para os crentes Que se abrem à centelha

Quaisquer leitores que tenham experienciado algo invulgar e gostariam de transmitir isto ao autor podem fazê-lo (em confidencialidade, se desejado) ao cuidado de: *8 Whitethroat Walk, Birchwood, Warrington, Cheshire WA3 6PQ*.

As seguintes organizações e publicações são recomendadas para estudo aprofundado:

- **ASSAP** (*Association for the Scientific Study of Anomalous Phenomena*), *30 South Row, London SE3 0RY*. A ASSAP está aberta a qualquer investigador de boa-fé e realiza investigações e estudos de campo. Publica um fluxo regular de revistas e relatórios e, em articulação com a *Aquarian Press*, Reino Unido, está a publicar uma série de livros intitulada *The Evidence For—* [A Evidência De—]. Os títulos publicados em 1983 e 1984 são *UFOs* [OVNIs], *Visions of the Virgin* [Visões da Virgem], *Bigfoot, Alien Abductions* [Raptos por Extraterrestres], *Phantom Hitch-hikers* [Cboleiros Fantasmas] e *Bermuda Triangle* [Triângulo das Bermudas]. Muitos outros estão planeados.
- **BUFORA** (*British UFO Research Association*), *30 Vermont Road, London SE19 3SR*. A BUFORA é a principal sociedade de OVNIs da Grã-Bretanha, organizando palestras e conferências, realizando investigações e estudos de campo e publicando uma gama de revistas e relatórios. Tem contactos estreitos com organismos em todo o mundo e encaminhará quaisquer pedidos de informação internacionais.

Ambas as sociedades acima mencionadas dispõem de arquivos extensos que estão disponíveis para investigadores.

Notas

[16]: Mantido o termo em inglês por se tratar de uma expressão idiomática e cultural explicitamente referida no texto como tal (N. do T.).

[17]: No original: ghoul (N. do T.).

[18]: No original: prescripts. Conceito específico do autor para designar guiões ou guiamentos prévios de acontecimentos (N. do T.).